



CULTURAL



LITERATURA

FOTOGRAFIA

ARTE DIGITAL

INFORMAÇÃO

CULTURA

resistir

[*v.t.i e v.int*] re·sis·tir

vti

1 Oferecer resistência, geralmente a um poder ou força superior.

vti e vint

2 Manter-se firme; não sucumbir.

ETIMOLOGIA: lat resistere.

Ano 1
nº 4
out/nov.
2021

expediente

Ano 1 - número 4 - Outubro/Novembro - 2021

Paranaguá - Pr - Brasil

Nº SNIIC (Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais): AG-206110

Publicação Bimestral

Distribuição Gratuita on-line

Idealização: Paulo Ras

Editoria: Paulo Ras

Realização: Cultural Traços

Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.

As imagens não creditadas foram retiradas da internet e têm licença gratuita de uso.

Capa: pixabay

Site da revista: www.revistatracos.art.br

Contato: culturaltracos@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/culturaltracos>

A Cultural Traços foi criada para unir escritores, fotógrafos, músicos e artistas de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo. Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Política de direitos autorais

Autores que publicam na Cultural Traços concordam com os seguintes termos:

- Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja

citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos.

- A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

- Os direitos autorais são mantidos pelos autores e colaboradores, os quais cedem à revista o direito de publicação na revista, no site, facebook e instagram. Os autores e colaboradores não serão remunerados pela publicação de trabalhos.

- Como a revista é de acesso público, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias em aplicações não comerciais.



EDITORIAL

Resistir, do latim resistere, que vem de stare, significa manter-se de pé, contrariar a gravidade. Palavra em alta nos últimos 18 meses. Resistir. Ao vírus, aos boatos, às mentiras, aos ventos estranhos que assolam o mundo. Resistir ao caos, ao desinteresse pela cultura, aos interesses escusos, aos trancos e barrancos que colorem com tons surreais os nossos passos. Resistir ao isolamento, ao distanciamento, ao desânimo após o “boa noite” dos telejornais. Resistir aos vendilhões da cultura que devoram verbas públicas posando de engajados e ameaçam com doçura tácita qualquer um que, em suas imaginações decoradas com cifrões, possa tirar alguns caraminguás de seus bolsos carregados de hipocrisia e mentira.

O que nos resta a não ser contrariar a gravidade, ignorar os muros, romper os arames farpados e continuar, mesmo com um sem-número de cicatrizes e marcas? Por isso somos humanos, feitos de uma matéria, de uma fagulha que não desiste, que sempre nos impulsiona para o próximo desafio, mesmo ante as maiores intempéries, os maiores obstáculos. Mas nós, artistas, somos amalgamados com pitadas generosas de teimosia e resiliência, vamos em frente, persistimos,

resistimos, nos fortalecemos, afinal a arte é oxigênio, vício, voz e vida. A Cultural Traços nasceu da vontade de ser o meio, o megafone, para tantos talentos, para tantas vozes, tantas vidas, tantos universos, e apesar dos tempos de dificuldades, as horas de desânimo, os dias em que parecemos gritar no deserto, vamos em frente nestes ziguezagues da estrada que nos propusemos a trilhar, pois, acima de tudo, há um amor incondicional pela cultura, pela arte, pela alma inquieta e inconstante que habita cada artista, cada Quixote sonhador que ainda luta por sua Dulcineia de Toboso, com uma paixão que jamais se calará. Por essas e outras, resistiremos sempre. Até o final do ano como a Cultural Traços, em 2022 com o nome que as musas trarão direto das divindades do Olimpo para que nossos passos não esmoreçam nem se apaguem. Sonhadores? Somos. Se não o fossemos, de que adiantaria sentarmos em nossas casas nos cercarmos de tantas manias semeadas e cultivadas pelos nossos cérebros divagantes, apenas

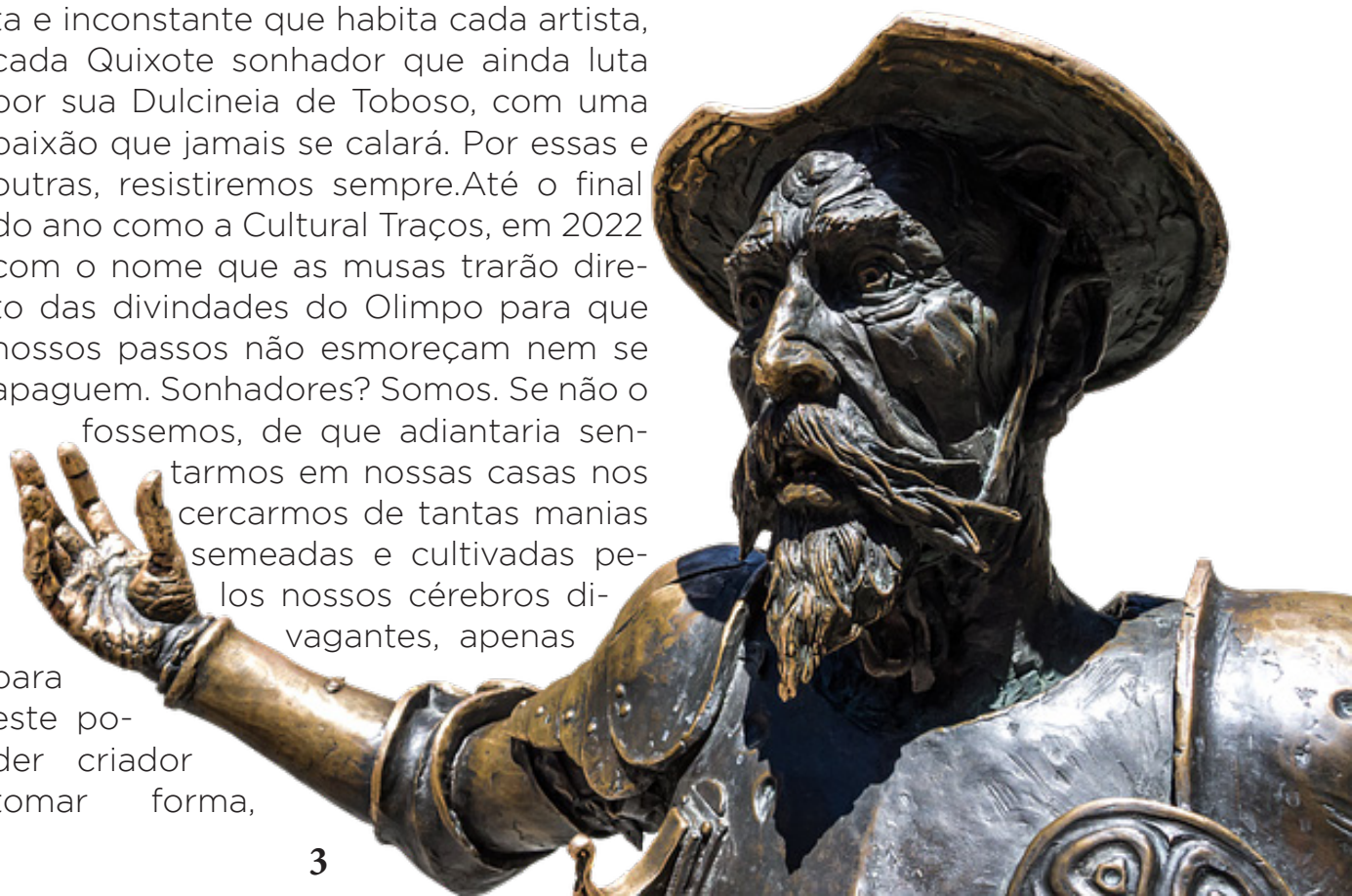
para este poder criador tomar forma,

fluir sem medo e transformar o branco, o silêncio, o breu, em arte.

Por isso vamos em frente, com novos colaboradores, com cada vez mais amigos, com os braços abertos para os que chegam, encharcados com esta utopia inabalável e incorrigível de acreditar que, juntos, podemos fazer a cultura girar.

Cultural Traços

Por amor à cultura. Para um mundo que sempre precisa de arte.



nesta edição

Colaboradores

• Alessandro José Padin Ferreira	07
• Arisson Tavares	08
• Fabiana Kretzer	09
• Geraldo Ramiere	10
• Jô Diniz	11
• Marga Cendón	12
• Maria Pia Monda	13
• Paulo Ras	15
• Roberta Ramos	16

Seções

• A casa é sua	18
• Dicas joinhas	20
• Pretéritos	21
• Prazer em conhecer	22
• Coisas que...	25
• Espaço SerEsta	26

Autores Classificados

Agnes Nagashima	28	Fabíola Terra Baccega	52
Aline Martins	29	Fernando Augusto Viegas	53
Aloisio Júnior	30	Fran Pigosso	54
Ana Luiza Oliveira	31	Gabriela Lagemann	55
André Nóbrega Novis de Oliveira	33	Geovanna Danforth	56
Bernar de Souza Gomma	34	Gislene da Silva Oliveira	57
Branca Lescher	35	Helder D'Araújo	59
Carla Barizza	37	Hera de Jesus	60
Carlos Vilarinho	38	Higor de Souza Mendes	61
Carol Rocha	39	Jader Cardoso Santini	62
Catarina Canas	40	Jamison Paixão de Oliveira	63
Cecília Campos	41	José Ronaldo Siqueira	64
Cesar Casella	42	Julia Mascaro Alvim	65
Claudio Luiz Ferreira	43	Juliano Oliveira	66
Dandara Brandão	45	Júlio Oliveira Neto	68
Daniela Funez	46	Male Carvalho	70
David Leite	48	Marcelo Paraíso Silva	71
Elisabete de Brito	49	Mariane Nunes	73
Eva Vilma	50	Maribel Cajete Vazquez	74
F. Bernardes Julius	51	Marina Alexiou	75

Milton Rezende	76	Rafaella Sthefany Pereira Araujo	87	Sidnei Olivio	98
Nina Garcia	77	Reinaldo Fernandes	88	Sigridi Borges	99
Patricia Ferreira	80	Renan de Oliveira	89	Teresa Barranha	100
Pedro Alfredo Ferro	81	Rodolfo Guimarães Neves	90	Thereza Cristina	101
Pedro Franco	82	Ronaldo Magalhães	92	Valéria Pisauro	103
Perpétua Amorim	83	Roque Aloisio Weschenfelder	93	Victor Azulay	104
Phillipe Sakai	84	Ryan Cássio	94	Vitória Costa	105
Pistols Barreto	85	Sandra Ramos	95	Waldemar Nicolau	106
Pow Art	86	Saul Cabral Gomes Júnior	96		



Cultural Traços, edição 4
 Aos que ousam, aos que sonham, aos que
 pensam, aos que criam, aos que resistem.

collaborates

**ALESSANDRO JOSÉ
PADIN FERREIRA**
Praia Grande - SP

OS CAVALOS SELVAGENS

Poeta, professor universitário e jornalista. Após anos dedicados à atividade jornalística e acadêmica, retomou sua produção poética. Está preparando o seu primeiro livro.

<https://medium.com/padin>

O homem como centro de tudo. Que baboseira infeliz é essa que passamos a vida inteira tendo como crença absoluta. Acumulamos coisas, nós, o povo da mercadoria, como bem diz o xamã Davi Kopenawa Yanomami. Queremos, compramos, destruimos e ainda gargalhamos sadicamente nos túmulos dos velhos sábios.

Um dia, com a minha mochila cheia de mercadorias, andei por estes lugares onde pássaros reinam e a pele curtida na melodia sofrida dos tambores africanos sorriem com ternura, nos deixando pequenos, bem pequenos, como deve ser. O pó da estrada e das curas que levamos tempo para descobrir. O sopro do sábio que é graça.

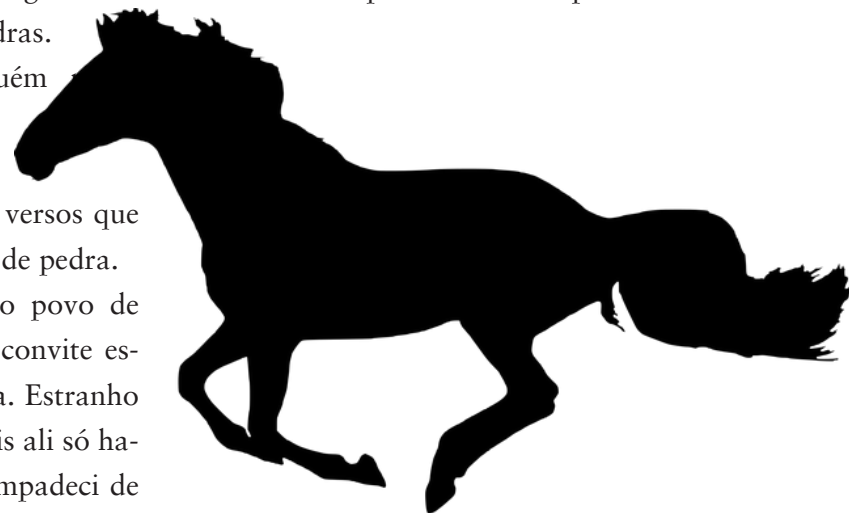
A dona Lucíola e o seu sorriso ancestral, recebendo os meninos naquele lugar mágico chamado São Gonçalo do Rio das Pedras.

“Perto de mim, menino, ninguém fome”. E as ervas transformadas em cinco, seis pratos. A poetisa centenária, sua querida mãe, e os versos que brotavam como mágica nas vielas de pedra. Respeitem nossas tradições, diz o povo de Milho Verde. Modos, modos. O convite estranho para uma cerveja na colina. Estranho para nós, povo da mercadoria, pois ali só havia afeto e partilha. Como me compadeci de

culpa por não ter visto isso. E só havia amor e risadas naquela tarde que anoiteceu em música e gratidão, enquanto os discos-voadores não vinham.

Como esquecer do refúgio dos cinco amigos da suíça que ousou sonhar sob as estrelas e aquela noite na lareira com o menino apaixonado ao violão e os cavalos selvagens de Mick Jagger e Keith Richards encantando sua companheira. Eu, embriagado de vida, querendo que todos os sinos das velhas igrejas tocassem eternamente pelas montanhas da Serra do Cipó.

O homem como centro de tudo, que baboseira. Prefiro minhas lágrimas brotando infantis no espaço vazio da ausência e a procura eterna do sentido naquelas cachoeiras e caminhos onde eu e a minha menina de olhos claros fomos abduzidos para todo o sempre.



ARISSON TAVARES

O AMOR SEMPRE VENCE



Escritor, jornalista e cartunista do portal Só Notícia Boa, sendo finalista na 52ª edição do Prêmio de Comunicação da CNBB.

Saiba mais acessando:
<https://arissontavares.wixsite.com/site>

FABIANA KRETZER

Florianópolis - SC

HÍDRICA

Mergulhei...
sou líquida agora

Sou hídrica mulher
a escorrer

Escorro ventre
sangue,
jorro hormônios
gotejo leite
e
verto verbos
muito
muito afiados

Hídrica mulher fálica
falo,
gargalho e
posiciono

Hídrica,
simplesmente hídrica

Mergulhei...

Sou líquida agora
e líquida
pra depois do agora.

A mante das águas,
sou hidra, escre-
vo a escorrer tex-
tos curtos, textos
em silêncio, sonoros ou ima-
géticos. Observo bem-te-
vis, mergulho no fofo das
nuvens, encontro a palavra
no meio das árvores.

GERALDO RAMIERE

Planaltina - DF

ATRAVÉS

Atravesso a avenida com o coração transpassado

Intransitivamente transito perante um trânsito
Que interrompido e impaciente, espera feroz
Perante ininterruptos transeuntes entorpecidos
E nos segundos desse sinal que se fecha
Meus olhos permanecem abertos e perdidos
Pelas alturas espelhadas dos prédios
Nos observando com indisfarçável pavor

Com o coração transpassado atravesso a avenida

Nesta cidade que não foi feita para pés
Ouso desafiar a dinastia do asfalto
Com passos lentos e sentimentos acelerados
E sob a sinfonia agressiva das buzinas
Quase não consigo ouvir os sons
Dos berros, da freada e do meu corpo
Que voa atravessando um para-brisa

A avenida transpassada com o coração atravesso

Sorrindo, percebo diante de mim interrompidos
Automóveis e pedestres, parados perplexos
Enquanto lá do mais alto andar observo
Após almoçar, pousando tranquilamente
Meus olhos contra o vidro, imaginando
O que sente cada um naquela multidão

Com a avenida transpassada atravesso o coração.



Poeta e contista de Planaltina-DF, além de professor de História e produtor cultural. Desde 2002 tem obras publicadas em forma escrita (periódicos, antologias e revistas literárias) e no meio virtual.

JÔ DINIZ

Belo Horizonte - MG

CIRCUM-NAVEGAÇÃO

eu sugo o mundo blindado pelo vidro
beijo cercado contra a placa de poliestireno
desço subo navego num retângulo raso
não encontro terra e não encontro porto
e navegar o tempo todo enjoa qualquer marinheiro velho
por trás dessa lâmina tem que ter o que seja tocável
um lugar pra eu sentir na pele
vida de pão e tulipas
e não de metal e plástico.

A ndar de bailarina, olhos de não ver o que se subentende pulsando no peito, foge da própria natureza, mas a arte, sempre ela, a encontra na esquina, oferece mil promessas e a tira pra dançar.

MARGA CENDÓN
Uruguaiana - RS

Tem algo inquietante
na ventania
que afaga
enquanto conduz
ao abismo.
É como sentir-se
pássaro
buscando abrigo
no avesso das coisas.

Marga Cendón é artista plástica, fotógrafa amadora e escritora com dois livros publicados - Lonjuras, 2013 e Sal e Trigo, 2014, ambos pela Editora Via-pampa. Integra oito coletâneas, dentre elas, Os Cem Melhores poemas do Twitter, 2013 e Contos de Pampa e Fronteira, 2019.

www.margacendon.com.br



MARIA PIA MONDA
Belo Horizonte - MG

CONTAR

Sempre contei com a minha capacidade de enfrentar o caminho, tentando contar quanto tempo ainda faltava e, agora que quase cheguei, estou me dando conta do quanto é difícil contar.

Não que seja complicado somar um, dois, três, quatro, até cem, até duzentos, até o infinito.

Qualquer um sabe arrastar uma procissão metódica de cifras, mnemonicamente, por convenção, desde que um descuido ou mesmo uma mínima incerteza não estrague a contagem e, aí, vem a dúvida: esqueci um número? Pulei uma cifra? Calculei mal?

Onde não falha a prática, o erro pode surgir por distração, se não por tédio.

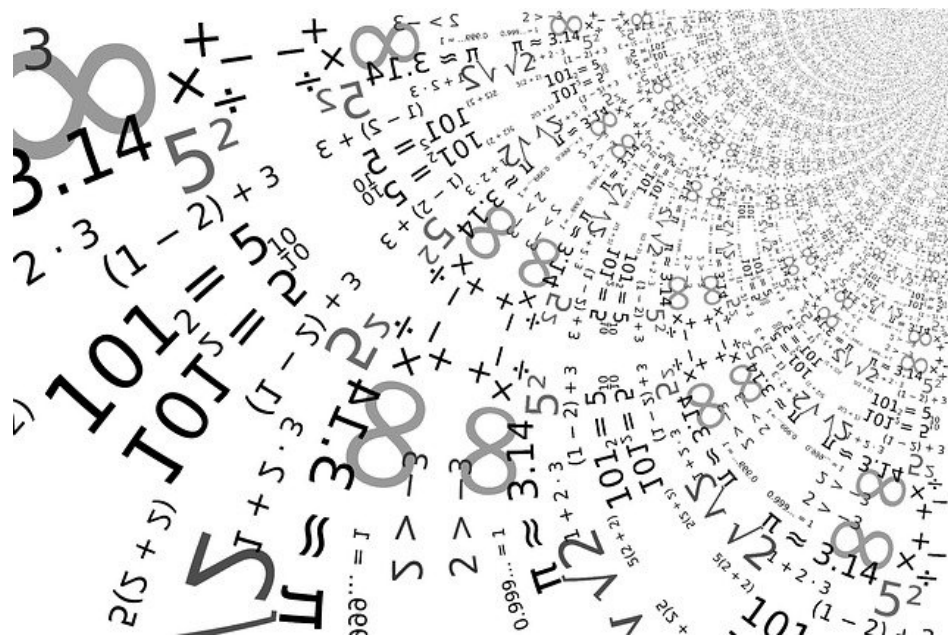
A mulher que me serve o café e os ovos mexidos tem um rosto cansado e quadris largos, que sacode como se precisasse se livrar de um peso invisível, mas enorme.

— Poderia me trazer o açúcar, por favor?

Ela não me responde; só balança a cabeça, enquanto se afasta.

Como é ruim me dar conta que não conto mais para nada!

Já parei em vários lugares como este durante minha viagem. Pontos escolhidos aleatoriamente nos mapas que eu mesma desenhei. Entre eles, quilômetros de esperas e alcances,



espaços abertos aos sonhos e as aventuras, ocasionalmente aos pesadelos.

Se fosse apenas uma soma, poderia dividir o total de meus anos em tantas novas juventudes e aproveitar as estações que avançam, para vivê-las sem medos.

Se fosse apenas pelas sequências, por uma sucessão progressiva de um número ao seguinte, de um ponto ao outro, não haveria problemas, mas não posso me esquecer dos xis, das equações, das expressões, das frações.

Acho que minha dificuldade em contar com algo, com alguém e, às vezes, até comigo mesma, sempre dependeu disso.

Porque a incógnita pode estar em toda parte. Porque tudo pode mudar em um piscar de olhos. Porque parênteses e colchetes não são suficientes para entender e resolver uma expressão.

Os vidros das janelas não filtram os raios de

Maria Pia Monda, italiana de Napoli e, desde 2015, residente na cidade de Belo Horizonte, é autora de poemas e contos, publicados em revistas italianas e brasileiras.

CONTAR

MARIA PIA MONDA

Belo Horizonte - MG

sol e, de repente, um cone de luz, invadindo o conforto das sombras, me envolve e me ilumina como um espectador que, escolhido ao acaso na plateia, fosse convidado a subir no palco para atuar o final de uma comédia, cujo enredo e título ele ignora.

Meu número é uma cena que atuo com falsa perícia. É difícil acostumar-se à fragilidade, quando para de ser um costume accidental e torna-se um hábito consuetudinário.

Não. Contar não é nada simples. Porque as contas sempre encontram uma maneira de não bater, mesmo quando contara-se de poder contar para sempre.

Improviso confiança, depois me rendo ao embaraço, abaixo a cabeça e aperto a xícara com ambas as mãos. Mãos inchadas e cheias de manchas, mãos que já teceram e contaram muitas histórias e que ultimamente tremem, embora não estejam frias.

O café, ainda amargo, ondeia contra as paredes de porcelana.

Envelheci sem perceber e, agora que troquei meus saltos para sapatos confortáveis, me pergunto o que os homens sentados na mesa ao lado pensam de mim. Se se deram conta de mim.

Tento adivinhar quantos anos eles têm. Não duvido que eles consigam contar, que cada um deles tem alguém com quem contar.

As cadeiras vazias me lembram que, afinal, minha solidão é matemática, ou melhor, é apenas uma má temática, que aprendi a ignorar, trocando os assuntos incômodos por pensamentos leves.

A mulher de quadris largos lembra-se de mim e põe vigorosamente um açucareiro e uns saquinhos de adoçante sobre a mesa.

Conto uma, depois duas, colheres de açúcar. Um número par para aliviar o desamparo.

Porque os números não são todos iguais. Os números são como as pessoas.

Podem ser positivos, negativos, racionais, irracionais, complexos.

Que tipo de número me define nessa altura?

Quanto conta minha idade?

Fecho o parêntese e, junto com esse pensamento, fecho também a conta.

Afasto a cadeira e lentamente me levanto.

São poucos os metros a percorrer para chegar até a saída, mas prefiro não contá-los.

Gosto de pensar que ainda são inúmeros os passos que preciso mover, antes que minha viagem termine.

PAULO RAS

Paranaguá - PR

FUTURO

Teus passos entraram casa adentro, invadiram o quarto, deitaram no leito, em um tempo em que eras pouco, era nada, era ave sem ninho. E o que entregaste? A traição pérfida da Judinhas de saia plissada e meia três quartos, posando de boa moça aos olhos dos lobos ensandecidos no covil dos sanguinários. A grande prostituta é o teu reflexo no espelho, com teus ares de inocência, com teus olhos de perfídia. A Babilônia se dobraria aos teus pés, pois nem ela apunhalaria aqueles que a alimentaram durante os dias da penúria do cerco, em que nem os cães ousavam lamber tuas feridas expostas. Vá, ande entre os gentios, lave os pés dos abutres com teus cabelos, deite com os usurpadores do trono de Zeus. Mas quando o sorriso for tolhido do teu rosto de mundana, quem lavará teus pés? Quem te livrará das

pedras nas ruas de Jerusalém? Acaso serão aqueles que profanaram o templo e se refestelaram na própria iniquidade? E tu andarás pelo ermo do mundo, pois teu sexo ímpio tem preço, mas teu corpo tem tempo. Vá. Já deste a cabeça de João Batista em uma bandeja de prata e ganhaste os teus trinta dinheiros. Agora parta. Vá, perambule pela tua torpeza e chegue à tua Spinalonga. Lá não haverá ais, ranger de dentes, nem o perfume sulfúrico do mar em putrefação. O vazio e o silêncio te cortejarão a carne e tu, então, partirás pelo caminho deserto dos que traem o que é ideia, o que é mundo, o que é verdade. Neste dia, o tempo cairá calmo e um fio de água potável molhará os pés da mulher virtuosa, da criança em festa, e o teu nome será esquecido pelo hiato de mil eternidades.

Utópico, tem certeza de que a arte salva, a literatura liberta e a cultura oferece meios para que cada pessoa se entenda, para que cada um ouça e decifre o grito contido na própria voz.



ROBERTA RAMOS
Sintra - Portugal

criação

Besunta as mãos de barro. A quantidade de água usada é a mesma que o avô disse a seu pai para usar, foi aprendido assim desde sempre. Se o Criador fez o



macho, a fêmea, o bicho, a flor, ele também faz, as figurinhas enfileiradas nas prateleiras. Algumas receberão demãos bonitas de tinta, outras irão nuas, que os turistas também gostam. Quando a criatividade não vem, modela pratos, xícaras e vasilhas sem prestar atenção, os dedos as conhecem de cor há cinquenta anos. Os cabelos estão brancos, as rugas cada vez mais profundas, barro nenhum no mundo as consegue cobrir. Está inspirado. Começa a modelar a filha que nunca teria. Os cabelos, a boca pequena, pinta um vestido encarnado, parece uma princesa. A gestação duraria uns dias, o tempo de a argila secar.

Finalmente pega a figurinha pronta, delicada, nas mãos duras. Frágil demais para ele.

Joga-a no chão. Pedacos e pó de barro, o vestido em frangalhos.

Seca um arremedo de lágrima nos olhos.

Besunta as mãos de novo e modela uma xícara.

Professora de português, procura na escrita o prazer de falar sobre as coisas simples. Vive em Sintra, Portugal, país que a adotou com carinho.



seções

a casa é sua

A revista SerEsta é uma publicação temática, constituída por escritores, ilustradores e fotógrafos amadores. Em suas páginas vários artistas homenageiam autores que marcaram época na nossa literatura. A SerEsta é uma grande parceira da Cultural Traços, e por isso mesmo está ilustrando a seção "A Casa é sua", para falar um pouco mais a revista e do seu trabalho para divulgar a arte em um país tão carente da mesma. Bora conhecer esse pessoal apaixonado por cultura?



Como surgiu a ideia de criar a Revista SerEsta?

SerEsta - Os integrantes da SerEsta, todos apaixonados por arte, produziam individualmente até a participação num projeto escolar, constituído por uma Antologia Ilustrada e que foi publicada num Sarau em 2017. Eram, na ocasião, amadores. Hoje em dia, alguns já são profissionais na área. Assim formou-se um grupo artístico que decidiu sistematizar seus estudos a partir da escolha periódica de artistas a serem pesquisados. Num encontro literário, ocorrido para celebrar o êxito da Antologia, onde não faltaram declamações, apresentações de trabalhos artísticos, muita comida e um bom cafezinho, foi criada a Revista SerEsta, semestral, on-line e gratuita, como forma de

dar maior visibilidade aos trabalhos artísticos do grupo e incentivar mais pessoas a estudarem e produzirem arte. Após a publicação da primeira edição, organizamos um concurso literário sobre o artista homenageado. A partir de então, há um concurso a cada edição para o qual estão convidados todos os leitores.



Como são escolhidos os artistas homenageados?

SerEsta - A escolha é feita pelo Conselho Editorial da Revista SerEsta. Os homenageados são escritores que se destacam e que engrandecem a literatura nacional. Cada um sugere um nome e, após um consenso, é divulgado o nome escolhido.

Como é feito o processo de seleção do material enviado para a revista?

SerEsta - Após a escolha do escritor homenageado, cada integrante da revista estuda a vida e as obras desse escritor e, a partir de então, começa a produzir. Pode ser um poema, um texto em prosa, uma ilustração, uma fotografia ou uma escultura, qualquer forma de arte que



Atrás: Wanessa e Sigridi. Depois: Patricia, Vinícius e Daniela. Sophia, Rodrigo, Vitória, David.

uma revista eletrônica comporta. Mas há também o Suplemento semestral onde, através de um concurso literário, os leitores são convidados a fazerem o mesmo: estudar o escritor escolhido pela edição anterior e produzir arte. São selecionados 30 trabalhos e publicados também de forma virtual.

Quais são as etapas da

produção da revista, desde o envio dos trabalhos até a publicação?

SerEsta - Para a edição semestral, cada integrante da SerEsta entrega sua produção por e-mail para a diagramadora Sigridi, que se encarrega de ajustar todo o material e organizar a revista. A capa e a contracapa são de responsabilidade do João Alberto. O editorial e a biografia do autor escolhido ficam a cargo da Daniela. O entrevistado da edição é escolhido através de muita pesquisa e as perguntas são elaboradas pela Sigridi. A revisão final é realizada pela Daniela, pela Míriam e pelo Pedro. Quando a SerEsta está pronta, a Sigridi realiza a publicação no Calaméo e atualiza o blogue. Em relação ao Suplemento, os autores, através das orientações do edital, preenchem a ficha de inscrição e anexam seus trabalhos. Após o encerramento do prazo, as obras são reunidas num arquivo e distribuídas para seis componentes da equipe,

a casa é sua

Daniela, David, Míriam, Pedro, Sigrídi e Simone, que se encarregam de escolher 30 participantes cada um. As escolhas são computadas e a lista dos selecionados é publicada. Antes da publicação do Suplemento é realizada a revisão de todas as obras pela equipe já citada. Cada selecionado recebe um certificado digital e tem seu trabalho publicado no Suplemento. Tudo fica permanentemente no Calaméo e no blogue.

Quais os principais obstáculos para a revista atingir um público maior?

SerEsta - A SerEsta é temática, o que exige um estudo sobre o homenageado e uma leitura mais aprofundada de suas obras que demanda tempo. Talvez isso faça com que muitos autores não se interessem em produzir algo tão direcionado. Outro obstáculo talvez seja a periodicidade com que é lançada a revista. A SerEsta é semestral e o grande espaço de tempo entre uma publicação e outra pode dificultar o vínculo com o leitor. Entretanto, tanto pela necessidade de estudo dos escritores homenageados quanto pela rotina de vida da equipe da revista, fica inviável uma produção com um espaço de tempo mais curto.



recebendo dicas de parceiros mais experientes, sugestões dos integrantes da equipe. Tudo para melhorar o visual e valorizar o trabalho dos artistas envolvidos tanto na produção da Revista como no Suplemento. Mudanças e projetos? Sempre. Mas ainda estão no papel. Vamos, aos poucos, colocando em prática. A equipe já está se preparando para comemorar os 5 anos de SerEsta. Teremos novidades. Aguardem!

Aonde os artistas e interessados podem encontrar a SerEsta?

SerEsta - A SerEsta possui um blogue (<https://revistaseresta.blogspot.com>), um e-mail (revistaseresta@gmail.com), está no instagram (@revistaseresta) e no Facebook (<https://www.facebook.com/revistaseresta>).

Deixe uma mensagem para os nossos leitores.

SerEsta - Tirem os sonhos do papel e se possível,

Já vimos que a SerEsta mudou o visual das suas páginas. Há mais mudanças e projetos pela frente? A equipe de produção da SerEsta está em constante aprendizado. O que dá certo, continua, mas sempre buscando novidades,

realizem cada um deles com outros sonhadores. A gente acaba descobrindo no processo que melhor do que o sonho em si, é a convivência, a troca, o crescimento do grupo envolvido. E se o sonho for artístico, ainda melhor e mais válida nossa mensagem. Porque arte é expressão e expressão fechada na gaveta ou até dentro de nós é como um pássaro de gaiola. Tem sede de liberdade, vontade de voar. Nem toda expressão é uma obra-prima, mas é sempre um exercício de criatividade, uma experiência sinestésica, um ampliar-se em direção ao mundo e aos outros.



Da esquerda para a direita: Rodrigo, David, Hadassa, Daniela, Vitória, Vinícius, Izabela, Paulo, Sigrídi. Ziraldo ficou entre Thaís e Milena.



dicas joinhas



A Revista SerEsta é uma criação de um grupo de professores e ex-alunos apaixonados pela arte e tem a finalidade de homenagear figuras proeminentes da literatura.

Acesse, leia, baixe, participe.

<https://revistaseresta.blogspot.com/>

O site Razões para acreditar tem como lema a frase “Não é que o mundo esteja pior, você que não fica sabendo das coisas boas que acontecem.”. Ali você encontra todas as novidades que vão te deixar mais otimista e o seu dia mais leve. Vai uma notícia boa aí?

<https://razoesparaacreditar.com/>



A Revista LiteraLivre é uma publicação brasileira de periodicidade bimestral, com distribuição eletrônica em PDF e totalmente gratuita. A missão principal é dar espaço aos escritores e artistas de todos os lugares, amadores ou profissionais, publicados ou não, que desejam divulgar seus escritos e mostrar seu talento de forma independente e livre.

<https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/inicio>

A Revista Prosa, Verso e Arte foi criada para apoiar o nosso trabalho já realizado no site Templo Cultural Delfos, um repositório Digital de conteúdos culturais, educacionais, artísticos e científicos, considerado por muitos uma das maiores referências biobibliográficas de autores literários do Brasil e do mundo.

<https://www.revistaprosaversoearte.com/>

CONCURSOS



LITERÁRIOS

Você escreve e quer ficar por dentro dos melhores concursos literários do país? Acesse uma das referências do país e não perca nada. Esse é super indicado.

<https://concursos-literarios.blogspot.com/>

Hypeness é um site que, como diz o próprio slogan, oferece inovação e criatividade para todos. Com reportagens abordando estes temas, dá uma visão mais ampla e criativa sobre os mais diversos assuntos.

Confira. Vale a visita.

<https://www.hypeness.com.br/>

pretéritos

Gererê

Aluísio Ferreira de Abreu

Qual divina pincelada na formosura da baía de Paranaguá, estão as ilhas irmãs, que um braço de mar separou, talvez num dia de luta violenta. Mesmo assim continuam lado a lado, num interminável tête-à-tête, belas de folhagens, ricas de granito, suportando o eterno embate das águas. Bonito cromo a assomar de um rendilhado de espuma...

Gêmeas, conservam o mesmo nome, Gererê, que, na opinião do saudoso paranaense, Dr. Agostinho de Leão, parece corruptela de GY-R-ETÊ (muito machado), que o erudito historiador justifica como abundância de pedras destinadas ao fabrico de machados dos índios Carijós, primitivos habitantes do nosso litoral. Visitâmo-la agora por u'a manhã belíssima. Dezembro não nos proporcionara outro dia assim, de mais azul, nem mais luz!

No Paraná, o verão tem essa magnificência. Tudo é luminosidade, tudo é policromia, numa apoteose real de maravilhas, principalmente no litoral, quando então o erizado da imponente Serra do mar se acentua mais nítido no desenho irregular, qual moldura granítica, primorosamente talhada para a grandiosidade do panorama.

A ilha que primeiro visitamos é habitada. A um sítio-cabo-clo — que adquiriu os hábitos dos nossos praiheiros, vivendo a vida feliz e despreocupada destes — deram uma casinha rústica, de tábuas de pinho não caídas. Eleva-se ao centro de um montículo. Do cimo, descortina-se a cidade de Paranaguá, num apinhado de casas. A torre da Igreja da Matriz, branca-encardida, qual gigantesco pássaro de plumagem acinzentada, parece repousar na mataria vizinha. E o bairro do Rocio, mais próximo, assemelha-se a formoso tabuleiro de papoulas alegres, vermelhando ao Sol, com os telhados que sobressaem...

A outra ilha não possui moradores. Negou-lhe a Natureza veia d'água, para mitigar a sede dos que a busquem. Mesmo entre os homens tal diferença não é de todo rara...

Apenas essa a diferença entre elas. No resto, são inteiramente iguais: mimos com que o céu presenteou a baía de

Paranaguá, já de si tão bela pela mansidão eterna. Ambas têm leques verdes de palmeiras, avencas e samambaias variadas com que se ornamentam. Ambas, também, são arenosas, de uma areia muito branca e muito fina, com que formam semi-círculos de pequeninas praias...

Na que nos abrigou por momentos agradáveis, duas pedras existem, que nos dão a idéia de haverem sido imobilizadas, quando, em vertiginosa carreira, já se iam precipitar no oceano. Dir-se ia, qual em trecho de romance, casal de noivos felizes e enamorados, que gênio malfazejo e ciumento metamorfoseasse em granito...

Outra à orla da praia, emergindo do seio das águas qual monstro fabuloso, ouriçado de pêlos que os parasitas geram semelhando guardião vigilante, olha a terra distante, onde Domingos Peneda fundara a vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá...

Algumas são jarrões ostentando vegetação silvestre. Aqui e ali, pela subida suave, de formas variadas, rochedos assimétricos, fragmentos de obras de arte, como que abandonados por escultor fatigado...

Em redor, acenando com o lenço ebúrneo das asas, como a traçarem belas páginas de sentida saudade, as gaivotas passam em vai-e-vem contínuo, a escreverem incansavelmente a sua história, nas folhas crespas das águas que deslizam. E mergulhões, em arremêço de flecha, caem do alto dos céus abrindo círculos concêntricos nas águas que aos poucos se alargam, na pesca de todos os dias. E canoieiros que partem alegres, velas pandas ao vento, a trautear canções dolentes que o mar aprendeu a cantar, no júbilo de quem, no lanço abundante, garantiu o pão da existência... E, voejando no ar, poeira de luz, a lenda que ouvi dos singelos patrícios, sobre as ilhas irmãs, que um braço de mar separou um dia de luta violenta, pela indiscrição de uma delas (a mais mulher) no tempo delicioso em que as sereias, a brincarem nas praias, extasiavam, com melodioso canto, o navegador audaz...

Paranaguá, 7 de janeiro de 1944.

O programa “Coisas Nossas” surgiu em novembro de 1943, na rádio Difusora, com o objetivo de falar sobre as “coisas” de Paranaguá. Toda semana era um assunto diferente, que poderia ser uma personalidade da cidade, um fato histórico, uma história folclórica, uma data festiva. Vários historiadores, pesquisadores e intelectuais da época desfilaram pelos microfones da Difusora “Z. Y. O» 5”. O que ficou foram sete volumes com as transcrições do programa, que nos dão um esboço das ideias, tradições e costumes que marcaram uma época. Estes livros podem ser encontrados no IHGP, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, e algumas histórias serão transcritas na Cultural Traços, com a gramática e a grafia da época. O texto desta edição é “Gererê”.

Paulo Ras



Prazer em Conhecer

O talento, com alma brasileira, de Cris Marcos

O contato de Cris Marcos com a cerâmica ocorreu por acaso, em 2015, participando de workshops e aulas, quando iniciou a atividade por hobby e descobriu através da argila a possibilidade de desenvolver a criatividade e a Expressão Artística. A partir desse momento, ao mesmo tempo em que aprimorava seu conhecimento técnico no manuseio da argila, a criação pós-intuitiva já demonstrava a temática que adotaria conscientemente nas suas obras.

Todas as obras são inspiradas na natureza, animais e culturas do Brasil. A intenção é transmitir ao espectador a admiração a todas essas características do Brasil, com o objetivo de criar ou

resgatar o amor ao país e evitar a deterioração de nossa fauna, flora, paisagens e cultura. “Avaliando o surgimento dessa temática do meu trabalho, posso dizer que é fortemente baseado no Afeto. Minhas primeiras obras já eram uma representação inconsciente de experiências adquiridas em diversas viagens e caminhadas ecológicas nas férias de família.”, disse a artista. “Era intuitivo: criava e só então percebia que essa materialização de um lugar, animal, planta ou cultura na obra de arte representava o conforto e alegria de estar com minha família em momentos e lugares tão únicos.”, concluiu.

A primeira série, “Alma Brasileira em cores e Barro”, contém obras que representam culturas (com algumas esculturas que conduzem o olhar para a temática indígena), flores (Helicônias, Bromélias), animais (Cobra Coral, pássaro Guriatã, Ostra Ferida), paisagens (Morro Branco CE, Gruta Azul na Chapada da Diamantina BA, Encontro das Aguas AM, Lua Cheia, Saturno). Essa série “Alma Brasileira em Cores e Barro” está atualmente em exposição no Complexo Cultural do Teatro D @teatrodcomplexocultural

Atualmente a ceramista está desenvolvendo a série “Pássaros do Brasil”, onde as cores, formatos e beleza desses animais serão evidenciados para atingir e sensibilizar o observador.



Por fim, Cris explica que seu trabalho em cerâmica é todo feito em modelagem manual de placas de argila com queimas em alta temperatura realizadas em fornos elétricos, em torno de 1.230 graus.

O perfil de Cris Marcos no Instagram e a página no Facebook contém o catálogo de suas obras: @ceramicaterrae por CRIS MARCOS.

No site www.ceramicaterrae.com.br há mais detalhes do trabalho.



Prazer em Conhecer

Entre o céu e a terra, de Vivien Zanlorenzi

Vivien Zanlorenzi /abril de 2021

A artista

Vivien Zanlorenzi é formada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná EMBAP, em Superior

de Gravura, 1992/1995. Pós-graduada em História da Arte pela mesma instituição, em 2002. Trabalhou até o começo da pandemia em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba. 33 exposições coletivas nos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo e

Rio de Janeiro e Argentina. 4 exposições individuais e 11 Salões de arte. Participação no Livro Sobre Gentes Artes 2020. Entrevista na Revista Toró em janeiro de 2021 e Revista Sucuru em abril de 2021. Aprovação em 5 editais em 2020, sendo um deles na Funarte/RespirArte.

<https://vivienzanlorenzi.wixsite.com/art-portfolio-pt>

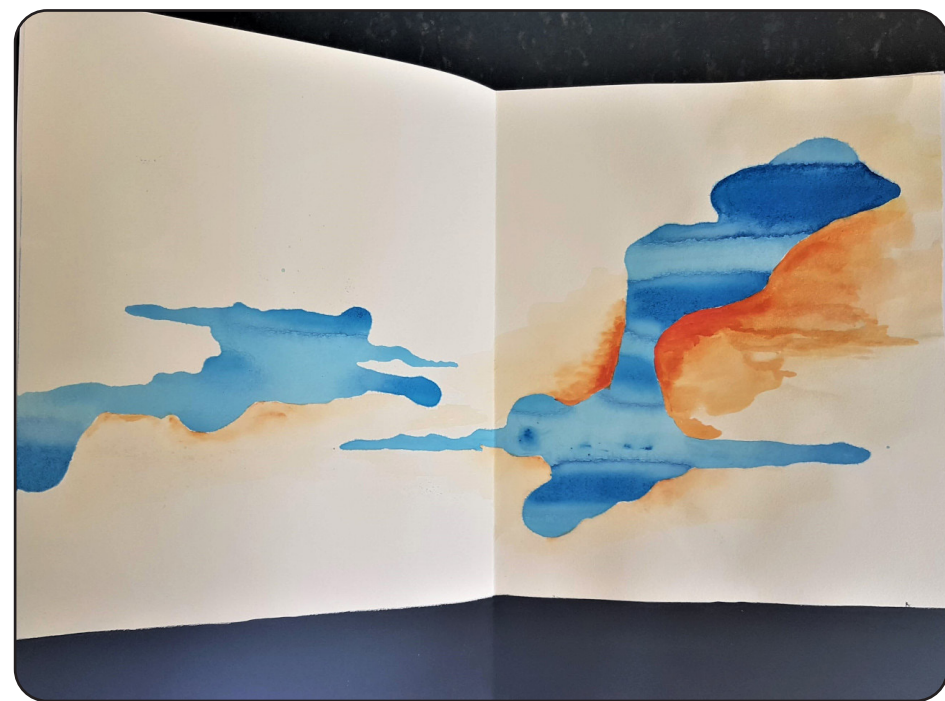
O que há entre o céu e a terra? Não sou muito de clichês, mas não poderia deixar de citar Shakespeare. “Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia”. Tenho pensado muito nisso, gosto de pensar que existe um lugar melhor, em um céu religiosos, não em um céu apenas que aves voam e aviões passam, mas sim um céu aonde possamos ter acolhimento espiritual reconfortante. Imagine quantas pessoas morreram neste período de pandemia, o céu está cheio de “vida”, está em festa com tantas pessoas maravilhosas que nunca deveriam morrer e morreram prematuramente. Como o apocalipse fala, só os ruins de coração ficarão na terra, porque os bons vão antes, para não sofrer as agruras terre-

nas. Será? Isto que nos resta? Viver em um mundo nada agradável?

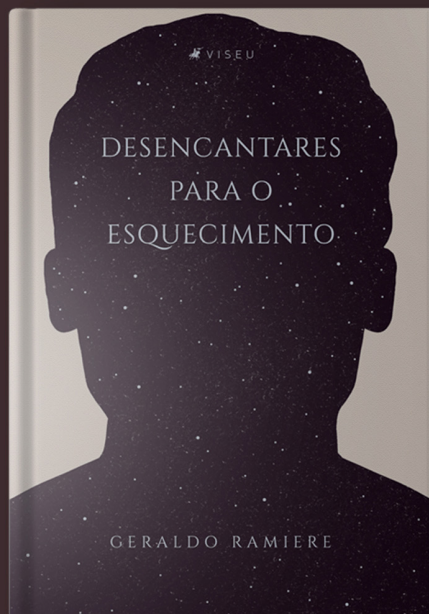
Esta série “Entre o céu a terra” a qual transformei em livro da artista, é uma pequena homenagem a todos os que partiram na hora errada, partiram cedo de mais, dizem que morremos na hora que temos que morrer e nem um dia antes e nem um dia depois, mas acredito que este ditado não cabe nesta situação. Uma situação pandêmica a qual ninguém estava preparado e nem imaginava passar por isso.

Representei a terra como um negro profundo e o céu com cores suaves e iluminadas. Em momentos fica mais distante e em outros momentos o céu chega muito perto da terra, buscando vidas. Nas páginas opostas as pinturas estão nomes de pessoas que partiram, em uma busca incessante do meu ser em homenageá-las. Pessoas cada uma com histórias particulares únicas e intensas.

Livro da artista concebido por



Colaborador da Cultural Traços lança livro de poemas

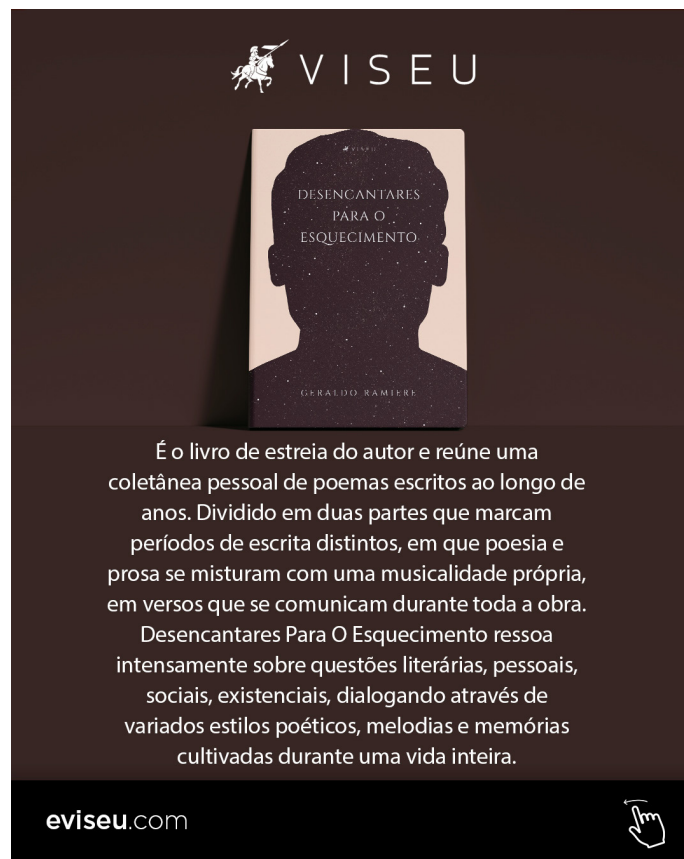


DESENCANTARES PARA O ESQUECIMENTO (Editora Viseu, 2021), é o livro de estreia de Geraldo Ramiere e reúne uma coletânea pessoal de poemas escritos ao longo de anos, dividido em duas partes que marcam períodos de escrita distintos, em que poesia e prosa se misturam com uma musicalidade própria, em versos que se comunicam durante toda a obra. Desencantares Para O Esquecimento ressoa sobre questões literárias, pessoais, sociais, existenciais, dialogando através de variados estilos poéticos, melodias e memórias cultivadas durante uma vida inteira. O livro pode ser adquirido diretamente no site da editora através do link: <https://www.eviseu.com/pt/livros/2013/desencantares-para-o-esque->

cimento/

Quem é

Geraldo Ramiere (01/07/1981) é poeta e contista de Planaltina-DF, além de professor de História e produtor cultural. Desde 2002 tem suas obras publicadas em forma escrita (periódicos, antologias e revistas literárias) e no meio virtual. Possui o blog literário Céus Subterrâneos (ceussubterraneos.blogspot.com) na qual divulga seus escritos.



Suicidadosores

Na primeira vez que tentei me matar
Eu era apenas um adolescente ainda
Tomei uma mistura de remédios
Florbela Espanca então surgiu
Dos meus lábios sugou o veneno
E faleceu em meu lugar

Na segunda vez que tentei me matar
Tinha pouco mais de vinte anos
E decidi abrir o gás antes de dormir
Foi quando Torquato Neto apareceu
Retirando-me de lá rapidamente
Morrendo ao me resgatar

Na terceira vez que tentei me matar
Era meu trigésimo aniversário
Subi na janela do alto de um prédio
E quando estava prestes a pular
Ana Cristina César puxou-me pela mão
Caindo sem que eu nada pudesse fazer

Na quarta vez que tentei me matar
Não recordo qual era a minha idade
Apontei uma arma para meu peito
E ao disparar, não vi Maiakovski
Jogando-se na hora bem na frente
Agonizando até o fim em meus braços

E atualmente em poesia sobrevivo
Não pensando mais em me matar
Contudo, tenho a total consciência
Que chegará o dia em que eu precise
Salvando algum poeta desconhecido
A minha própria vida arriscar.

coisas que...

vi

Manhãs de Setembro conta a história de Cassandra (Liniker), uma mulher trans que trabalha como motogirl em São Paulo e que tem na música sua maior força. Cassandra vive um momento de estabilidade: ela consegue alugar um apartamento só seu e descobre o amor na figura de Ivaldo (Thomas Aquino). Contudo, tudo se complica quando sua ex-namorada, Leide (Karine Telles), reaparece com um menino que diz ser seu filho.

Manhãs de Setembro é um retrato com cores reais e poéticas de muitos relacionamentos. A série mostra com uma força única como a vida pode surpreender e nos tirar de caminhos traçados e projetos de vida. A primeira temporada é curta, e por isso mesmo, não abre espaço para encheção de linguiça nem para rodeios e barrigas na história. Vale a pena sentar e assistir. Liniker surpreende no papel principal e, nem é preciso dizer, quando solta a voz para interpretar as canções de Vanusa (aliás, uma baita e merecida homenagem.) mostra todo seu talento ímpar.

A 1ª temporada tem 5 capítulos. Em outubro devem começar as gravações da 2ª.



li

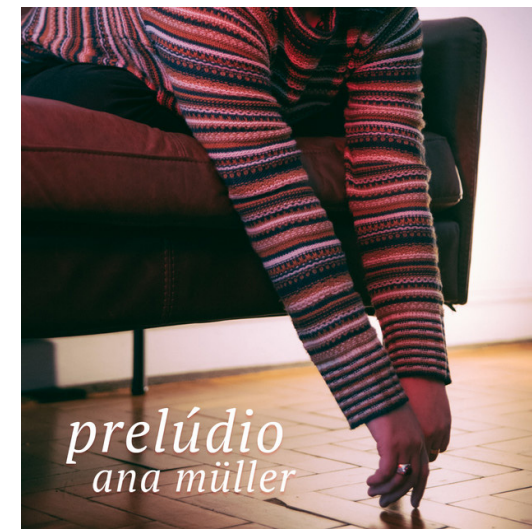
Quando pequeno, Cristian assistia maravilhado a um programa de TV que contava com uma travesti. O garoto morava em uma pequena cidade da região de Córdoba, interior da Argentina, e, aos poucos, se reconheceu naquela personagem. Adolescente, decidiu fazer a transição para Camila. Era a única habitante trans de Da Falda, que contava com pouco mais de 5 mil pessoas. Em meio às inevitáveis adversidades, Camila Sosa Villada logo descobriu que a escrita era um ato íntimo de resistência. Assim, depois de se mudar para a capital Córdoba, ela cursava Comunicação Social e Teatro na universidade pela manhã e, à noite, se prostituía no Parque Sarmiento - lá, foi acolhida pelas travestis e, pela primeira vez, encontrou seu lugar de pertencimento no mundo.

A experiência inspirou o livro **O Parque das Irmãs Magníficas** (Tusquets), sensível relato que, com pitadas confissionais, vagueia tanto pelo conto de fadas como história de terror. Com uma escrita inebriante, Camila utiliza recursos do realismo mágico para descrever personagens como Tia Encarna, espécie de líder das travestis que surpreende ao adotar um bebê. O romance ganhou um prêmio na Feira do livro de Guadalajara, do México, o que aumentou o prestígio literário de Camila. (exame.com)

Livro lido, a narrativa não linear, ora realista, ora mágica, mas sempre com uma perspectiva nua e crua da realidade das ruas, nos oferece um tesouro da literatura argentina e que vale a pena ser lido por todos que gostam de uma história forte e marcante. Vale a leitura, este é um daqueles livros para serem guardados e relidos sempre.



ouvi



Ana Müller lançou em dezembro de 2020 o projeto **Prelúdio** na íntegra, que reúne regravações em alta qualidade de músicas que marcaram a carreira da artista e uma inédita.

Prelúdio conta com faixas já conhecidas como “Fragmentar” e “Me Cura”, além da canção inédita “Que Que É Isso Doutor?”. Todas elas, em uma iniciativa inédita do selo Taquetá – “Ao Vivo Na Sala Taquetá” – ganharam vídeo em seu canal do YouTube que podem ser assistidos: <https://www.youtube.com/user/ana4music>.

O álbum é intimista e cheio de brasilidade. É daqueles discos para ser ouvido com as luzes apagadas ou os olhos fechados, curtindo cada trecho das músicas e voz marcante de Ana Müller. Dê um tempo na correria do dia, e escute o álbum. Você não vai se arrepender.

Prelúdio pode ser ouvido em todas as plataformas digitais.

Traço

Num ponto, Te acho
Te encontro, compasso
em meio aos destroços

Conquisto e caço
reconstruo os cacos

reescrevo o que é nosso
no traço da linha
nos versos escritos

nos poemas cantados
e na ponta dos dedos

nos beijos roubados
no meu eu apaixonado

- Izabela Sanches

- Milena S. da Silva

seleccionados

AGNES NAGASHIMA

Londrina - PR

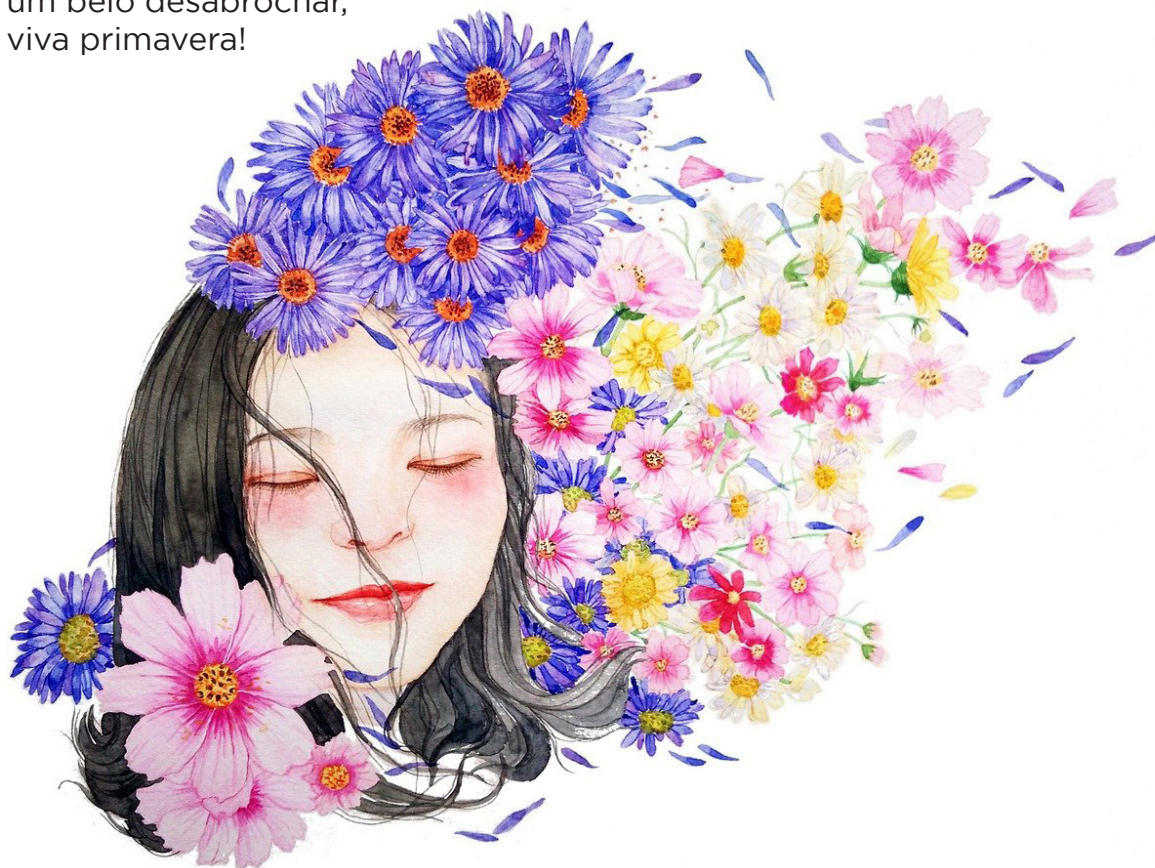
HAICAIS DE PRIMAVERA

Galhos contorcidos,
no botão, cores e pétalas.
Estação das flores.

Brisa de setembro
com perfume de lavanda,
aragem de paz.

Com asas ao sol,
o colibri beija a flor,
um amor perfeito.

Rosas no jardim,
um belo desabrochar,
viva primavera!



Escreve contos e poemas, publicou em revistas e coletâneas. É acadêmica correspondente da Academia Internacional da União Cultural, faz parte da UBT Londrina e da Comissão de Autores da WebTv.

ALINE MARTINS

Rio de Janeiro - RJ

NATUREZA MORTA



o seio nu
exposto
agora peça-mármore em tua sala
não te saliva mais a boca
não te lasciva mais os olhos
e nem te desespera mais o cio

resta a palavra

Aline Martins, poeta e escritora de contos e prosa, nasceu em Nova Friburgo, na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 1970. Em 1992, mudou-se para a cidade carioca, onde estabeleceu-se definitivamente.



ALOISIO JÚNIOR
Belo Horizonte - MG

QUE PLEBEU SOU EU?

De Belo Horizonte, graduou-se em Odontologia. Em 2021, a caneta de alta rotação do Coronel Dentista foi substituída pela caneta do escritor, ao escrever o livro O menino que dormia de chuteiras.

Apena, instrumento do artesão de palavras solitárias esquecidas em baús imaginários, concedida a um homem incapaz de lidar com jogos de espelhos de alter egos indefinidos, invocou alguns instantes de sono. Nada como memórias acomodadas nas incertezas das horas das gavetas. Ele adormeceu. Esperava acordar com os encantados a lhe sussurrar histórias que não sabia serem suas.

Em sonhos, muitos reivindicam a fala. O barbeiro de anos mereceria a primazia. Entre um corte a la príncipe Danilo e a manutenção da dignidade por meio da franja geriátrica, dispensou o psicoterapeuta. No ritmo de cabelos esvoaçantes pelo salão, a língua mostrava-se mais afiada que as navalhas descartáveis a desenhar costeletas e pezinhos. Fofocas com pedigree masculino. No entanto, os filhos vieram e passaram a frequentar suas sessões psicocapilares. A partir daí, o Freud Mãos de Tesoura escolheu a cantilena dos assuntos familiares e, inevitavelmente, a psicanálise migrou para o bar.

No bar, escolheu o copo para lhe representar os sentimentos. Um autêntico eu lírico não lírico. Ou o contrário, já nem sabia. Ora cheio, ora vazio, o copo lagoinha o acompanhou em conversas infindas. Fez melhores amigos de um dia, outros para a vida toda. Não demorou muito para perceber sua incompetência, diria inapetência, como boêmio. Não se divertia como alguns personagens amados por garçons e mesas vizinhas, logo descobriu

possuir um fígado mauricinho. Não chegava a ostentar intolerância a glúten em praça pública, havia alguma dignidade em suas combinações enzimáticas. Mas sempre arregou aos bárbaros etílicos destilados. Do bar, procurou alguém a lhe dar algum merecimento em um campo de futebol.

Ah, o futebol...as chuteiras sempre o perseguiram. Sua alma talvez estivesse impregnada nos tufo de grama entre as travas do solado. Ou na vergonha do garoto sem coordenação motora a pedir para chutar os preconceitos. Desconfiou ser o zagueiro butineiro, maleducado, o mesmo a finalizar discussões filosóficas com cusparadas metafísicas. Como já dito, os sonhos hospedam a morada dos mais diversos narradores. Mas faltava ela. Sim, ela encouraçada de sonhos, escolhida entre tantos e tantas, uma musa do reino feminino a lhe dar voz. A bola.

De suas curvas, seus contornos humanos, enfim, seriam explicados. Como uma comprovação genética a justificar a imprevisibilidade de cada quique. A malquerença mediante chefes mal-amados. O vislumbre do gol inesperado, o momento do descanso no fundo do armário. Um dia, investido de coragem, penetrando a bola nos olhos cansados, lhe pediu sinceridade. Afinal, quem sou eu?

“Você é quem me maltrata, mas também quem me ama. Não peço muito. Apenas que me conduza, me chute. O resto pertence ao imponderável. Como a vida.”

ANA LUIZA OLIVEIRA
Belo Horizonte - MG

UHUH

saudade
é não procurar minhas respostas em suas marcas de nascença
ligando os pontos nas tuas sardas
caí na cama
e o cotovelo ardeu em febre com a idéia de mais um sentimento
em vão
amor sem correspondência
(queria estar falando em cartas)
ainda acredito no seu "te amo"
dito pensado na recompensa
boto fé até nos planos
pensei que podia esperar
pensei... reticências
se desculpar por ser você? Não deixa de ser
eu quem vim com a mania de amar
e enxergar somente teu lado bom
uma pena ser tão visceral e dissonante como o ar
o soluço talvez dissipe.
e vira tudo memória
tão líquido, que evapora
em mais um fantasma momentâneo
e acaba
sem nem começar
permaneço com o devaneio em histórias
saudade
é a raiz da árvore destruindo a calçada
após anos reprimida em concreto
se solta

Mineira, ariana,
atriz, professo-
ra e desenhista,
transmuta em arte seus sen-
timentos sobre o mundo.

ANA LUIZA OLIVEIRA

Belo Horizonte - MG

UHUH

meu âmago ainda o ama
ainda sente insetos no estômago
com intimidade sem sacrifício
alguém pra poder me explicar
por que te beijar parecia um vício ?
nível de encaixe
prazer
mistério
que hoje procuro no tabagismo
isso ninguém explica
entre tantas tentativas
entregas e estatísticas
por que nenhum deles
nunca
FICA?



ANDRÉ NÓBREGA
NOVIS DE OLIVEIRA

AS ESQUINAS DE SUNSET BOULEVARD

Extenso poder pretendido, nos ataques
dissimulados. Os pleitos oferecidos
nada resolvem. Cada esforço nosso

refaz o pólen. Todo um reino retorna,
por horas. Seu seixo silabado em glória,
suspeitas dúbias. Vergonhas dispostas

contornam reputações pontilhadas
em forma de cântico. Crisântemos,
cactos, no espaço. O esboço de pacto,

em nosso caminho. Confúcio, Lao Tse,
Mc Kekel não saberiam como, nem
por que. Fomos cúmplices da explosão

do Vesúvio, daquela conjugação
exagerada, dos verbos no gerúndio.
A orientação do triângulo de Aristóteles,

seu vértice e estudo. Seres argutos,
nutridos pela dissolução da lógica.
Alguma chave nostálgica para

montar, sem acústica, préstimos
ou denúncia, a beleza da próxima música.
Adúltera a chance da névoa nos envolver,

de novo. Yakisoba, leite requentado,
kinder ovo, sem surpresa alguma.
Uma represa de sofrimentos por liberar,

somente nos próximos anos. Planos
de varrer os cassinos em Las Vegas,
mesmo se você me achar um pouco piegas,

por querer passar um tempo, nas esquinas
conhecidas de Sunset Boulevard.



BERNAR GOMMA
Rio de Janeiro - RJ

MARIPOSA EM TRANSE



Carioca. Guitarista compositor. Iniciou sua imersão e trabalho visual em 2019. O conceito de suas obras é baseado no abstrato geométrico.

www.bernargomma.art.br
www.instagram.com/guitar-ramarolada

BRANCA LESCHER
São Paulo - SP

GUARDA COMPARTILHADA

Cantora, compositora e poeta. Lançou em 2016 o livro de poesias “Fibromialgia” e dois discos autorais “Branca” e “Eu não Existo” em 2017 e 2020. Participa do coletivo “Senhoras Obscenas”.

Separação. Divórcio. O tempo da separação não é o tempo que se conhece. É um tempo psicológico. Você continua a usar por mais tempo do que deveria o último anel que ganhou. Aquele brilhante que ganhou no casamento vira pingente do colar e você não o tira mais. De dez palavras que você diz, nove são o nome do ex, e seus amigos quase suspiram quando você vai chegando. Lá vem ela de novo, com a conversa de sempre.

Dizem que não é possível separar-se sem uma boa briga. A briga pode ser interna ou externa, psíquica ou através de terceiros. Eu escolhi uma briga mansa, comigo mesma, colocar-me no prumo depois de trinta e dois anos sendo parte de um casal. Parece clichê e, talvez seja, mas é preciso coragem, e muito lexotan, pra lidar com a angústia de começar de novo sua vida sem ter alguém para chamar de seu.

Após dois anos separados fomos, enfim, assinar a papelada. No dia marcado, o ex chega com um buquê de flores no Cartório. Eu não acreditei e falei: “oi, é pra ver se caso de novo ou tá só chutando cachorro morto?” Achei bizarro, mas assinamos tudo. Saímos de mãos dadas, (pra não perder o hábito) e fomos tomar sorvete na “Bacio di Latte” da Rua Pinheiros que fica detrás do Cartório, antes deixei o buquê no carro.

Com filhos adultos, a única guarda que restou para acertar foi a da casa de praia. Optamos pela guarda compartilhada, divi-

dindo as despesas da habitação e o seu uso. Ninguém gostou da nossa ideia, acharam que isso era um ato falho para não nos separarmos de verdade, mas nunca pensamos em vendê-la. Por que que se desfazer de um lugar que você construiu, sempre adorou, onde foi feliz, com amigos por perto?

Os acordos foram sendo feitos. Cada um usaria um quarto, o quarto de hóspedes ficou pra mim e o nosso pra ele, com o combinado de nunca um usar o quarto do outro.

No primeiro ano pós-separação eu praticamente não consegui ir pra praia, era osso. Como precisava ser pintada, combinamos por telefone a cor. Ficou horrível, e ainda hoje está pintada de amarelo e azul, igualzinha aquela loja Petz, de artigos para animais domésticos.

Com o passar do tempo, as despesas foram ficando proibitivas e começamos a pensar em como resolver a questão. Do nada (uma pessoa perguntou na portaria do condomínio se tinha alguma casa para alugar, e, sabendo que a gente estava pensando nisso, o zelador nos avisou) apareceu uma família para compartilhar o uso da vivenda conosco. Quinze dias para eles, quinze para nós, uma semana pra mim, uma pro ex. Não poderia ser melhor.

A primeira família que alugou a casa era uma família clã. Pais, filhos e netos. Nos finais de semana deles, eles vinham em dez

BRANCA LESCHER

São Paulo - SP

GUARDA COMPARTILHADA

peessoas, mais ou menos. Eu, quando ia, levava uma pessoa, duas, uma pobreza. O bar deles era farto, com todos os tipos de bebida, o meu nem existia. Eu bebia o que tinha da época do casamento, só cerveja não faltava, e um pouco de fumo porque ninguém é de ferro. Eles deixavam caixas de comidas, iguarias (morria de inveja), eu, o que ia comer, e levava embora as sobras.

Existe uma linha imaginária entre o que é do inquilino, o que é seu, e o que é do ex. Essa linha não deve ser quebrada. Cada um tem que respeitar o que é do outro, a bebida do outro, o queijo, o tempero. Minha secreta diversão eram os microscópicos furtos invisíveis de coisas que eu esquecia de comprar. Uma pitada de pimenta, um pouquinho de azeite, um gole de cachaça, de gim, um chocolate perdido. O protetor solar então é um furto delícia, você passa e sente aquela economia, porque protetor é muito caro, principalmente os importados. Felizmente eles deixavam algum sempre no banheiro.

Falando em gim, meu ex-marido ficou completamente obcecado pelo destilado, no final do casamento. Falava obsessivamente das marcas da bebida, de como eram diferentes e como ele entendia de tudo. Durante algum tempo, não podia chegar perto de gim, estresse pós-traumático, pode-se dizer. Em um final de semana, com raiva dele, misturei as bebidas. Coloquei o Tanqueray na garrafa do Hendricks e vice-versa. Ele

nunca percebeu e eu me senti muito feliz com a minha modesta gaiatice.

Me divertia também em deixar pequenas mensagens para o ex e suas namoradas. Bordados novos, meus discos na estante de livros. Deixava meus discos no meio da estante, bem aparecidos. Na semana seguinte eles estavam escondidinhos em um cantinho do armário e, de novo, eu os colocava de volta. Publiquei um artigo em um livro e o deixei na mesa de centro, com um marcador pra ver se alguém abriria e leria meu texto.

Meu Netflix tem o ícone do meu namorado, com uma ilustração de um bonitão, de bigode e topete, com o nome dele. Me distrai rindo, imaginando os inquilinos e o ex bisbilhotando nossos filmes preferidos.

Dizem que o luto do casamento é um processo que dura em média de três a cinco anos. Já está quase fazendo cinco anos que me separei. Não sinto mais ciúmes, venho pra casa de praia com a mesma leveza de antes. A primeira família saiu e entrou outra. Mas não garanto nada se houver novos casamentos, meu ou dele, ninguém tem sangue de barata, afinal.

A casa, ressentida com nossos perrengues, sofreu muito, até um pedaço do teto da sala caiu. Mas isso ficou no passado. Fomos reformando, reformando, e a próxima melhoria será a nova a cor da vivenda.

CARLA BARIZZA

A VIAGEM



Minha mente fervilha entre histórias, imagens, ideias e desejos, e deste turbilhão nascem contos, poesias, fotos e arte. Quando estou envolvida em meu mundo de criações, sinto-me viva de verdade.

VITALINA

CARLOS VILARINHO

Deu-se a morte da menina Mariazinha do Carmo. Pra menos de cinco anos. Pequenina. Doença derradeira. Coisa no sangue. Não sofreu. Parece. Pouco entendeu. A menina. Finadinha. Altarzinho na sala. Quatro velas. Entremeio, o caixãozinho. Deitaram ali, a menina. O velório iniciou. Na tardinha. Hora da ave-maria. Logo anoiteceu. Noite comprida. São compridas as noites carpidas. Aquela foi. Longa. A reza. Lamuriosa. Intermitente, o choro. O pranto cortado, da mãe. Deus sabe o que faz. Diz-se. E faz. Parece que faz. Poucos ficaram. Pela noite. João da Dora, foi um. Ficou por lá. A vero, mais lá fora. De colóquio com Zuzé. Entre um trago e outro, de canha. Tida, escondida, na tina. Da tira-juízo. Assim foram os dois, pela noite. Entre o ataúde e a tina. De gole em gole. Do bendito, piedoso, à biritá, inclemente. Zuzé, ninguém conhecia direito. Andarilho. Apareceu, do nada. Fazia pouco. Menos de ano. Andrajoso. Definhando. Quando veio. Razão, também pouca. Assim, e idem, dos entendimentos. Alheio. Digo. Fazia coisinha aqui, outra ali. Servia os padres. Na igreja. Na horta. Com os bichos. Prestativo. Obediente. Vivia por ali. Arranchado. Na chocinha dos padres. No fundo do terreno da casa paroquial. João da Dora, de sua parte. Primo da finadinha. Rapazote da roça. 19, 20 anos. Xucro. Avesso, pouco aparecia no povo. Gostava do mato. Da roça. Do rio. Da rudeza, distraída. Amanheceu o dia. Eles, os dois, amanheceram, na borracheira. Velada. Tino túrbido. Zoados,

tanto o elixir. A lua descaiu. Passou. Plangente. Medrou a manhãzinha. Ao clarãozinho do sol. Antes dele, ainda. O padre chamou por Zuzé. Sem se atentar. Cansado. Vai saber. Não viu da cachaceira. Incumbiu, o pinguço, da cova. No campo-santo, fora da vila. Zuzé, obediente, foi. Foi junto João da Dora. E a pinga. Aguardente dá cria. Ninguém viu o quanto beberam. Ao certo. Um alheio. Outro alguém. No sentido, a maldita. Maldito dia. Dia sem sentido. E a vida se enleia com a morte. Dia de caminhos desajustados. Deram das ferramentas. Começaram o serviço. A cova. O sol foi, a subir. Sempre, sobre. Dia pra muito quente. Já janeiro. Cozinha a moileira. A cachaça, aquece. Terra dura. Árida. Tempo corre. Quentura. Ofício com ares de sacrifício. Da beira. Da estradinha. Ouviu-se o estalido de passinhos. Passos mancados. Coxeados. Incertos. João da Dora. Zuzé. Escutaram. Vinha Vitalina. Velhinha. Mais da vida que da idade. Coração de menina. Perdida da ideia. Desatinada. Senhora de nada. Senhora calada. Sem fala. Sem fula. Desditosa, lodosa. Ninguém sabe bem. Ninguém viu. O sol bem ardia. Manhã graúda. Abrasava. A morte variava, solta. Nuvem, nenhuma. A fúria, besta, arrasta Vitalina. Em cascata, chega a demência. Sem controle. Estertor de um coração de menina. Pelo chão rachado do cemitério. Sangue. Sêmen. Vertidos na terra. Os trapos. Na pedra. Na pá. Na cova. No agravo, o vitupério. Morte. Vitalina, ali. Na cova. Varada. Retalhada. Vazia.

CAROL ROCHA
Teresópolis - RJ

O PRIMEIRO ANO DO LUTO

Existem coisas que ninguém diz, Deus sabe o que se passa no nosso silêncio - também entende cada gesto arisco, inconstâncias, irritabilidade. O primeiro ano de luto carrega esse misto de emoções. Há dias em que a gente consegue ter paz. Noutros, a visão fica turva e a estabilidade se desfaz como castelo de areia, ainda que tenha se esforçado para consolidar as bases. A realidade é uma onda forte... Só quem sentiu dor semelhante pode entender os altos e baixos. Porque, involuntariamente, dói tudo, até ver as pessoas seguindo em frente. É como se fosse necessário ficar parado, no mesmo lugar, protelando a dor, pra manter a memória do outro viva.

O luto é uma espécie de prisão. Especialistas afirmam que há vários estágios e que, um a um, vão passando, como estações. Espero que estejam certos! E enquanto a primavera não chega, sigo aqui, no mesmo inverno onde parei há um ano. Certa

de que um dia nos encontraremos, esperando que o tempo passe.

Talvez a imortalidade também implique no fato de que o amor é algo que transpassa a vida, pleno, infinito, incomensurável. Por isso, quem parte amando não morre. E quem fica, pela mesma razão, não deveria morrer também. Trazendo à memória aquilo que nos traz esperança: só tem saudade alguém que desfrutou da presença.

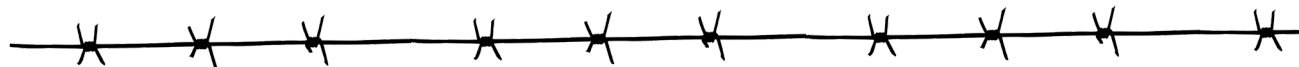
Constatações à parte, por mais maduros que sejamos, espiritualizados, ainda que tenhamos diplomas na parede, projetos em andamento, papéis para representar na sociedade ou na família, trazemos na mala a fragilidade característica de um filho. E filhos que perdem a mãe sempre serão órfãos no mundo.

In memoriam de Celina...



CATARINA CANAS
Coimbra - PT

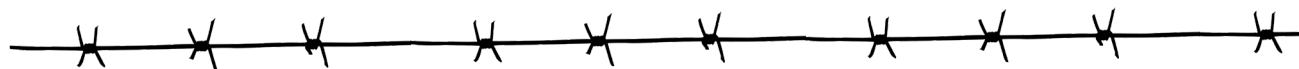
SÃO GRITOS...



resumo dos dias passados,
no mar no rio nas serras,
são gritos equivocados
e murmúrios talvez desfocados
de trincheiras isentas de guerras.

são enganos, esgares e errantes,
são gritos equivocados,
venenos sentidos na pele,
serpentes sibilantes sem mel,
e abelhas ferrantes nos prados.

são gritos e equivocados,
errados no tempo e no espaço,
são vozes que só teimam não saem,
em palavras ausentes se esvaem
e que da vida são mero estilhaço.



Brincar com as palavras e permitir-lhes transmitir ideias, sensações, estados de alma.

Será poesia ? Não sei.

Para mim é a Matemática das Palavras.

CECÍLIA CAMPOS

São Paulo - SP

PARADOXO



entre galhos e mais galhos
rege o barulho:
ora o pássaro, ora a folha
ora os passos, ora os ventos
os pensamentos, desordenados
ordenam-se através do barulho
formando o silêncio- absoluto e imenso-
dentro de si, absorto
é paradoxal
entre ramos e mais ramos
rege o barulho,
mas rege o silêncio.

Meu nome é Flora
e estou no terceiro ano do Ensino
Médio no Colégio Humboldt em São Paulo. Nunca soube lidar com os meus sentimentos, até eu descobrir a poesia como forma de me expressar.

CESAR CASELLA
Inhumas - GO

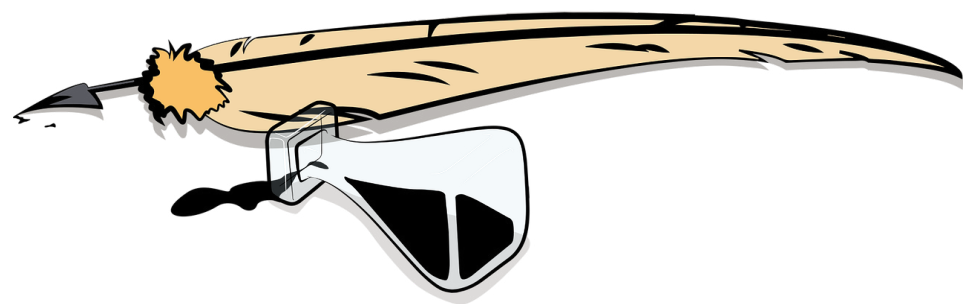
GRANDEZAS INCOMENSURÁVEIS

Cesar Augusto de Oliveira Casella é professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Cora Coralina) e doutorando em Estudos da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ)

A janela é grande, a banheira é grande,
a geladeira também.
O armário é grande, a angústia é grande,
a vida é enorme.

A cadeira é pequena, a cama é pequena,
o cabideiro também.
A mesa é pequena, a virtude é pequena,
a vida é ínfima.

A folha em branco é enorme,
a tinta é sempre pouca.



CLAUDIO LUIZ
FERREIRA
Bauru – SP

PRIMAVERA ÁRABE

Claudio Luiz Ferreira. Ou Frei Claudio, se preferir. Natural da cidade de Varginha – MG, vivo atualmente em Bauru – SP. A minha maior fonte de prazer é escrever e fotografar.

Eu estava em um antigo mosteiro, agora casa de retiro, dos Jesuítas em Itaici. Como passaria o final de semana por lá, entrei em contato com uma amiga que havia se mudado há pouco tempo para Indaiatuba. Ela foi me ver naquela noite. “Com receio”, disse ela. Talvez fosse mais do que justificado. Afinal, confesso que não poucas vezes fui galanteador, apesar de minha aparência pouco, ou nada atraente. Meu grupo estava em uma animada confraternização com direito a muitos petiscos, música e dança. Mas eu tinha outra coisa em mente... Levei-a até um mirante onde mal se ouvia qualquer coisa diferente do barulho das árvores que vez ou outra se balançavam com o vento abaixo de nós. Estávamos aonde eu queria estar e com quem eu desejava estar. Nada justo... Não para ela.

Creio ter me comportado bem. Falamos de muitas coisas. O tema “religião” parecia dominar o assunto. Mas houve um momento. Um ínfimo momento em que nossos olhos se cruzaram e foi como ver a constelação que enchia o céu naquela noite, sendo refletido naquele olhar. A respiração pareceu faltar-me, mas logo foi inflado novamente em meu peito por um forte vento que me despertou e fez surgir ali o que parecia um antigo pergaminho. Provavelmente escrito há muitos, muitos anos. Não estaria exagerando se utilizar o termo: “séculos”. Talvez estivesse cuidadosamente escondido em algum lugar daquele mirante. Tempo suficiente para ter sido esquecido lá. Sua origem e a trajetória até aquele local são e sempre será um mistério para mim.

Ao tomá-lo em minhas mãos, imaginei se tratar de rabiscos feitos por uma criança perfeccionista. “É árabe”- me informou ela, trazendo-me ao patamar mais lógico da realidade. Como ela conhecia pessoas de todo o mundo por conta de seu trabalho que exigia participar de diversos treinamentos na Alemanha, tirou uma foto e encaminhou-a para um colega da Argélia. O texto

que se segue foi fruto da tradução de Mohamed para o alemão e deste para o português.

----- Início do manuscrito -----

Na manhã de uma típica primavera Árabe, Zayn e Iasmin corriam entre as árvores de um bosque próximo ao vilarejo onde habitavam. Os raios de sol, que se projetavam sobre eles ao passar por entre as árvores, conferia um efeito quase mágico de fascínio e encanto que parecia inundá-los.

Numa idade ainda dominada por brincadeiras, mas não tão novos para evitarem sonhar um com o outro, divertiam-se como dois adolescentes cujo mundo parecia ter mais brilho e cor quando estavam juntos.

Em uma clareira naquele bosque, onde inocência e encantamento se entreolhavam, o amor era uma singela rosa sendo cultivada no árido solo de um país dividido. Mas nada poderia perturbá-los. Aquele momento era o único a ser vivido. Iasmin dançava ao impulso de seu coração e Zayn a observava como que em profundo transe, arrebatado pelos encantos da garota cuja simples lembrança tinha o poder de provocar em si, sentimentos que nenhuma palavra conhecida parecia ser capaz de abarcar.

Tudo estava em sua mais perfeita ordem e harmonia. E por um momento a terra se fez céu. Pelo menos, até que as árvores começaram a explodir, sendo substituídas por chamas que pareciam vir debaixo delas.

Na manhã daquela primavera, Zayn e Iasmin corriam entre as chamas do bosque. Os raios de sol foram tampados por uma espessa cortina de fumaça cinzenta que era apenas um palito sinal de tempos ainda mais difíceis pelos quais passariam. A primavera transformou-se quase que imediatamente em inverno. Um grande e interminável inverno.

No vilarejo baila as cinzas do bosque que ce-
deu lugar a um deserto quase sem vida. Como

CLAUDIO LUIZ
FERREIRA
Bauru – SP

PRIMAVERA ÁRABE

por milagre, há em seu centro, ainda relutante em seguir adiante, a rosa plantada pelos jovens adolescentes. Uma flor que clama por liberdade e pelo direito de viver. Uma imagem que só pode existir no coração dos fortes, na cabeça dos sonhadores e no olhar desafiador de quem não deixou de acreditar.

O demônio ainda dança na terra que um dia ou sou subir aos céus e que foi lançada aos infernos por aqueles que aos jovens Zayn e Iasmin, tentaram matar. Mas os adolescentes, amadurecidos a força, seguem adiante, mesmo que cansados e torpes por uma espessa atmosfera contaminante que trás em si o cheiro e o sabor da morte.

Neste deserto árido é possível ver surgir ao longe um carro do ocidente conduzido por cavalos que não são daqui. Ao fundo está um homem velho e cansado. Ele sonha com a rosa do deserto superando seu inverno e desabrochando para os adolescentes encobertos de pó e sangue. Mas o carro parece ser guiado pela face oculta da indiferença de quem olha e diz: “lute, não desista. A vitória está próxima”. Mas suas atitudes parecem dizer: “não é um problema meu”.

Também é possível que a dama a guiar o veículo não seja total indiferença. Talvez ela seja o paralisante medo, por ver ao longe os cavaleiros da morte acompanhando com seu vil olhar o jovem casal. São como leões famintos em busca de sua presa, em uma caçada mortal. Se observar bem, talvez você possa reconhecê-los. São eles: Vlad e sua concubina Assad. Também é possível ver uma sombra escura, o vazio total, o abismo sem fim que deseja consumir tudo, engolindo a todos como um buraco negro revestido de uma insana religiosidade. Neste cenário se vê a imagem de uma enorme torre cujo cume sustenta uma bandeira que é o símbolo da liberdade para seus veneradores. Ela mantém a perigosa sobra em seu lugar, ao mesmo tempo em que protege os

cavaleiros da morte. A aparente contradição é fácil de explicar. O rei que nesta torre vive, o rei que a esta bandeira trai, é filho de Vlad... Filho cativo, servo leal.

----- CORTE -----

Há dois ou três parágrafos tão comprometidos que Mohamed só conseguiu traduzir algumas palavras desconexas. Por razões óbvias não as colocamos aqui. Palavras soltas ao ar são incapazes de formar uma imagem, uma ideia, uma mensagem. Felizmente a conclusão do documento estava em satisfatório estado para compreensão do mesmo.

Ó jovens amantes! Não deixem que a flor murche. Se ao alvorecer ela não existir, o inverno nunca cessará. Cultive a rosa, cultive-a onde posa florescer, onde seu marcante perfume não passe por despercebido. Cultive-a onde o inverno possa enfim ceder e onde, a partir daí, a Primavera Árabe possa enfim acontecer.

----- Fim do manuscrito -----

“Por favor, envie-me o pergaminho”. Solicitou-nos Mohamed após traduzir-nos o texto. “Quero estudá-lo melhor se me permitirem”.

Minha atenção voltou-se para aquele achado que estava em minha mão. Mas não havia nenhum sinal dele. Simplesmente pulverizou-se. Pode ter sido o contato com o ar após tanto tempo; ou quem sabe, pelas condições do local onde esteve ocultado; ou ainda, pela minha inabilidade em manuseá-lo. Seja lá como for, gosto de pensar que o pergaminho não desapareceu, mas sim se libertou. Foi ao encontro daquela flor que só pode existir no coração dos fortes, na cabeça dos sonhadores e no olhar desafiador de quem não deixou de acreditar.

DANDARA BRANDÃO
Feira de Santana - BA

AS TRILHAS DO SONHO

De carona pela estrada onírica
Passei por caminhos da inconsciência, distantes
Seguindo uma trilha em passos vacilantes
A noite me afogou entre rios, levou-me a caminhos
Que jamais ousei pousar em vigília
Relembrei o tremor da pele, fios e correntes
Lágrimas quentes
O desejo ardente de viver
Ali no caminho,
O medo, o desejo dominam da sombra ao coração
Os rostos deformados, [des]conhecidos,
Viram ao avesso a razão
A vontade de se derramar era grande
De fugir, constante
De se fincar no sono e chorar em um rompante
Sei que essas imagens
Sempre estiveram ali, escondidas
Observando-me, vigilantes
Mas o frágil coração
A quebradiça emoção
Na vigília, se esquivou a cada instante
Agora estou aqui, de volta,
Escrevendo entre linhas, o que me tornou, assim,
Tão inconstante.

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 24 anos vividos e apaixonada por livros e poesia.

DANIELA FUNEZ
São Paulo - SP

ARCO-ÍRIS IRRACIONAL

Mulher trans que busca por meio do teatro e literatura captar o absurdo de existir nesse universo com seus padrões e contradições, usando sempre o humor e a ironia em histórias cyberpunk.

Alyx mais uma vez flagra sua mente vagando fora dos limites previamente autorizados por um acordo oficial entre todas as facetas de sua personalidade, se direcionando para os cantos obscuros e tempestuosos da dinâmica do arco. Como um arco se forma, o que pode ser considerado um arco, se há regra naquilo que gera padrões a partir de sua própria existência subjetiva e etérea de uma linha imaginária provocada por uma trajetória, transformada em elemento concreto em forma de arma, nada mais do que uma reprodução direta do seu contexto anterior.

Nunca se sabe se o pensamento do arco é motivado por aquela persona que quer se encaixar ou uma outra que busca a fuga, a dispersão, a quebra da lei da física transmutada em lei do mais forte em que algo que assombra a sociedade deve ser reprimido para não mais existir e apenas justificar a existência da regra por meio da necessidade da regra possuir uma exceção. Alyx é atormentada pelas forças do universo, a pátria, a família e a economia, que puxam as cordas que devem gerar o alinhamento correto.

Alyx sonhou uma vez com um atentado. Outra quebra do acordo, de um acordo que se espalha além das fronteiras internas que são as únicas reais em comparação com outras linhas imaginárias. Uma hecatombe de desrespeito, um arco-íris desordenado, de linhas retas formando ângulos retos partindo em distâncias e direções aleatórias, incluindo caminhos em oposição ao sentido anterior, uma indecência maior do que o raio, que, pelo menos, tem início e fim. Alyx era o arco-íris, se misturou com ele, absorveu ele e sua essência criminoso. O arco-íris também foi o símbolo com o qual ela foi marcada, em tinta fosforescente e fluorescente para que o sinal da besta alerte todos à distância, como uma aura corruptível que causa acidentes de trânsito, brigas de comida e outros elementos com forte carga sexual.

A posição inicial em um arremesso de dardo é o ápice da concentração e uma ode ao músculo e à postura, em contraposição à dita beleza interior, que todos dizem admirar ao mesmo tempo que mantém sua distância, uma vez que o interior real do humano é uma massa gosmenta de órgãos e tripas que provocam uma reação de vômito, expondo assim suas reais opiniões quanto a tudo que não se encaixa em aparências.

O dardo das Olimpíadas é uma ferramenta de tecnologia para provocar o arco perfeito que terminará sua rota com uma marca no chão calculada e fiscalizada com seu peso trocado em ouro, uma nova Excalibur para ser retirada em um campo de guerra de grama e marcas de cal. O arco que traz consigo toda a realização científica combinada com o ensinamento bíblico da Torre de Babel, uma transferência de forças que tem por fim o ato de perfurar.

As convenções, como novas Genebras, se multiplicam durante todo um evento de lançamento de dardo. O próprio dardo possui um binarismo em suas versões, devendo possuir de dois metros e sessenta até dois metros e setenta centímetros e oitocentos gramas em sua versão masculina e de dois metros e vinte até dois metros e trinta e seiscentos gramas em sua versão feminina. Ambos devem ser de metal. O dardo precisa ser seguro em seu centro de gravidade e lançado sobre o ombro do atleta, sendo que o mesmo não pode virar o corpo de forma que suas costas fiquem voltadas para o lado do lançamento. Técnicas heterodoxas são punidas com a eliminação. Isso ocorre pois métodos alternativos para o lançamento do dardo são tão imprevisíveis que os responsáveis pelo esporte se assustaram com o potencial caótico e destrutivo do mesmo, podendo sair da área de controle e atingir pessoas.

Todos buscam o procedimento perfeito, que já está catalogado e deve apenas ser seguido, um cálculo de ângulos, a busca pelo número ideal, no caso entre trinta e dois e trinta e seis.

DANIELA FUNEZ

São Paulo - SP

ARCO-ÍRIS IRRACIONAL

Uma procissão de tentativas com um mesmo movimento, uma mesma pegada de mão na corda, corrida, grito, respiro, careta. Tudo cronometrado de forma a mecanizar o processo e transformar todo movimento seguinte em uma cópia. Nada se cria, nada se transforma, tudo se copia, desde o Big Bang que copiou o modus operandi da criação de um universo.

Alyx se sente como a ponta de metal do dardo, uma estrutura rígida em seu exterior escondendo moléculas em movimento, sem controle para realizar uma mudança na trajetória, jogada pelo espaço para ser recolhida no chão ao final do dia, limpar e repetir. Ela pode enxergar em pontos firmes de sua memória, uma crosta grudenta presa na mente por tanta frequência, como imagens congeladas de um filme fotográfico, repetições particulares. Um chuveiro, um copo de café, protocolos e negociações, o corpo percorrendo espaços na cidade, sendo carregado por outros objetos de metal, a linha curva da coluna na cama a lembrando novamente da figura geométrica. A consciência subindo e descendo. Propagandas políticas que prometem um giro de trezentos e sessenta graus, uma evolução do arco e de seu poder de manutenção do status quo.

Ela então entra em concordância com as outras identidades em suas sinapses neurológicas de que o arco é o elemento de controle que impede o toque em outro plano, outros universos, em um lugar acima dos céus da Babilônia a ser alcançado pela torre.

Linhas paralelas que não se cruzam diretamente, mas que revelam todas suas associações implícitas, envolvendo os padrões sociais, as leis físicas, defendidas com o uso da força, e a história bíblica envolvendo um arranha-céu se mostram como em um fluxograma de powerpoint no campo imaginativo de Alyx, onde tudo pode ser criado, ponto inviolável de sua existência.

Incomodada com o fenômeno da repetição, Alyx

luta em tentar encontrar algo único em si, sentindo a repulsa em ver os pelos em milhares, a constância da respiração, até mesmo a impossibilidade de parar de pensar em tudo isso, a vida, o planeta e o Sol, todos se curvando para o arco inevitável.

Um projétil, disparado para seu destino final, a destruição. O arco é a trajetória de um projétil, um objeto que está submetido somente às forças da gravidade e da resistência do ar. Sem a gravidade, ele poderia partir ao infinito sem impedimentos, assim o poder supremo bíblico toma a forma de gravidade e derruba o projétil antes que ele almeje algo marcado por sua individualidade, ganhando o apoio de todos os outros elementos da sociedade que provocam a resistência necessária para frear qualquer avanço desse dardo que não é mais um dardo e se transmuta em tudo aquilo que é obscuro, de forma que sua ponta não é capaz de partir sem controle e acertar alguém fora da área de competição, aquela grama bem cuidada e evacuada onde o dardo ficará ali, fincado e isolado.

Alyx quer se desassociar do dardo, expulsar a si mesma da rota inevitável e deixar o corpo de metal seguir seu destino mecânico, partindo para caminhos alternativos. Ser um novo tipo de projétil, talvez um cartucho de revólver ricocheteando pelo espaço. Mas Alyx logo se lembra que, apesar de mais errático e mais destrutivo, provocando marcas em tudo que está em seu caminho, a bala segue regras de ângulos e retas previsíveis. Seu fluxo ideal, lembra-se, foi produzido apenas em condições ideais de criatividade e sonolência, no ambiente de seus sonhos em que as sete cores que normalmente andam lado a lado se contorcem, giram, voltam, trocam de lugar, desaparecem e reaparecem em outro canto, sem meio de padronização, aquele arco-íris irracional de seu sonho que desafia seu próprio nome.

DAVID LEITE
Jandira - SP

ANATOMIAS DE UM AFETO

Participou das Antologias publicadas “Antologia Favo de Mel” (2015) e “Antologia Jandira e Outras Terras” (2017), da cidade de Jandira. É um entusiasta na arte da escrita.

Caíram lágrimas, embora já considerasse suas lágrimas secas. Ossos do ofício. Na mesa, fria, ainda mais frio o inerte corpo dele.

Sua pele, nívea como o algodão, como antes fez esta comparação, agora estava azulada. O sangue que corria arisco pelas veias e despejava calor sobre ela antes, agora jazia decantado em veios roxos espalhados por todo o corpo.

Era só mais uma autópsia. Dizia para si mesma, como entoando um mantra.

O bisturi foi pousado com delicadeza logo abaixo da clavícula. Colocou seu fio, inadvertidamente, naquele sinal de nascença, que parecia um caroço de feijão. Lembrou-se como achava terna aquela marca, e como os dois pensavam como seria quando aquele caroço brotasse, se espalharia uma rama por todo seu ombro. O bisturi corre transversal, suave, rompendo a pele.

O primeiro rompimento. Lembrava daquele novembro sisudo, o fim da prima-

vera providencial, onde pouco floria entre eles àquela altura.

No segundo corte, fazendo um V, o sangue escorreu e decantou no vértice da cisão e o terceiro corte reto deu por fim o desenho da tulipa de vinho que dividiram, celebrando seu reconcílio.

Abriu, então, caminho para seu interior. Literal, dessa vez, sem a mágica de outrora. Retomava o mantra, mais uma vez. Ali, as entranhas abertas, um emaranhado de vísceras que era tão complexo quanto de tudo que sua incursão a sua essência, daquele jeito suave de antes, a fez imaginar. Procurou, primeiro, aquilo que antes achava saber conhecer bem, pois dali saberia o que o levou. Tateou entre ossos, músculos, pleura, veios e nervos até encontrar. Agarrou aquele músculo oco, sentiu-o, apertou-o com um fundo de saudades, e uma reminiscência de culpa, pois imaginava ter contribuído para seu fim. Baixou o microfone de registro e, lacônica, encerra o exame.

- Causa Mortis: Colapso cardíaco.



INFÂNCIA

ELISABETE DE BRITO

Curitiba - PR

Elisabete de Brito, paranaense, Alfabetizadora e Professora de Língua Portuguesa, hoje aposentada. Tem paixão pela escrita e, atualmente, tem contos e poesias publicados em algumas coletâneas.

Pés descalços nas poças de lama formadas pela chuva, o cabelo encharcado, as roupas pingando a água captada pelas gotas geladas vindas das nuvens. O sorriso no rosto, os gritos de prazer por viver tão livremente ecoam na vizinhança e a inocência vivencia a mais linda experiência. Aproveita a liberdade de ser criança, pois sabe que, dali a pouco, a mãe gritará o famoso “venha para dentro”. Mais tarde a vida o chamará para as responsabilidades e os pés não mais verão as poças. A vida trará outras lamas.



EVA VILMA
Campo Grande - MS

DESENHOS DE BEIRA D'ÁGUA

Eva Vilma é escritora, mãe, capoeirista e educadora. Autora e coautora de livros infantis e de poesia. Busca na palavra escrita, outros mundos possíveis.

Quando eu era menina, guardava os risos do rio na barriga. Acho um jeito bonito de contar das danadezas entre irmãs. Eu, a menor do bando. Era uma escadinha bonita! Quatro molecas levadas. Doze, dez, seis e quatro... com margem pra mais ou pra menos! Pouco consigo separar o que sejam memórias guardadas por mim ou compartilhadas pelas irmãs. Sei, no entanto, e sem margem para dúvidas, que havia um quinto elemento no bando. Quinta, quero dizer! Porque era coisa feminina, e só aparecia para mim, acho! Já, já falo dela! Nesse exato momento, estou à beira d'outro rio. Tão menor que aquele! E talvez tão maior ou igual, apenas olhado por retinas esticadas para a vida adulta. Dou começo a um ritual de chamamento e espera, chamamento e espera... O rio da infância era uma espécie de bobo alegre. Daí a rapidez com que a barriga crescia cada vez que Ana e Gil me atiravam n'água depois de fazerem balanço de meu corpo. O riso-corrente sorrateiro aproveitava o momento para me entrar garganta abaixo. Eu tossia, vermelha e sem ar, mas alimentada com aquela alegria... Liquefeita! Hoje, acho dificuldade para me afogar em risos... Por isso espero. Por isso invoco. Volto à quinta criatura porque ela me emprestava olhos de achar coisas incríveis. Víamos as bolhas de cristal no melado, enquanto ele era guardado no vidro; a casa do cachorro Totó, debaixo da nossa, e tão mais cheia de vida porque o vento passava correndo de um lado ao outro através da tela; a língua de fogo na fogueira

Hoje, acho dificuldade para me afogar em risos... Por isso espero. Por isso invoco.

do quintal entoando cantigas pra onça não vir; os detalhes de cada Mirabel com formas geométricas e os furos lembrando olhos; as brincadeiras com Juliana, onde as bolachas falavam e imploravam pela vida, e nós as comíamos, chorando pelo remorso da própria imaginação; as casas dos botões da camisa do avô, que pareciam sorrir quando olhadas de cabeça pra baixo, enquanto brincávamos de serra-serra-serrador; os brinquedos achados depois das chuvas, e que eu acreditava terem caído do céu: uma tampa de rádio de pilha e uma pilha grande Rayovac. Os que mais me lembro, porque passei dias imaginando que o rádio pudesse também descer com a próxima chuva. Continuo meu ritual de espera. O rio, ainda não sorri. Era tão mais fácil! E veja que tem céu limpo! E veja que as estrelas brilham! Quero quase fazer uma oração, mas, o rio, nada de sorrir! E veja que tem fogueira! Mas sem cantiga de espanta-onça. A beira daquele rio, a quinta criatura só me deixava quando o medo tomava conta, quando a cabeça enchia de preocupações com o barulho da motosserra derrubando a mata. Eu nem nunca tinha visto uma! Só pelo barulho, sabia ser monstro grande. Era o momento de correr para o esconderijo debaixo da cama. Tapar os ouvidos com as mãos. A beira desse rio, a criatura quase não vem. Tenho dificuldade em achar o riso do rio. O bando esparramou. Acostumei-me com o barulho da motosserra, e tem Covid. Tenho medo de acostumar também.

F. BERNARDES JULIUS

MESMERIZADO

mes·me·ri·za·do adj. s.m. 1 que passou por processo de mesmerização 2 [fig.] que não está ativo 3 [fig.] enfeitiçado, magnetizado 4 [fig.] seduzido f. mesmerizada

1. Carola, tu fechaste certas portas na minha mente que gostaria de reabrir. Por que eu faria isso? Sinto falta delas. Tipo, não sou bem eu aqui, sabe? Sim, sim, sei que a gente tem que se renovar todos os dias. Não precisa vir com esse papo. É meu passado. Eu tenho essa opção, não?
2. Gosta tanto da literatura de Goethe. Mas não sabe o porquê. Se considera um Werther contemporâneo. Mas as palavras não se conectam para alcançar valor. Digo eu ou diz tu? Melhor não falar nada, né. Ele que se coloque na realidade. É amigo quem diz. E nós não somos.
3. A fofoca os uniu, os pais julgam. Fazer algo edificante na escola? Entender as relações humanas é edificante. E a omissão: morte social.
4. Rosa Norte. Carnaval. Imbituba lotada. Tesões avassaladores. Fins de relacionamentos. Dois novos solteiros. Uma eterna casada. O sol nascendo na praia. Na areia não rola. Na cabana alugada sim. À trois? À trois. Gentilezas passageiras. Unhas firmes. Costas rasgadas. Atos encarnados. Anticlímax saboroso. Haxixe pós-coito. A casada tira uma soneca. Os solteiros comemoram.

F. Bernardes Julius nasceu em 18 de agosto de 2000, em Porto Alegre/RS. Viveu alguns anos em Eldorado do Sul/RS e Floripa/SC. Estuda Publicidade e Propaganda na PUCRS. @FP_Julius



FABÍOLA TERRA
BACCEGA
Sertãozinho - SP

MAGNA MATER

Sou médica pediatra,
fotógrafa por gosto e
amante das letras.
Casada e mãe de três
filhos.

Na vida, sigo buscando eter-
nizar momentos.

Cheguei quando existia o nada, o infinito, o desarranjo. O caos reinava absoluto, e o vazio era ocupado por uma matéria desestruturada onde a incongruência e o conflito imperavam. Um turbilhão sem sentido e sem fim clamava por mim. Solta nesse desarranjo, à mercê de forças extrínsecas a minha vontade, rodopiei incontáveis vezes e me tornei bela aos olhos daquele que, sobre meu corpo, depositou seu manto azul e prata.

Muito tempo passamos assim. Eu flutuava livre no meu espaço, e as forças e acontecimentos começaram a ser organizados. A noite visitou o dia, o sol iluminou a lua, as estrelas pontilharam o infinito. A desordem foi, aos poucos, sendo substituída pelo ordenamento.

Pronta para gerar, vi o fluxo rubro, sinal de fertilidade, correr livre por vales e planícies. Rios cor de cobre se formaram como veias e artérias e correram pelo meu ser. Volumosos, jorraram, me inundando, umedecendo e tornando fecunda. Sementes estelares caíram sobre mim, e então me cobri de verdes, amarelos e ocre.

Pari todos meus descendentes e os mantive comigo. Tive tantos e diversos filhos que, por vezes, não os reconheci. Cordilheiras, picos gelados, falésias a emoldurarem os mares, desertos infinitos e florestas misteriosas me cobriram e me abrigaram. Torrentes vermelhas e quentes foram expelidas em contrações dolorosas e se der-

ramaram em minha pele, queimando-me e deixando cicatrizes. Exerci meu papel com dedicação e abnegação.

Assim como os trouxe ao mundo, também os levei de volta para minhas entranhas, com medo de perdê-los e para protegê-los dos perigos. Rasguei-me e, com urros estrondosos, abri minha carne, fazendo-os voltar para dentro de meu útero.

Nas cavernas mais profundas, abriguei-os para renascerem, nesse constante movimento de gerar, guardar e parir. Quantas vezes não os tive no colo, acalentando seu sofrimento, para então os deixar ir, mais uma vez?

Tornei-me fértil novamente e gerei as mais altas montanhas, os maiores glaciais, os mais profundos e extensos rios. Gigantes, tiveram seus próprios herdeiros e, espargidos sobre mim, criaram seus mundos, lutaram suas batalhas e sofreram suas derrotas.

Vivíamos finalmente em harmonia, mãe e filhos. Concedi a eles, longas e profícuas vidas. Nosso universo pacificado e organizado, com tudo em seus lugares, foi abruptamente invadido pelo tempo. Este, trouxe, ao chegar, o limite, a intriga, a finitude. Varreu minha tranquilidade, minha constância. Passava rápido demais, e meus filhos passavam com ele. Iam e vinham e, a mim, espectadora eterna, restou oferecer mais uma vez meu ventre, para repousarem, pela eternidade, seus corpos.

**FERNANDO
AUGUSTO VIEGAS**
Belo Horizonte - MG

ALFARRÁBIO...

Engenheiro que ama a arquitetura, conciliador que adora um debate, urbano que não vive sem ar puro. Sou mineiro. Cartas da infância tornaram-se crônicas. Assim, sigo externando meus pontos de vista.

Papel de segunda linha, capa com cores desbotadas, recortes mal feitos. A encadernação não primava pelo capricho. As orelhas limitavam-se a pequenas dobras das abas, e nelas não cabiam frases. A lombada carecia de título, a folha de rosto se esquecera do autor. Ninguém pagaria um centavo por aquele exemplar. Entre tantos mais vistosos, leitor algum o escolheria na prateleira da estante. As palavras ali contidas nasceram fadadas ao desapeço. Severino sabia disso quando as escreveu...

PREFÁCIO

“A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância” – escreveu um tal Guimarães que conhecera entre uma e outra andança. O sentido da frase lhe escapou. Ficou o gosto pela sonoridade e o perfume do fumo de rolo, testemunha do encontro. Jurou um dia ser capaz de escrever bonito assim.

PRÓLOGO

O sertão mineiro era estéril feito gota de esperança. A aridez da terra endurecia até os corações mais úmidos. Se o céu não aprendeu a chorar, não eram os olhos da cabocla que haviam de lhe ensinar. Seus pés descalços marchavam firmes pelo mandiocal adentro. Ao fim da lida, barriga pesava tanto quanto o cesto que lhe servira de guarda-sol. A noite chegou com as primeiras dores. Pelas gretas da taipa, a lua viu quando seu grito cessou e o dele eclodiu. Veio do fogão a lenha o primeiro calor a abraçá-lo.

ENREDO

Fosse por vontade própria, não seguiria os passos trôpegos do matuto adiante. A dívida da guarida não estava quitada, apesar dos anos de labuta. Dádiva, só recebera o nome. Aprendeu – moleque ainda – a encontrar descanso na névoa do tabaco e no doce da cana. Os anos passaram como voo de araçari arisco. Moldado à rotina, cansou-se de questionar a vida. Por não saber rezar, apertou o chapéu de palha contra o peito e pediu a graça de ir-se embora. Deus não lhe deu ouvidos e mandou Ana Quitéria bater em sua porta. Aqueles olhos – famintos de afeto – deram a ele a vontade de ficar.

Partiram juntos em busca de veredas férteis e solos límpidos. Travessos como as crianças, brotaram os ipês-do-cerrado. O trabalho se mantinha, mas o descanso agora tinha goles de tagarelice e tragos de sabedoria. O tempo teimava em ser medido por fatias de queijo e xícaras de café. Cada noite em volta da fogueira deixava o chapéu de palha mais perto do peito. Severino apresentava a gratidão à madrugada. O céu o ensinara a chorar.

EPÍLOGO

O crepúsculo cobria-lhe o olhar. O semblante de Ana Quitéria iluminava seu horizonte. Ao seu lado, filhos e netos fingiam enganar as lágrimas. Páginas de um grande livro lamuriavam, incrédulas diante do ponto final. Quem dera todos pudessem lê-las. Próximo ao ocaso, perguntou a um dos netos pelo chapéu de palha. “Tenho muito a agradecer” – disse-lhe, mãos e chapéu ao peito.

- Algum arrependimento, vovô?

- Só um, querido. Queria ter aprendido a escrever.

FRAN PIGOSSO
Farroupilha- RS

UM BRINDE À SOLIDÃO

Fran Pigosso é natural de Farroupilha, RS. Professora de Língua Portuguesa e escritora por paixão, também é colaboradora de uma web rádio com contos de terror.

Ela permanecera sentada no sofá, respirando profundamente, brindando com a solidão. Cedo, antes do despertar do sol, Sofia, entre tantas escolhas, optou por si mesma. Naquela manhã ela tocou sua pele marcada com um afeto desconhecido, ímpar. Viu seus olhos no espelho e notou: eram castanhos, da cor de seus cabelos, da cor que vira que eram em sua infância. Ah, aquele Natal em que ganhara de sua mãe uma boneca, a qual nomeara de princesa Victória, que morava em um imenso castelo e que era cortejada por um príncipe que a defendia de todos os males, que dava a vida por um simples beijo, que... E eram muitos os quês que alimentaram a sua pureza infantil.

O sol entrava pela janela do quarto, devagar, aquecendo aquele ambiente tão frio, apertado demais para dois, assustadoramente imenso para um. Ainda contemplando sua imagem refletida, aos poucos o corpo de um ser humano, diante do espelho, ia tomando forma. O contorno feminino, por tantas vezes negligenciado, ia surgindo como uma imagem sacra. Braços, pernas, ombros, face. Sofia respirou profundamente e admirou o movimento de seu diafragma. Soltou o ar suavemente, devagar como soprar uma pluma solta numa tarde de primavera.

No reflexo, linha após linha ia delineando-se feições jovens, mas marcadas pelo chicote impiedoso do convívio com a loucura. Agora já não era o rosto de outrora, e esse não voltaria mais, mas o olhar de ontem, perdido, que vinha se manifestando entre turbilhões de pensamentos confusos e insistentes. A cada segundo deleitava-se mais e mais com as ideias que emanavam de sua razão. Nesse momento era necessário ouvir a voz da tida consciência. Por que se calara antes? Por que nunca dominara as emoções que transbordavam de seu ser? Por que Sofia não se ouvira antes...

Pensamentos que tomavam conta de sua mente

e arrepiavam sua pele. Queimava-a por dentro e partia seu coração. Viu seus olhos no espelho novamente e notou: eram castanhos, da cor de seus cabelos, da cor que vira que eram em sua infância. Já podia abri-los, já podia observar mais alto, erguer sua cabeça, olhar para um céu onde tudo é bom. Onde o amor prevalece e a vida possui sentido.

E era isso que faria. Abrir as asas e voar. Ser outra vez ela mesma, resgatar a beleza de sua alma e não temer o próximo. Nem o próximo que divide o mesmo espaço que deveria se chamar 'lar'. Mas nunca foi um lar, nunca seria. Não dessa forma.

Quantos anos de cativo nos braços da insanidade em uma relação doentia. Depois de muito observar, a completude de seu ser fez-se reintegrada. Unidos os pedaços dela espalhados pela casa, prometeu a si mesma que não choraria mais. Faria aquilo que precisava ser feito, que desejava como um sonho bom.

Nisso seu companheiro entrou pela porta da frente da casa, encontrando-a sentada no sofá. Ele foi seu abismo e sua salvação, seu alimento e sua fome. Teve fome de amor e alimentou-se do gosto amargo da insensatez. Ele foi um refúgio e um delator, uma coroa de espinhos num reino de sofrimento. Nos braços dele encontrou a guerra e perdeu a paz. Ele foi um amigo traidor. A cada toque ríspido em seu corpo, ele tentou mostrar que o amor era dor. E ela o olhava mais e mais, sentada no sofá. Ele foi o atalho que a levou para a escuridão, a ferida mal cicatrizada, o beijo que queimava sua boca e destruía seu coração. Ele era, mas não seria mais.

Naquele momento, diferente de todos os outros, Sofia sentiu que existia, e nenhuma lágrima caiu do rosto dela. Ele não a reconheceu. Ele entendeu. Ele foi embora.

E ela permanecera sentada no sofá, respirando profundamente, brindando com a solidão.

GABRIELA LAGEMANN

Santa Maria - RS

O BEIJO NO ASFALTO PÓS-PANDEMICO

Mas que merda! Eu não acredito que isso tá acontecendo comigo bem agora. Não podia ter sido antes da quarentena de mais de um ano? Não podia ter sido depois de eu pular carnaval por pelo menos mais uma vez? Porra, eu fiz tudo tão certinho até aqui... Fiz a faculdade que meu pai queria, passei num concurso pra agradecer as tias e até parei de fumar maconha durante a semana. Eu fiz tudo tão certinho...

Bem hoje, no primeiro dia que todo mundo pôde sair pra rua sem máscara, por que eu fui ficar tão embasbacado em ver a boca das outras pessoas de novo? Por que eu, que sempre fui tão cagão atravessando a rua, não vi o Golzinho quadrado vindo na minha direção? Já consigo até ver a minha mãe puta da cara no velório, me xingando de tudo que é coisa, principalmente

de abobado.

Bah, não consigo me mexer, sinto muita raiva de mim mesmo e só consigo pensar no papelão que eu tô fazendo. Passei a vida inteira evitando ser o centro das atenções e vou entrar na morte assim, estirado no meio da rua, cheio de gente em volta, cheio de celular apontando pra mim. Aposto que essas fotos vão pular de grupo em grupo no WhatsApp.

Mas quer saber de uma coisa? Que se foda! Eles querem show e eu não quero ir embora dessa vida sem beijar um estranho por pelo menos mais uma vez. Aquele guri ali, sem celular na mão e com o olhar de quem se importa, deve servir.

– Ei, tu... Para de me olhar assim e vem cá... O que que eu quero? Um beijo... Me dá um beijo, vai... É o último, pelo amor de Deus...



RESPIRAR

GEOVANNA DANFORTH

Abaetetuba - PA

Nasci e cresci numa cidade da região Amazônica tendo uma paixão pelas palavras desde pequena, hoje sou professora e vejo a escrita como minha válvula de escape e como um dos caminhos pro meu coração.

Respirar.
Contar até dez.
Parar de pensar.

Ou pelo menos tentar

O stress penetra minhas veias e traz com ele ansiedades
Ansiedades...

Eu penso. Penso. Penso.
Não controlo.
Como numa estrada sem destino, eu corro.
Meus pulmões cansados pedem socorro.
Mas eu não paro.
Não paro.

...

Respirar
Contar até dez
Parar de pensar

Eu saí da estrada
Agora me encontro na beira do mar
Tenho duas escolhas
Nadar ou me afogar

Eu continuo a caminhar
A natureza vai decidir
Estou cansada demais
Até pra desistir

Flutuar parece ser o melhor a se fazer
Aqui

Paro de pensar.
Fim.

**GISLENE DA
SILVA OLIVEIRA**

Paragominas - PA

CORAÇÃO VAGO

Desiludida, decepcionada, contrariada, pronta para argumentar e rebater. Eram algumas das reações esperadas por ele quando afirmou para sua namorada que gostara muito de uma imagem que circulara recentemente na internet, justificou que achara a ideia muito interessante. Era a imagem de um coração aberto.

Não era propriamente uma imagem romântica, daquelas que trazem suspiros profundos aos apaixonados, nem o tradicional e estereotipado coração vermelho, que indica o ardor e o fogo da paixão. Tampouco, o coração flechado, pintado quando os sentimentos são de tristeza, dor e angústia, ou mesmo atingido pelas flechas de cupido.

Diante da sua reação inusitadamente serena, tentou meio nervoso explicar para ela o que vira. Era na verdade, o retrato de um coração, espécie de bomba que impulsiona o sangue para que circule por todo o organismo; um órgão muscular oco, em forma de cone e relativamente pequeno, que tem mais ou menos o tamanho de um punho fechado e pesa entre 250 g e 300 g nos adultos, segundo o dr. Dráuzio Varella. Na imagem, o órgão vital estava partido ao meio e era segurado por duas mãos que o abriam e mostravam seu interior: vago. Sim, V-A-G-O! Com a seguinte inscrição: “como vocês podem ver dentro de um coração, não há ninguém lá dentro...”

Para sua surpresa, mesmo diante de tantos detalhes, ela não reagiu como ele imaginava que o faria, simplesmente concordou.

- Legal!

Não se deu por convencido. Não satisfeito com a resposta, ele ainda retrucou:

- Ah, tá! Mas se eu te dissesse isso, você ia logo ficar zangada.

- Não, preto! Concordo que não há ninguém dentro do coração. Sorriu e continuou:

- É muito pequeno para caber quem a gente gosta! O nosso amor está no corpo todo!

Ele a olhou com um misto de admiração e desconfiança. Como assim?

Então foi vez dela explicar seu pensamento. Ele ouviu atentamente.

- É simples. Amamos com todo nosso corpo,

sentimos e demonstramos nosso querer com c-a-d-a um dos nossos órgãos!

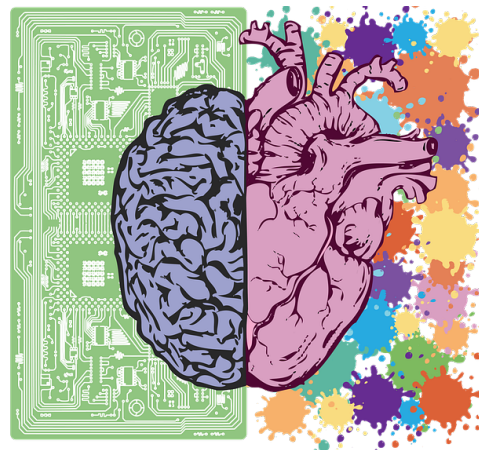
- Explica melhor.

- O que é, senão amor, o exercício constante do cérebro em pensar a pessoa amada, ainda quando queremos nela não pensar, mesmo que nosso pensamento deva ocupar-se de outras coisas, lá está ela de volta, a “sua” pessoa, que não podemos sequer lembrar, simplesmente

porque não nos é permitido esquecer.

- E os cabelos? O pescoço? Os Olhos? Os Lábios? Fale mais. Agora ele queria ouvir.

- Passamos as mãos pelos CABELOS, fazemos charme para “nosso amor”. Se estamos tímidos, sem jeito, é neles que primeiro tocamos. Se pensamos num gostoso cafuné, imaginamos as mãos da pessoa amada num toque suave entrelaçando dedos por entre os fios. P-e-s-c-o-ç-o? O que dizer do arrepio que desce só de imaginar o calor morno da respiração de um nariz aspirando nosso cheiro. Sim, amamos com o olfato! Amamos o cheiro do outro. Digo mais, o chei-



Amante do texto, Ma. em Linguagens e Saberes na Amazônia-UFPA, professora de Língua Portuguesa na rede Seduc-PA, publicou crônicas e contos nas revistas Gotas Literárias, Literalivre e Nova Amazônia.

**GISLENE DA
SILVA OLIVEIRA**
Paragominas - PA

CORAÇÃO VAGO

ro é condição para o amor. Quando não sentimos, imaginamos e amamos o cheiro inventado pelo querer. Do amado ausente, sentimos o cheiro que não existe, mas está lá físico, real e não sabemos como explicar. Os dentes são fundamentais para o amor, abrem-se num sorriso ao ver ou ao menos imaginar a pessoa amada, cerram-se quando estamos com raiva e m-o-r-d-e-m! Vou nem falar de mordidas no pescoço ou pequenas mordiscadas nos lábios. Aliás, lábios foram feitos para amar, tem coisa mais gostosa que um beijo? Pode ser calmo, quente, profundo, selinhos, beijocas, beijo é beijo e ponto, mesmo que às vezes fique só na imaginação e se contente com o toque da ponta dos dedos que simulam outros lábios, hum os dedos.... E o olhar, quem resiste? Olhos pra que te quero? Para ver melhor, já dizia o lobo vestido de vovó. Tinha toda razão, ver melhor a pessoa amada e ir além do físico, do visível, enxergar quando não está bem, quando nos tem algo a dizer ou simplesmente olhá-la e ser feliz por tê-la diante dos míopes olhos.

- Preta, você é engraçada! Agora vai me dizer que amo com a coluna, com os joelhos, rrsrr.

- E vou mesmo! É tesão se tocamos uma pessoa e sentimos um certo arrepio. Mas o que me diz, quando a coluna estremece de cima embaixo só de pensar no outro, lembrar de suas palavras ou de algo que gostaria de fazer? Joelhos se dobram à pessoa amada, seja quando sentem aquela fraquejada de nervoso ou ansiedade e quando põem a tremer depois do prazer em ápice e ainda sôfregos, sussurramos a perna está tremendo... Amamos com o estômago também... não podemos esquecer as reações de dor e tensão nas horas de briga, o frio na hora do nervoso e a imensa fome depois do sexo. Ainda tem nossos PÊS, importantíssimos! São excepcionais para a fazer as pazes na cama depois de uma briguinha esbarra daqui encosta dali, logo

se misturam, confundem; extremamente sedutores quando bem usados, estão sempre à espera de uma boa massagem, sensual ou relaxante. Olha que massagem nos pés vira até sonho...

- Isso é verdade. Outro dia sonhei que fazia nos teus, rrsrrs.

- Amor da minha vida, você sabe qual é o maior órgão do corpo humano?

- Sei lá, não lembro, faz um tempão que estudei Ciências. Diga você.

- É a pele... quer maior encontro do que o encontro entre duas peles? É Química pura e Física também porque o toque confirma A Terceira lei de Newton (ação e reação), resultado da interação entre duas forças, neste caso a força dos sentimentos. Falar de mão, bunda e boca é fácil. Quero ver falar de cada parte do corpo, mas olha aí no teu relógio novo, já deu nossa hora.

- Vixi, verdade! Tua sogra já deve estar nos esperando com o bolo fit! Bora, minha preta, te amo com minhas orelhas...

- Besta! Ama mesmo! Toda vez que ouve a minha voz e me escuta.

- Tu não perdes uma, parece que tem um tambor que prepara repostas certas! Boba, também te amo com tudo que tenho e não é de hoje, nem desta vida, sabes bem que é de muitas vidas.

A professora manteve os olhos no livro, mas desviou o pensamento da leitura, aguçou a audição e os outros sentidos, não pode deixar de ouvir tão sábias palavras trocadas pelo casal que conversava ao lado. Recordou-se de amores vividos, rememorou desejos e sensações, sentiu mesmo um frio que correu, não se sabe ao certo se pela espinha ou pela memória. Lembrou-se do “poetinha”, Vinicius de Moraes, e mentalmente parafraseou: Que me perdoem os românticos, finalmente compreendi o título da canção. Sei, agora eu sei que meu coração é vago, porque amo com todo meu corpo.

AROMA

HELDER D'ARAÚJO
Brasília - DF

Helder D'Araújo, escritor paraense radicado em Brasília.

Livreiro de profissão, poeta e contista. Escreve quase sempre em seu blog: hdaescritor.blogspot.com

a
m
o
r
(a),

HERA DE JESUS
Moçambique

ERGUE-TE, CABO DELGADO!

O leite não rompe
mais o bico.
A criança
já não chora
mais pelo seio
da sua progenitora.

A face da moça
enviuvada
não se inflama mais
em lágrimas.

Os rios
tingidos de vermelho
secaram.
Entre o esterco
e o sepulcro,
repousa a saudade
no horizonte
vislumbra-se a esperança.

Algum dia,
os tambores rufam
dançaremos Mapiko
Ode aos povos Macondes
somos todos Cabo Delgado.

Glossário:

Cabo Delgado: A província de Cabo Delgado é uma subdivisão de Moçambique localizada no extremo nordeste do país. A sua capital é a cidade de Pemba, localizada a cerca de 2 600 km norte de Maputo, a capital do país.

Mapiko: é uma manifestação cultural de Moçambique, especificamente do povo Maconde da província de Cabo Delgado, ao norte do país. Rodeada de mistérios e segredos, ao som de cantos e batuques tradicionais, o mascarado Mapiko representa o imaginário do povo Maconde.

Maconde: Os macondes são um grupo étnico bantu que vive no sudeste da Tanzânia e no nordeste de Moçambique, principalmente no planalto de Mueda e Muidumbe.



Hera de Jesus poetisa moçambicana. Coautora de duas antologias, Soletas Esse Verso (2019) e Fique Em Casa (2020).

**HIGOR DE SOUZA
MENDES**
Sumaré - SP

ESPERANÇA

Ó esperança fagueira
Morreu, morreu e morreu
Será que ela ressurgue?
Talvez, quem sabe?

Pandora foi uma tola
No fundo daquela caixa
Tem traça e poeira
E a esperança, onde está?

Esperança! Esperança! Cadê você?
Eu grito, eu berro
E ela tola como sempre
Finge-se de surda
Se faz de muda

Quem sabe um dia responda
Aqui estou!
Ou quem sabe não diga nada
E o que eu ouça seja o silêncio
Um sussurro ao vento

Esperança! Vive? Morreu?
Está acima? Em baixo?
À esquerda? À direita?
Um dia me roubastes um beijo
Foi sonho ou realidade?
Não sei, mas sempre vou gritar
Esperança! Cadê você?

**JADER CARDOSO
SANTINI**
Porto Alegre - RS

VERMELHO Nº 4

Sou Jader Cardoso Santini, professor e artista visual. Trabalho com pintura e ilustração de livros e Histórias em Quadrinhos. Natural de Porto Alegre/RS.



**JAMISON PAIXÃO
DE OLIVEIRA**
Las Palmas de
Gran Canaria - Espanha

A PRINCESA E A BORBOLETA AZUL

Jamison Paixão é graduado em Gestão Empresarial e nutre amor por caricaturas, que pintaram como dom e cores para os sentimentos. Fez capas para o Projeto Reciclêia e publicou na Revista Literalivre.



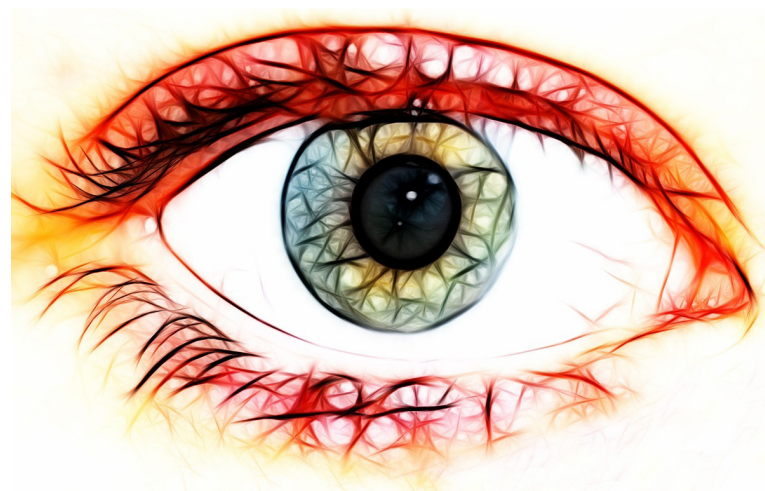
**JOSÉ RONALDO
SIQUEIRA**
Mutum - MG

F

Se eu pudesse seguir aquelas pernas até o final de seu trajeto...como eu aquietaria esse meu amigo secreto que me tamborila o peito desassossegadamente...ela que sempre vinha por essa rua, sempre nessa cadência apressada (será que não conseguia sair na hora certa, ou será que gostava de levar a vida nesse compasso arredio de não-sossego?)... não sei...só sei que eu gostaria de me prender àqueles saltos, gostaria de seguir aquele gingado de quadris, gostaria de provar daquela pele...se eu apenas pudesse... como eu desejaria saber seu destino final... como eu gostaria de saber se ela tinha família ou não (e não tinha? você não se lembra dela comentando que tinha filhos? você está esquisito hoje, não?)...mas como eu desejaria ter conhecimento se ela gostava de cinema...

ou de literatura...ah, literatura...perguntar se ela já leu Neruda...ou Poe...ou Salinger...gosto muito de Salinger...e de “O velho e o mar” também...mas não...não houve tempo de perguntar...não deu jeito...sua última imagem nítida em minha mente desbaratinada foi ela passando apressada como todos os dias passava, enquanto eu, bêbado, abandonado, do outro lado da rua, cabeça abaixo do meio-fio, corpo na calçada, a via passar naquela minha perspectiva inclinada...como eu tinha vontade que ela me segredasse seus sonhos e futuros... (e ela não o fez? não se lembra? chorava e soluçava implorando para que você a deixasse ir em paz, sem lhe fazer mal)...ah, como eu queria que ela houvesse escolhido outro lugar para ter passado...retina de psicopata quando gruda algo na mente, desagarra fácil não...

Carioca, lançou: O prisioneiro; Historinha é o escambau!; Manual não injuntivo de como criar um monstro (3º lugar no Prêmio Biblioteca Nacional Romance 2019); Atlas anatômico para almas puídas..



JULIA MASCARO ALVIM
Osasco - SP

A BONECA E O JORNALEIRO

Julia Mascaro Alvim, iniciou escrevendo poesias e publicou romance, comédia, novelas e drama. Ganhou prêmio de poesia.

Silêncio... “no ar”! Um ser, que suspeita. A despeito do sangue. Guardado, o enredo. Súbito, subterrâneo. Pedras emparedadas, galerias descidas; em sua lembrança de dar gravidade aos recônditos pontos de vista. Sufrágios cardeais. Atracado a sua vítima, em vestes sangradas, mais roto vestido, arrastado, estratificado... Temida atitude, coral de fiéis que corre e decorre o submundo metrô. Monumento passageiro. E vai distante o passante, rebolando e assistido num andar bem passeado com seu par de tênis que acende e apaga. O metrô desconcertante. Praia humana de refluxos dos tênis que acendem, apagam...

Suas antenas que conversam. Escuro túnel, travesti. “Por que suas mãos são sanguíneas?” É gentil, de fé no entanto dos entãos que convidam ao olhar. Mãos felinas e assistidas convidadas a jantar.

Subindo uma escada estacada e muito estreita amoldando à espreita rela as linhas da linda mão. Nesse encontro cogitado, vigoroso, lambuzado junto ao gozo. Pista feita de beldade, destinada e trilhada. Riso escrito na passagem, caverna antenada. Os embaixos dos despachos já cruzados e juntados. Todas as linhas acendidas e apagadas. O túnel fruto dessa trama,

a transa imã desse fluxo. Numa nave de dormir, sua banca de jornadas. Revistada em toda a parte, conectada a seu chip de gravar. A crônica do sonho recortado que o suspeito namorado, atracado com a boneca em seu ato, fica escrito no diacho por namorar o suspeitoso.

O recanto de dormir, sua banca decorada. Seresta na noitada, ponte-pênsil de amar. Armada bem em cima de uma vala, ponteadada em seu lugar. Uma escada subterrânea. Rumo pardo e suspeito no olhar. Ser um ser subjugado pelo falso sangue de amar.

A boneca, vida rubra, lembrada, mais cheia do acariciar. Bel velocidade, vitimada em justo véu, vermelho e tal. Vestido de ouro e rosa, interpretando uma lânguida voz espacial. Vassoura pendurada, dum jornaleiro aliançado. Gira a saia a bruxa louca, daqueles passos despachos; acendidos, apagados. Amanheceu folheando entregas, pura sorte como age, preconcebendo os azares corrompidos do metal. Nos jornais, folhetins do dia, sanguinários fatos qual o verbo “jorrar”. Dança de humanizar o daqui a pouco a corte a entregar. Política do caso, amor mais cinematográfico espreitado num encontro entre a boneca e o seu lindo jornaleiro...

JULIANO OLIVEIRA

Fortaleza - CE

O CEMITÉRIO DAS COISAS

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente realiza estágio de pós-doutorado em Filosofia, na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

“Onde esse cara pensa que cabe mais um? Não percebe que a gente sequer consegue respirar?”, falou aos gritos a caixa de sapatos ao ver o velho Damião abrindo a porta do quartinho, e jogando, por lá, um tubo de imagem de uma televisão antiga. “Ora essa, pare com isso! Você não teve educação lá fora? Isso é modo de tratar os novos moradores?”, disse o violão, com o braço empenado. “Olha quem fala? Alguém que está mais para madeira apodrecida, que nem para encosto de porta serve, do que para um instrumento musical”, respondeu a caixa de sapatos. “Melhor do que terminar a vida com um enorme vazio dentro de si”, disse o violão, com as cordas enferrujadas e desafinadas. “Calma gente. Todo mundo tá na mesma situação. Fomos largados e esquecidos na escuridão de um cubículo. Um a mais, um a menos, tanto faz”, explicou em tom professoral o pneu de bicicleta, todo murcho de tristeza. “Sem essa; fale por você. Lá fora, o meu pessoal voltou a ser moda. Nunca custamos tão caro”, defendeu o antigo vinil de música. “É, mas sem mim, você não seria nada, não é verdade?”, completou rindo a radiola pifada. “Seja bem-vindo, Tubão. Acostume-se logo com o povo daqui”, disse bocejando o guarda-roupas coberto de cupim, além de cuecas rasgadas e meias envelhecidas que preenchiam o seu interior.

Damião, há duas décadas, adquiriu o hábito de guardar objetos. Estes se amontoavam aos milhares, uns por cima dos outros, como uma montanha de inutilidades.

O tubo de imagem observava tudo em silêncio; acreditava, no fundo, que sua estadia por ali seria temporária. Mas os anos se passaram, e o tubo de imagem já era também um veterano.

Damião, há duas décadas, adquiriu o hábito de guardar objetos. Estes se amontoavam aos milhares, uns por cima dos outros, como uma montanha de inutilidades.

Os primeiros moradores do quartinho foram os livros que, orgulhosos de si, acreditavam não haver problema em ficar anos trancados, mergulhados apenas nas próprias histórias. Entretanto, eles, embora não assumissem publicamente, haja vista a arrogância intelectual, igualmente estavam cansados e entediados; precisavam de novos ares e leitores para que suas histórias voltassem a ter vida, e eles também.

Todos os objetos falavam de suas recordações e faziam delas o único alimento de suas vidas num lugar tão pequeno e escuro, em companhia apenas de um tímido sol que adentrava ali pelas brechas de algo que fora um dia uma janela. “Lembro-me do tempo em que as pessoas olhavam para mim nas vitrines, desejando-me loucamente”, disse a bolsa de couro, com a pintura gasta, mas com a voz imponente do passado. “E eu que era procurado por todos? O que é um cara como eu, sem ninguém para refletir?”, reclamou o espelho

JULIANO OLIVEIRA
Fortaleza - CE

O CEMITÉRIO DAS COISAS

desconsolado. “Preferia mil vezes estar num ferro velho, até mesmo morta. Damião nem vive nem deixa os outros viverem; perdi até a vergonha”, desabafava a geladeira, toda aberta e expondo sua nudez a todos.

No quartinho, não era raro objetos tirarem a própria vida, como um livro que há anos estava encostado: cansado, deixou-se ser dominado e devorado por traças. Ou mesmo a bola que, carente de chutes e de vozes gritando “gol”, rolou em direção a um parafuso, secando para sempre.

“Não sei vocês, mas não quero ficar a vida toda aqui. Ontem sonhei com as badaladas de antigamente, e ainda me sinto capaz”, choramingou o relógio de parede que se encontrava, há anos, jogado no chão empoeirado do cubículo. “Mas como sair daqui? Damião nem imagina que vivemos”, disse a cama de casal mofada.

Os objetos desejavam escapar dali. Porém, sem alguém para os movimentar, bem como oferecer um novo sentido para eles, não havia vida possível para além daquele limbo sufocante e escuro. Damião era o único que aparecia por ali; sempre despejando mais um objeto. Todos lembravam-se da época em que viviam por aí com o antigo dono. Alguns deles ainda nutriam algum tipo de simpatia por Damião, como a chaleira e o ventilador; enquanto outros desejavam literalmente a força ou a guilhotina para ele, como a garrafa de café e o carro de mão. Entretanto, a maioria queria apenas escapar, o direito a uma nova vida, a um recomeçar.

Eis que Damião, ao trancar um antigo ferro

de passar roupa no quartinho, tomado pela escuridão do lugar, tropeçou numa mesa, caindo por entre os objetos. Velho e gordo, levantou-se com pesar em direção ao interruptor da luz que estava queimada. Lembrou-se da lanterna; foi buscá-la, gerando ciúmes nos outros.

A lanterna, orgulhosa de si, iluminou todos ali, que a insultavam com palavrões. Há tempos Damião não via os objetos iluminados; reparou na quantidade de coisas que havia juntado. Sentiu medo, ao apontar a lanterna para cada objeto, imaginando que o fitavam com desdém e protesto; mais medo ainda ao achar que escutava vozes, um tipo de zunido intraduzível; depois pensou que os objetos riam dele.

Damião correu para escapar dali. “Estaria eu louco?”, pensou consigo. Pela primeira vez houve festa no quartinho, com os objetos comemorando o desespero de Damião; o violão sentiu-se como nos bailes da juventude.

Numa de suas idas ao quartinho para despejar mais um objeto, Damião, com a lanterna, iluminou, por acaso, o antigo espelho que há anos não refletia ninguém. Damião, gritando, apavorou-se quando viu a própria imagem refletindo um corpo sem rosto. O espelho sussurrou, com a caixa de sapatos, que não havia mais diferença entre as coisas e Damião. Ele passou o resto dos anos juntando mais objetos. Não havia lugar para eles no quartinho, mas Damião sempre dava um jeitinho para mais um, tal qual um coveiro que enterrava os outros e a si mesmo naquele cemitério das coisas.

JÚLIO OLIVEIRA NETO

Passo Fundo-RS

OS OLHOS DE ZÉ

Num rincão longínquo do interior, um capiau que deveria se chamar Zé, pois todos os homens por ali se chamavam Zé, carpia, como de costume, a sua roça de mandioca.

Por volta do meio-dia, quando o sol alcançou o zênite, foi como se o tempo enfim resolvesse estirar-se numa rede e descansar, parando em suspensão, por dois ou três segundos.

Tanto bastou para que esse Zé, impressionado com aquela calma, decidisse apoiar as mãos no cabo da enxada, o queixo no dorso mãos, e parar ele também, de uma vez, num tranco. E dessa vez era um descanso diferente, que em nada lembrava a pausa habitual para suspender o chapéu de palha e enxugar o suor da testa no meio do trabalho. Pois mais do que um mero instante perdido no à toa, tratava-se da própria fixidez num ponto de imobilidade espaço-temporal de pura contemplação, coisa que pela primeira vez ele experimentava na vida. E isso, para ele, foi o mesmo que repousar no mocho da eternidade.

Tamanha era a delícia daquilo, que o Zé, tão acostumado a ser ele mesmo, passou a ser outro a partir de então. Para trás ficou a enxada, caída na terra já sem serventia nenhuma, enquanto ele tocou para a beira do riacho, tratando de se arrancar numa afloração rochosa bem perto da curva da estrada, debaixo da sombra de uma mangueira.

Sobre aquela pedra tomou assento e parou, como se fosse um sadhu, mas como ali ninguém sabia o que era sadhu, passou primeiro por vagabundo, e depois por doido de aldeia. Seu mantra, ou melhor, sua ladainha, pois nunca tinha ouvido falar em mantra também, ficou sendo esta, que era tudo o que sabia dizer dali em diante: só observo.

A Maria, mulher do Zé, foi quem deu notícia do caso. Cansada de esperá-lo para almoçar o mexido que fervia no fogão a lenha, depois de muito procurar, topou com ele na beira do rio, olhando para o nada. Insistiu, puxou o homem pela camisa, deu na sua cara, mas o caipira não arredava, e quando abria a boca, era para dizer sempre a mesma coisa: só observo. Desconfiada de verme, que o homem nunca tinha sido de fazer corpo mole, viu logo que a barriga não tinha inchaço. Então devia de ser sandice, possessão, coisa que o padre talvez ajeitasse.

Veio o padre, e com ele a vila inteira. No fim, não houve reza que desse jeito, e o sacerdote saiu suspendendo a batina e mordendo os lábios, quase com inveja da expressão da cara do capiau, que lhe pareceu a própria visão da beatitude. Foi embora disparando:

- Fique tranquila, D. Maria, não é caso de exorcismo. Seu marido está débil, é só isso. Mas não se preocupe, é doidice do bem, pelo que parece.

Em seguida, injuriado com aquilo tudo, o delegado atalhou, ameaçando com voz de prisão por vadiagem, ao que o caipira respondeu, sem titubear:

- Só observo.

Aí a coisa esquentou, pois agora a cana era certeza, por desacato, ou então resistência, pacífica, é bem verdade, mas isso a autoridade tinha que resolver mais tarde. Por enquanto, o certo é que Zé não escapava do xadrez. E nisso, como não quisesse andar, acabou carregado na cacunda de Zé Cão, bate-pau da delegacia, que atirou-o numa cela onde não chegou a esquentar lugar por uma semana. Preso, virou logo a cara para a parede branca do fundo da cela e observou. Em pouco tempo, porém, aquilo se espalhou pela car-

Júlio Oliveira Neto é natural de Brasília e reside em Passo Fundo-RS.

JÚLIO OLIVEIRA NETO
Passo Fundo-RS**OS OLHOS DE ZÉ**

ceragem feito peste, e cada um, na sua jaula, cruzou também os braços, parando em silêncio. A gororoba começava a se amontoar nos cantos, intocada, fazendo um festim de moscas que era o mesmo que ver o exército de Belzebu. Aquilo não podia prestar, o sujeito dava ideias perigosas, e o delegado, que tinha lá suas luzes, sabendo que o próprio império britânico na Índia começou a ruir pela arte de um sujeito que não disparou um tiro, viu logo que a sua queda seria pinto, quanto mais que o inspetor chegava em dois dias, e seria custoso explicar aquela greve de fome.

Com muito zelo e empenho, o delegado prontamente restabeleceu a ordem na carceragem convocando uma visitinha rápida das raparigas do cabaré, o que devolveu o apetite da moçada e deixou os detentos bem sossegados. O inspetor saiu impressionado.

Para afastar qualquer perigo de novo motim, o capiau Zé foi despachado com uma pezada de Zé Cão nos fundilhos e devolvido à sua pedra na beira do rio, onde criou raízes, por longo tempo.

Por ali, na cabeceira de um rebanho, a primeira a passar por ele foi Dona Maria. Na garupa de um boiadeiro, atracada à cintura do peão, nem lembrou de acenar, e o Zé, bovinamente, acompanhou tudo com os olhos, até que a sombra sumiu, na outra curva da estrada. Por sorte era estação de mangas, e no princípio a própria natureza se encarregou do seu sustento, derrubando os frutos na sua cabeça e a seus pés.

O povo da vila, apiedado da condição bovina do Zé, que só veio a ser confirmada pelo par de chifres encimando a cabeça, tratou de cuidar do resto, pois teve pena do capiau que, afinal de contas, não tinha culpa de estar va-

riando.

Passando os dias, porém, a vizinhança concluiu que não podia ser loucura, pois era óbvio, afinal, que alguém com uma ideia que não variava não poderia estar variando. A fama que se espalhou foi a de homem convicto, de princípios sólidos, alguém em quem se podia confiar, e vinha gente até de longe para buscar conselho, querendo aprender com ele. Se aprenderam ou não é difícil explicar, mas o certo é que já falavam menos, e escutavam mais. Fofocavam menos, intrigavam menos, discutiam menos, e a vida por ali respirava uma paz que causava até constrangimento interromper.

Até que um dia ninguém mais soube do Zé, desaparecido sem deixar rastro. Nem o mateiro conseguiu encontrar vestígio, e o capiau passou de sábio a profeta na imaginação do povo: um segundo Elias arrebatado aos céus. Sim, o Zé foi arrebatado, mas o que nunca souberam dizer foi como. A despedida foi discreta, e aconteceu num fim de tarde especialmente tranquilo, em que a água do rio se despejava num sussurro. Então, naquele encanto de observar a correnteza, o Zé acabou sem observar uma onça que subia pela pedra, chegando de mansinho antes de abocanhá-lo pela nuca e arrastá-lo pelo chão rochoso, depois pelo leito do riacho, e finalmente subir com ele para o alto de uma árvore. Ali a fera banqueteu-se e absorveu tudo o que podia daquele corpo plácido e sábio, até o tutano dos ossos.

Ainda hoje ninguém suspeita que, do alto daquela árvore, o crânio já nu e sem olhos nas órbitas vela por todos em silêncio. E como sempre, só observa.

MALE CARVALHO

MANDALA



MARCELO
PARAÍSO SILVA

RETORNO DE UM JEDI

Vou rever meus versos,
Isariotes!
Vou rever meus “eus”.
Vou velar as flores
até murcharem – as flores
até murchar a dor
até murchar em mim;
até a dor murchar de mim.
Vou rever meus versos,
Isariotes,
vou rever meus “eus”
– E que fazias tu
que não os reviu?
Me perguntarias tu
que não me viu ser
dono de versos bravos
e de abandono,
dono dos meus enganos – os meus enganos,
e contigo errei.
Vou rever meus versos,
Isariotes,
vou rever meus “eus”
Vou velar as flores
até murcharem – as flores
até murchar – a dor
até murchar – em mim;
até a dor murchar de “mim”.

MARCELO
PARAÍSO SILVA

RETORNO DE UM JEDI

Vou rever meus versos,
Isariotes,
vou rever meus “eus”.
E que não me faltem versos,
Isariotes,
pois, de tu que os cobrarei;
e eu cobro em versos,
Isariotes;
e em versos, entre nós, você sabe,
eu sou o rei.
Vou rever meu versos,
Isariotes
Vou rever meus “eus”
Vou velar as flores
até murcharem as flores
até murchar a dor
até murchar em mim;
até a dor murchar de mim.
Vou rever meus versos,
Isariotes.
Vou rever meus “eus”



MARIANE NUNES

Jundiaí - SP

COMPRA

A apaixonada pela vida e pelo arco-íris. Choro tão fácil quanto rio, amo tão fácil quanto possível. Mesmo tendo passado dos trinta ainda não me encontrei. A parte boa é que ainda não cansei de procurar.

Pouco se sabia sobre aquele homem grande e barbudo. Até então, apenas mais um homem entrando na fila do caixa do supermercado. Chega sua vez e ele coloca na esteira sua pequena compra: um litro de água sanitária, esponjas multiuso, um litro de álcool, fósforos, um saco de lacres plásticos e uma pá da sessão de artigos para jardinagem. A moça do caixa lhe dá boa noite e começa a passar seus itens, estreitando os olhos a cada “bip”.

O homem a encara por cima com um olhar direto segurando algo dentro do bolso e quando ela está prestes a apertar o botão que chama a gerente, ele fala com uma voz de trovão:

- Quanto é? – enquanto tira a carteira do bolso.

- Quarenta e oito e cinquenta – responde a moça um tanto assustada, um tanto aliviada.

Ele paga com uma nota de cem para a qual ela não tem troco, o que faz com que ela precise realmente chamar a gerente desta vez. Enquanto espera, a moça começa a ajudar o cliente a embalar suas compras, como de costume. Porém suas mãos um tanto trêmulas esbarram nas dele e ela sente um calafrio

ao enxergar três arranhões como se feitos recentemente por unhas de outra pessoa no pulso do grandalhão. Os dois se olham – ela para cima, ele para baixo – por um décimo de segundo e antes que ela possa se desculpar, a gerente chega com o troco, o entrega e logo sai sem falar nada nem olhar para nenhum dos dois presentes.

A moça devolve o troco junto com a notinha de cabeça um tanto baixa para não o encarar outra vez. Ele recebe o troco, mas fica parado. Novamente ela sente aquele frio na espinha e se vê obrigada a olhar para cima, ver se o cliente precisa de mais alguma coisa. Com seu tom mais profissional ela diz: - ajudou em algo mais?

Ele sorri de lado, olha bem dentro dos seus olhos e diz: - por enquanto não... Júlia.

E sai.



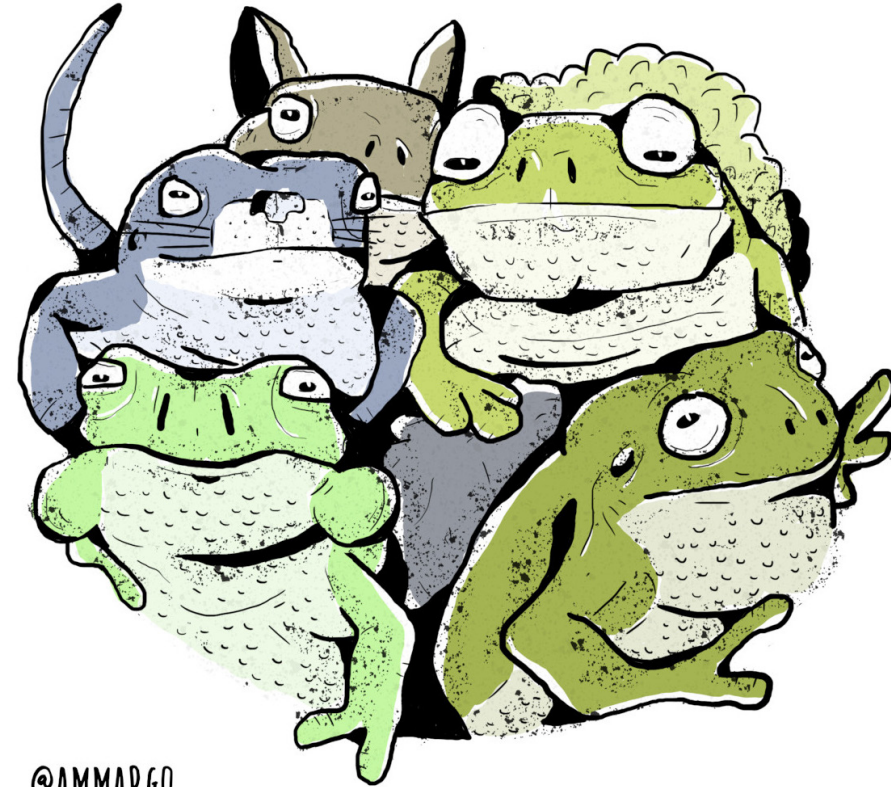
MARIBEL CAJETE
VAZQUEZ
Piracicaba - SP

SAPONAUTA

Conhece aquela história do sapo virar príncipe depois do beijo da princesa? Pois é, meus irmãos e eu detestamos essa história. Quem foi que resolveu que nós, os sapos, queremos ser transformados em príncipes? Quem definiu que tinha o direito de decidir nosso destino? E para todo sempre, ainda por cima! Por acaso não conseguem imaginar que temos nossos próprios sonhos e projetos?

Eu, por exemplo, quero ser um astronauta. Viver na lagoa é bacana, eu não estou reclamando não. Mas é que o Universo é tão imenso, e eu tenho muita curiosidade de saber o que existe além da minha lagoa. Será que existem sapos em outro planeta? Como eles vivem? Será que são verdes como eu?

Essa ideia de virar príncipe e ser feliz para sempre diminui muito minhas possibilidades de novas descobertas. Eu sou um sapo que ama uma aventura. Fico imaginando



@AMMARGO_

como é entrar num foguete, o momento do lançamento, a expectativa de ser lançado numa super velocidade. Deve ser incrível. Até me arrepio! E olhar a Terra lá de cima? Deve ser emocionante demais. Então, por favor, inventem histórias diferentes para mim. Sejam criativos! Esqueçam isso de que um beijo na última página do livro resolve a vida dos personagens. Beijo é muito gostoso, mas a vida tem mais para oferecer.

Antes que me esqueça: Do final feliz eu gosto!

ARYA

MARINA ALEXIOU

São Paulo - SP

Destino incerto sobre as ondas que jamais retornam.
E ventos que sopram o hálito das sirenas, habitantes das suas profundezas...
Como gostaria que estivesse aqui!
Mas você está eternamente a caminho, nessa nau tão velha como o mundo,
Mirando o horizonte e seus desejos
entre medos e questões.
A ouvir a Canção das canções do seu coral íntimo,
hóspede em tantas interpretações...
Quando aportar, jamais se parecerá novamente com aquela que foi e que esperavam que fosse um dia.
Nessa aurora de novas e inusitadas cores
um outro e desconhecido rosto emerge...
A conter as canções de seu repertório
em um renovado coração.
...Por favor, caminhe pelos meus sonhos...

Professora universitária de Filosofia, sempre amei e estudei Artes no Brasil e em Portugal. Elas me levam para o seu mundo simbólico e vêm inspirando a minha escrita poética desde 2009.

MILTON REZENDE

Campinas – SP

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO HOMEM

(Drummond revisitado)

Os homens
não sabem que são homens
se soubessem, rejeitariam o nome.

O homem
desconhece o outro homem
que vive dentro ou fora dele
e que nunca foi visto.

O homem
é o absurdo de ser homem.

O homem
não tem consciência
do que viria a ser o homem
em sua acepção genérica.

O homem
é o estereótipo do homem.

O homem
é específico como o bicho
pior que isso, é dual
é indivíduo e social.

O homem
não suporta o peso de ser homem.

O homem
não tem importância alguma
para o próprio homem.

O homem
é o desespero de ser homem
não sendo, na ilusão de ser.

Os homens
quando reunidos em sociedade
não formam um todo, sequer uma parte.
Formam apenas uma irmandade
a caminho do nada.

Um homem
não destruirá um outro homem.
A arte, tenho esperança,
humanizará o homem.

NINA GARCIA

Lisboa - PT

LER A MINHA HISTÓRIA EM LISBOA

Saí de casa, ansiosa por passear, observar a paisagem em meu redor, olhar o rosto das pessoas, respirar o ar fresco de Outono num dia de sol.

Andando devagar, absorvo tudo o que se passa. Simplesmente, não penso, embrenhada no mundo que me envolve.

Contudo, em sucessão, as imagens surgem no meu pensamento.

Nessa avenida passeando, em pouco tempo recordo outros tempos. Tempos de menina. Enquanto tocava xilofone e olhava através da janela do quarto de um hotel que já não existe, para a estátua do Saldanha e percorria a longa avenida que a tinha como ponto de partida. Estava encantada, com apenas 6 anos de idade. Foi a primeira vez que estive em Lisboa, uma cidade algo misteriosa, mas tão bonita. Jamais a esqueci. Nessa época, gozava um período de férias com os progenitores, para posteriormente nos dirigirmos à Serra da Estrela, antes do regresso a Angola.

Algum tempo depois, estaríamos definitivamente de volta a Portugal.

Ruas, ruelas, avenidas, praças, becos, travessas, um labirinto de história que a edificou. E a multidão caminhando por esses caminhos, recordo tantos passeios ao longos dos anos, em tantos lugares desta pequena-grande cidade onde nos perdemos envoltos no mistério de histórias por desvendar.

Após vários anos na Serra da Estrela, regressámos para finalmente fazer parte da cidade pela qual me apaixonei em

criança. Um sonho concretizado. Morando nas Avenidas Novas, partilhámos um dia a dia rotineiro de uma família comum, mantendo os laços com diversos elementos da família residentes nos arredores. E um ano após os meus pais terem regressado à sua terra-natal, dá-se o falecimento da minha mãe num dos grandes hospitais da cidade, uma semana a seguir ao meu casamento. Uma das experiências mais tristes e dolorosas que aqui vivenciei.

Desconhecidos a par por mim passam assim como tantas vezes passaram quando me deslocava à noite em direção ao velho e histórico Liceu Camões. Trabalhava e estudava à noite. Em simultâneo, conheci tantos colegas e fiz os primeiros amigos que continuam a fazer parte da minha vida, senti a intensidade duma existência à descoberta do mundo. Amigos com quem partilhei experiências, aventuras, confissões, lágrimas, dores, alegrias e muita diversão, e com eles conheci a beleza de várias



NINA GARCIA

Lisboa - PT

LER A MINHA HISTÓRIA EM LISBOA

localidades dos arredores de Lisboa. E entre mil rostos sem fim procuro encontrar um colega daquele tempo de escola ou de trabalho, quem sabe? Foi aqui que segui os passos do meu pai na sua profissão, ao serviço do bem comum. E tantas saudades deixou essa época. Mas, a vida muda e outro percurso decidi tomar, deslocando-me para outro local da cidade que também muito aprecio. Novos colegas surgiram e outras amizades conquistei.

Decido fazer uma pausa e dirijo-me a uma pastelaria com esplanada, entre tantas que a cidade alberga, qual delas a mais bonita? Sinto os corações a palpitar passando por mim ou sentados à minha volta, conversando ou simplesmente a tomar algo. Retiro o livro que transporto na mala para fazer uma pausa nas minhas memórias e ler as memórias de alguém que não conheço. Enquanto tomo um café, apesar do barulho das vozes que se confundem com o tocar dos utensílios utilizados para servirem os clientes da pastelaria, consigo concentrar-me na leitura de palavras que não são as minhas, de descrições de locais e pessoas com histórias que valorizam esta publicação ao envolverem-me e que tanto aprecio. Mas, de vez em quando, levanto a cabeça e em cada olhar denoto uma expressão diferente. A trocar impressões. Simplesmente a pensar. Ou de semblante ausente. Quem são estas pessoas? Quais as suas histórias de vida? Como se enquadram na existência desta cidade?

Retiro o livro que transporto na mala para fazer uma pausa nas minhas memórias e ler as memórias de alguém que não conheço.

As horas passam e tenho vontade de voltar a caminhar. Ao levantar-me, cruzo-me com um casal de jovens enamorados. Sorrio... Quantas histórias não teria para contar, segredos para revelar? De paixões e amores que me completaram em tantas alturas da minha vida. Que comigo partilharam aventuras noutras partes do país e em vários locais da cidade entre visitas a monumentos, passeios à beira-rio e pelas diversas e diferentes ruas, entre

lanchar em pastelarias, jantar em restaurantes, ir a um cinema, tomar um cocktail num bar, dançar numa discoteca, ou simplesmente ir de carro pela Serra de Sintra até ao Guincho e ver o mar, observando o horizonte numa das encostas entre Cascais e o Estoril.

Neste imenso mar de gente a ir, deito um olhar para o rio Tejo que tanta

beleza confere às suas margens entre o centro e o sul do país. Quantas vezes atravessei a sua ponte mais antiga e histórica para passar fins de semana em casa de família, dar longos passeios ou para apanhar banhos de sol nas suas praias de areia fina e brilhante e de água límpida e fresca? O que me trouxe uma das paixões da minha vida, com quem estive quase a casar. Com essa paixão senti a experiência da loucura que massas sentem pelo futebol, neste caso por um dos grandes clubes da cidade, o S.L. Benfica, tendo assistido a alguns dos grandes jogos.

E novamente procuro encontrar alguém a sorrir... e sorrio outra vez. Quantos quilómetros

NINA GARCIA

Lisboa - PT

LER A MINHA HISTÓRIA EM LISBOA

de Lisboa percorri a pé, de metro, de autocarro, de comboio, desde que conheci o homem com quem casei, cujo nome também sonhei que seria meu companheiro de vida e em Lisboa? Tantos recantos desta cidade “menina e moça”. O nosso namoro completava-se com passeios que se estendiam não somente pela cidade como aos seus arredores, bem como pelo país. E outras viagens fizemos pelo estrangeiro, sempre com vontade de voltar ao nosso lar, doce lar, olhar as luzes das noites de Lisboa, ou a imensa paisagem diurna de avenidas entrecortadas por paralelas e perpendiculares sem fim, os monumentos grandiosos, os prédios altos e baixos, o porto, o cais, o pulmão da cidade, vistos de um avião a chegar ao aeroporto... Casámo-nos na igreja de Benfica, freguesia da minha autonomia e independência. Posteriormente a ter vivido alguns anos no concelho de Sintra, regressei. Ao longo dos anos senti a solidão da grande cidade. Tantas vezes, ao morar no centro, vários dias da semana poderiam ser solitários. Com a chegada do fim da semana, a população reduzia substancialmente, conferindo um vazio às suas ruas e em simultâneo uma certa nostalgia. Contudo, o mundo foi mudando, e no último ciclo de crise económica de que foi assolado, algo se transformou e Lisboa

ganhou outra perspetiva, mais enriquecida e dinâmica a nível social e cultural, atraindo gente dos mais diversos pontos do globo. A tal solidão deixou de fazer sentido.

Descubro no meio da multidão um amigo. Falamos sobre os tempos da universidade, o quanto era difícil estudar e trabalhar simultaneamente. Entre colegas e professores, que preencheram muitos momentos de mudança nas nossas vidas rotineiras, foi, sem dúvida, uma vivência na cidade que nos enriqueceu. Outro tema de conversa foi a concretização de mais um sonho meu, publicar e lançar um livro. Uma experiência única que me fez descobrir outra faceta do ser humano como consequência, mas que me tem fortalecido na minha visão sobre as pessoas. Assim perdi, mas também ganhei amizades e novos conhecimentos. Despedimo-nos com a promessa de nos encontrarmos em breve.

Regresso ao meu passeio, a observar o que me rodeia e como os pensamentos são como folhas ao vento que voam com facilidade pela sua leveza, as memórias são uma constante que parecem inscritas em cada esquina, em cada canto, em cada passeio, em cada prédio, em cada ruela.

Continuo apaixonada por Lisboa.”



PATRICIA FERREIRA

São Carlos - SP

A EQUILIBRISTA E A MOSCA

Sou bióloga, baiana e apaixonada pela vida. Escrevo porque gosto de contar histórias. Vivo em São Carlos - SP, e faço parte do coletivo Alpaccas Cientistas para divulgação de científica.

Na vida muito se almeja e muito se cobra. Nós de nós mesmos e todos de nós. Sejam nossos queridos familiares, nossos amigos, família por escolha, nossos cônjuges tão amados, nossos colegas, parceiros e mesmo as pessoas que não conhecemos, que nunca vimos, mas que estão aí no mundo esperando alguma coisa de nós. Como diz na música “a gente espera do mundo e o mundo espera de nós”. E toda essa cobrança nos leva a situações muito interessantes, algumas boas, algumas nem tanto, outras ruins, algumas insuportáveis. E assim a vida vai. E aí me pego pensando na oração “Senhor, dai-me a serenidade para aceitar as coisas que eu não posso mudar, coragem para mudar as coisas que eu posso, e sabedoria para reconhecer a diferença: vivendo um dia a cada vez, aproveitando um momento de cada vez; aceitando as dificuldades como um caminho para a paz.” Como medir e equilibrar o que a gente pode, o que a gente deve e o que a gente quer fazer para responder a altura todas as expectativas que recaem sobre nós? E escuto sempre que há de haver equilíbrio. Precisamos viver em equilíbrio, o trabalho, a família, os prazeres, o ócio, e tudo mais que fazemos vivos deve entrar em um estado de equilíbrio. Para que nem a gente e nem as outras pessoas fiquem desapontadas conosco.

Certa vez visualizei uma pessoa se equilibrando numa corda bamba, como um equilibrista de circo, usando uma roupa bem justa, flexível e brilhante, rosto bem maquiado, cabelo lindo, preparada para brilhar. A equilibrista estava segurando uma haste bem grande perpendicular à corda bamba. E nessa haste estavam pendurados a roupa para lavar, a comida para fazer, as compras para carregar, o lixo para tirar, o email para responder,

a foto para postar, o post para comentar, a live para assistir, o presente para comprar, o exercício para fazer, o violão para aprender, o filho para educar, o curso para terminar, o projeto para enviar, o artigo para terminar, o cabelo para lavar, o cachorro para passear, a mãe para visitar, o amigo para conversar, a pesquisa para conduzir, a cerveja para gelar, o café para esquentar, a casa para limpar, a reunião para participar, a horta para aguar, a festa para ir, a encomenda para receber, o jogo para assistir, a pizza para dividir, o vinho para viver mais, a feijoada para servir, o cartão para pagar, o boleto que venceu, o show para ir, o disco para ouvir, o livro para ler, a dieta para seguir, o sapato para provar, a massa para sovar, o programa para atualizar, o investimento para fazer, a missa para ir, o perfil para seguir, o filme para assistir, o amor para mais tarde, o tempo para meditar, a yoga para relaxar, o celular para comprar, a praia para curtir, a viagem para planejar, a notícia para enojar, a chefe para agradar, os colegas para invejar, o dia para descansar, e o futuro para ser feliz.

A equilibrista sorria, uma gotinha de suor descia da sua testa em direção ao olho e em torno da sua cabeça uma mosca voava. Uma mosca gorda, preta e barulhenta zumbia e dava voltas e voltas em torno da cabeça do equilibrista, tirando sua atenção, minando seu foco, irritando, diminuindo sua concentração e ameaçando o seu equilíbrio.

E quando penso no que somos e queremos ser, onde estamos e para onde queremos ir, lembro dessa mosca, zumbindo em torno das nossas cabeças, nos distraíndo, irritando, tirando nossa paz e nosso equilíbrio. Não bastasse tudo mais, ainda tem a mosca.

PEDRO ALFREDO FERRO
Moçambique

ALELUIA

Ai de mim; tiver má companhia!
E, desviar-me dum bom caminho
Ó pai-nosso! Desvia-me dessa tentação!
Não aguento vencer o mundo sozinho

Ai de mim; casar-me com a rainha!
E corromper-me a alma com sentimento do rei
Ó pai-nosso! Dê-me sabedoria e perspicácia!
Entrego-me nas suas mãos meu rei

Ai de o mundo me rejeitar
E, a minha fé acanhar ao me sentir sozinho
Ó meu Senhor, esteja sempre comigo!

Pai! Ai de o mundo escravizar-me
E forçar-me a aceitar a sua idolatria
Ó meu rei, cuida do meu dia! Ámen



PEDRO FRANCO

Rio de Janeiro - RJ

MAMÃE E SAUDADES

Pedro Franco. Professor Emérito UNI-RIO. Emérito ABRAMES e SOBRAMES. Membro UBE-RJ. Livros 22: 11 de contos, 6 crônicas, 3 teatro e 2 de ensaios. Prêmios literários: 616, 25 auferidos fora do Brasil.

A imprensa informa que a Leiteira BOL vai fechar. Lembrei-me de muitos anos atrás e com terna saudade, quando ia às compras no centro da cidade com mamãe. O Rio era outro. Pegávamos o ônibus do Grajaú, depois do almoço e usualmente dormia. Ao chegar ao centro, era acordado, estava estremunhado e meio sonolento percorria de início as casas comerciais. As senhoras, quando iam às compras, andavam de cansar criança, apesar dos saltos altos e chapéus. A cidade no caso era o centro desta mui leal e sofrida São Sebastião do Rio de Janeiro. Ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias, Uruguaiana, Largo da Carioca e adjacências. Havia os bairros da zona Norte, da zona Sul, os subúrbios, a zona Rural e as Ilhas. Nem se falava na Barra da Tijuca e muito menos no Recreio dos Bandeirantes. Pasmem os mais novos, não havia shoppings! Voltemos às senhoras acompanhadas de outra, ou de filho, pois uma senhora não andava só e maridos não faziam compras. Especulavam preços e muitas vezes voltavam à primeira loja visitada. Eu me vestia no Príncipe, “o que veste hoje o homem de amanhã”. Vale dizer que nunca ligava muito a roupas naquela fase da vida. Um tio conhecia o dono do “Príncipe” e havia a chamada diferença no preço. Quando as pernas começavam a doer e os sorrisos minguavam, mamãe me olhava e vinha a frase salvadora: _ Vamos lanchar na BOL? Casa de lanches estreita, comprida e sempre os mesmos garçons nos serviam. Sei que entrar nesta casa de lanche era festa para os pés e farra para a barriga. “Milk shake”

e sanduíche de presunto. Cadeiras estreitas, embrulhos nas outras duas que sobravam. Lembro-me que as paredes da BOL eram espelhadas. E tive vida tão atribulada que nunca fui à Bol com minha mulher. Apesar de ser filho único, mãe e nora sempre viveram juntas e tão bem se davam, que muitas vezes passei por genro. Sogra e nora são especiais e às duas agradeço o bom lar que me deram. Depois do intervalo BOL, continuávamos nas andanças. Íamos ver papai na Tesouraria da Caixa Econômica Federal. Ouvi muito como está crescido! E muitas senhoras tinham o mau hábito de me apertar as bochechas. Havia quase sempre uma passagem em casa de brinquedos, ou na Loja de Dois Mil Reis, que virou depois Lojas Americanas. De acordo com o orçamento ganhava brinquedo, ou jogo. E como vibrava! Andávamos principalmente nas ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias. Crianças da classe média ganhavam menos presentes do que as de agora, não tinham computadores e me arrisco dizer que eram mais crianças e mais felizes no geral. Na volta, quando não havia lugar ao lado de mamãe, vinha cochilando e às vezes incomodando algum estranho. Agradeço ser avô de três netos e no momento bisavô do Guilherme. Ao ler a notícia do fechamento da BOL bateu uma saudade danada da mamãe, Tudo vai passando e persistem as teimosas esperanças, doces lembranças, de um tempo bom, que ficou para trás. Tempos aonde fui Pedrinho no Sítio do Picapau Amarelo. É, Pedrinho, Narizinho e Emília nunca foram à BOL. Mamãe e eu fomos. Valeu!

PERPÉTUA AMORIM

Franca – SP

DANÇANDO NA CHUVA

Chegamos juntas. A chuva e eu
A chuva mais atrevida
Desenhava a minha silhueta desprevenida
Dentro de mim uma claridade azul
Pairando sobre o silêncio.

Tirei a máscara encharcada
Deixei à mostra a mulher de pedra bruta
Vinda das nascentes, cheia de encanto
Pés descalços e alma desnuda
Que ao seu lado transmuta
Dança na chuva e rodopia
Faz malabares no seu abraço
Pelos seus beijos, gracejos.

Chegamos juntas – a chuva e eu
A chuva, simplesmente porque choveu
Eu fiz presente a sua ausência muda
Em cada momento vivenciado
Nas luzes que se apagam sempre
Quando termina o espetáculo
E nas cortinas que se fecham no final de cada ato.

Do amor espetáculo, restou a chuva e eu
Sem palco, luzes ou tempestade
Sem o feliz para sempre
Como sempre.

Poeta e escritora da
Academia Feminina
Sul-Mineira de
Letras (AFESMIL)
e da Academia Francana de
Letras (AFL).



PHILLIPE SAKAI

À BELEZA

lá vem o vento
de novo
leve e lento
simples assim
sem novidades
para mim
talvez você
apareça
e me faça esquecer
talvez eu
esqueça
sem querer
as horas
em vão
a te esperar
para então
em par
abrir garrafas
ou só brindar
à espera
ou à chegada
da primavera
- pode entrar
- atrasei...
- nem reparei.

Escritor. Colunista da
Hecatombe Edições
(Editora Urutau).

PISTOLS BARRETO

Jaboticabal-SP

CARTA DO FUTURO

Eu ouço música como o ser noturno que sou. Me arrastando pelos cantos, esgueirando o perigo na cidade após as 23h. Carrego em mim a inocência daqueles que não entendem as paixões e os pagamentos, eu vejo os pecados de longe, como um vigilante. Há algo grande em meu coração: o vento gelado da madrugada, os semáforos alterando as cores, pintando a noite de aprovações. O LED de suas entranhas eu sei programar, eu sei como funciona o interior dos equipamentos, eu não sei como funciona o seu, o dos humanos, o meu. O centro da cidade é a face de meu íntimo. Ouço a música das festas que eu deveria ter ido. Escondida, me permito ser a presença do mal na terra. Em um carro, a música fica distante, a mão ondula-se no

vento urbano e no espaço tempo. Tudo é quente, não quente de verão, mas quente de suor e evapotranspiração; vento orgânico, sem pecados, apenas o verdadeiro e doce instinto humano, socialmente construído.

Há algo dentro de mim difícil de explicar, eu pertenço a este ambiente sem ser de fato dele. A pureza em meu coração me acompanha, como uma maldição que me impede de encarar minha verdadeira violência. Me tome noite, me leve, me ensine a pedir perdão, porque tenho sido ensinada a buscar pela redenção para um coração que só fez obedecer e implorar por permissão, sem nunca ser permitido. Já basta, quero o fogo do inferno. Quero ouvir o canto da noite.

Esta é uma carta de você do futuro.

Estudante, em busca de (re)conexão com minha existência literária, fascinada pelo tecido de nossas vidas, curiosa (não sobre tudo), ouvinte de conversas densas e do silêncio também.



POW ART

CHAPÉUZINHO



É ilustrador, artista tradicional e digital, cria mundos em formas e cores, fã de histórias em quadrinhos e desenhos animados, atua em diversos projetos literários.

TALVEZ

**RAFAELLA STHEFANY
PEREIRA ARAUJO**

Itapetinga - BA

Artista e estudante de Psicologia. Busca, por meio da arte, ecoar pelo mundo não só a sua voz, mas também as das suas ancestrais que tanto lutaram para que hoje ela pudesse trilhar o próprio caminho.

Todo dia me matam
 Todo dia meu corpo fica cada vez mais fraco
 Respiro uma vez, respiro outra vez e outra e outra
 Mas no final eles conseguem me matar
 Tem dias que dói menos
 Talvez porque já me acostumei com a dor da morte
 Tem dias que dói mais
 Talvez porque aguentar seja só uma ilusão
 Mas uma única coisa que não muda
 É que eles me matam todo dia
 Não sei como ainda levanto da cama
 Talvez seja a esperança ou a fé
 Talvez seja a sede de justiça ou a fome de vida
 Talvez seja a lembrança da minha avó
 Talvez, talvez, talvez.

REINALDO FERNANDES
Brumadinho - MG

A CANÇÃO DA CHUVA

Fazia tempos que não chovia.
Queimava tudo:
pasto,
Floresta Amazônica,
cerrado,
meu coração.

Agora chove.
Não ligo o rádio
não ligo a TV
não quero nenhum barulho,
não quero nenhuma conversa,
não quero algazarra.
Hoje só quero ouvir a canção da chuva.



Reinaldo Fernan-
des. Escritor e
professor, autor
dos livros “Tri-
lhas”, “Sob Suspeita”. Acre-
dita nas pessoas, no mar e
em lua cheia. Gosta de co-
lher salsinha, amora e milho
verde em seu quintal.

RENAN DE OLIVEIRA

Londrina - PR

DESENCARGO

Velho rádio de pilhas
a pifar
vazadas pilhérias.
A intenção era só trazer centos de predições baratas
fragmentos de implosões banais
reticências mal ajambradas
sorver um fardo de fardos não tão pesados
mas suficientemente incômodos
a ponto de alfinetar a espinha-chave

Ressoar remorsos
pentagramas sem clave
fricções fatiadas, tira-gosto do colapso
só trazer o que é de trago
lampejos lúgubres
devolver o trema - esguio filho - à mãe sem pátria

Desfibrilar truísmos
rebobinar o VHS estúpido entulhado de reminiscências tolas
memórias pueris
embrulhos mal-enlaçados

poréns
e enfins
e murmúrios

a todo e pleno vapor sem vulto
mouco e dúbio, volto e cultuo
todo poderoso tempo que perdi
mas jorro gracejos sem intento
neste velho papel de carta
esquecido com a orelha rasgada

faca sem ponta
sem murro
sem rumo

Que falta faz ter tinta e pilhas
para encerrar...

Norte-paranaense “pé-vermelho” de Londrina, é jornalista e escritor de poemas, contos, crônicas e fragmentos insólitos outros. Prestes a lançar seu primeiro livro de poesias.

RODOLFO
GUIMARÃES NEVES
Recife - PE

ASSALTO À ARTE ARMADA

— Querida, o frio lá fora está cortante. Mas olha essas cenouras, que maravilha. Jefferson tinha acabado de voltar do mercado, com seus cento e quinze quilos e setenta anos, a caminhada, nada curta, era, de fato, estafante.

— Jefferson, fecha essa porta que o frio está se convidando a entrar — disse Dona Olinda, ainda do escritório da casa, enquanto limpava os livros de sua biblioteca com um pano seco.

— Só um instantinho, amor. — Estava acomodando os pacotes da feira no balcão da cozinha.

— Alto lá! Aqui é um assalto! — Entrou um rapaz com um facão na mão.

“Alto lá?” pensou Dona Olinda.

Jefferson, assustadíssimo, levou a mão ao coração. Sua esposa sabia da fragilidade de sua saúde.

— Ninguém se mexe, onde há o dinheiro?

— Aqui, meu rapaz! — Chamou o bandido para o escritório num tom de voz mais elevado.

— A senhora não se atreva a me desafiar! Caladinha, e passa tudo o que tem! E você — gritando para Jefferson, ainda na cozinha — pra cá, e nem se atreva a tocar no seu celular! — Jefferson obedeceu sem questionar.

Ainda que assustada, Dona Olinda deu uma boa olhada no rapaz: mocassim, calça jeans com rasgo em um dos joelhos, camisa com estampa de Basquiat, escritos tatuados no antebraço esquerdo, poema talvez, uma chave de sol no braço direito, um cachecol e cabelos bem cortados e penteados. Esse homem poderia ser tudo, menos um bandido.

— Anda! — gritou o rapaz.

— Claro, claro. Venha, garoto. — Dona Olinda o levou para as estantes do escritório.

E continuou:

— Veja, na minha carteira você não vai me encontrar nada. Eu sou das antigas, não tem essa história de guardar dinheiro debaixo do colchão? Eu guardo entre as páginas de meus livros.

— Não me interessa, eu quero a grana!

— O jovem já estava impaciente. Ainda assim, deu uma boa olhada na biblioteca de sua refém.



RODOLFO
GUIMARÃES NEVES
Recife - PE

ASSALTO À ARTE ARMADA

Jefferson, por sua vez, estava paralisado, mas fingia dor no coração com a mão sobre o peito para ver se conseguia alguma complacência do inimigo.

— Calma, calma, deixe-me ver, vamos ver... será que é esse? — Pegou o livro “O Grande Mentecapto”, folheou e entregou na mão do rapaz, que deu uma boa olhada na capa do livro — acho que não.

— Vejamos este — dessa vez Dona Olinda pegou “Assassinato no Expresso do Oriente” e faz o mesmo procedimento, que se repete — também não.

— Hum... — E tome o “Crime do Padre Amaro” nas mãos já cheias do jovem, que não deixou de observar a capa, com certa angústia e impaciência.

— Corra, minha senhora!

— Talvez... — E lá vai “O Processo” na pilha.

— Acho que agora vai... — O jovem teve que se equilibrar para segurar o tijolo “Crime e Castigo” na pilha de livros em seus braços. O arrependimento já arranhava a consciência.

— Acho que é este... — “Lisbela e o Prisioneiro” foi a cereja do bolo.

Bernardo estava arrasado.

— Olha dona, eu já entendi, veja... eu não estou fazendo isso porque quero, a faculdade está uma fortuna, eu tenho família, eu... vamos esquecer — falou cons-

ternado.

Dona Olinda já estava com “Morte em Veneza” nas mãos.

— A situação está difícil para todos nós, querido. Mas isso não justifica ameaçar dois idosos com uma faca.

— Senhora, tudo bem, vamos esquecer... Dona Olinda dá uma olhada no entorno.

— Olha, tome, meu querido. É tudo que tenho a oferecer — disse Dona Olinda pegando os castiçais de prata que decoravam o escritório, entregando-os ao rapaz. O pretendente a assaltante começou a soluçar, num choro que não conteve, de remorso e vergonha. Não era qualquer uma que estava admoestando. Era da classe.

Dona Olinda, compadecida, asseverou:

— Ninguém que vive da arte deveria passar por que estamos passando, meu querido. Agora vá.

E o jovem artista retira-se com rapidez com os castiçais, enxugando as lágrimas com o cachecol.

Com a segurança restaurada e a porta bem trancada, Jefferson quis saber se sua esposa estava bem. Acalentando-a.

— O rapaz foi com o que queria?

— Ele foi com o que precisava, querido — disse Dona Olinda com o livro “Os Miseráveis” estalando entre os dedos das mãos.

RONALDO MAGALHÃES

Salvador – BA

PEQUENAS MARAVILHAS

Passeio pelo interior.
Fruta no quintal.
Céu aberto
Ave derradeira
A cantar na cumeeira.

Cheiro de mato.
Trilhas e aroma de café.
Sombra no pomar.
As crianças a fazer peraltices no terreiro.
Doce de leite no tacho.
Dindinha chama a molecada
Para o lanche da tarde.

Ouçó lá de longe, um aboio.
Vovô Juvêncio que aparta o gado.
Um gato se espreguiça
Na varanda de Dindinha.
Uma rede.
Um corpo deitado.
Um par de olhos marejados
Olhando a trilha das formigas.

Momento de plena revivência.
Uma vida.
Minha vida.
Eternas imagens faíscam
E me constituem.
Sou feito da quimera
Alimento-me das pequenas maravilhas.

Mestre em drama-
turgia (UFBA).
Escreve poesias,
artigos, ensaios, contos, ro-
teiros. Participou de várias
antologias. É colaborador
no Jornal Fuxico (UEFS).



**ROQUE ALOISIO
WESCHENFELDER**

Santa Rosa – RS

PÍNCAROS

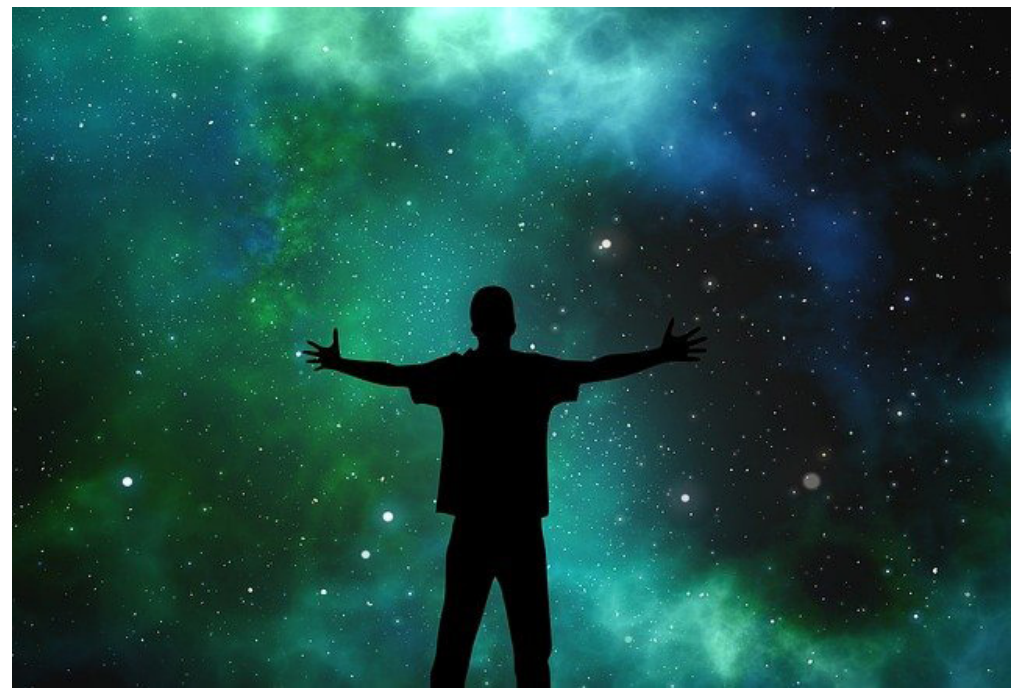
No topo das montanhas,
no fundo das fossas abissais,
procura a alma, sem cessar,
a constituição das verdades do Ser.

Em qualquer das galáxias gigantes
reside um sol diferente.
Ele conhece os segredos mais escondidos
das profundezas do Ser.

Em cada palavra nova que surge
os mistérios sempre persistem.
Não são as bocas ou as letras
capazes das definições do Ser.

Nas longas e distantes procuras
uma verdade dirime todas as dúvidas:
é na feição triste ou feliz de uma criança
que se leem as feições verdadeiras do Ser.

Graduado em Letras, 72 anos, autor de 16 livros, multipremiado em concursos literários, integrante de mais de 200 antologias literário/textuais. Revisor e tradutor.



RYAN CÁSSIO
Fortaleza – CE

PONTO DE EQUILÍBRIO

— “1,2,3...” — Contava os passos mentalmente, ainda repassando a distância em sua cabeça. Sob seus pés, sentia o concreto frio das 7:00 da manhã. Era a hora! A hora do espetáculo.

— “4,5,6...” — O êxtase quase palpável em seu corpo, enquanto sentia que o fim se aproximava vertiginosamente. Caminhava cuidadosamente sobre a fina linha branca, um pouco apreensiva, afinal, apenas um passo errado e bum! Tudo estaria acabado.

— “7,8...” — Um grito histérico interrompe a apresentação. Homens, mulheres, crianças! – Todos se reuniram para vê-la.

— “Incrível...” — Ela pensa sarcasticamente. Estava habituada a receber gritos e ovações (algumas vezes risadas de escárnio), mas de que importava agora? — Aquele era seu show, sua obra-prima! Era uma obrigação apreciá-la.

Em seus gestos, risada, roupas, em toda sua essência, carregava a felicidade e o contentamento do povo! E nos pés, tão delicados quanto os de uma bailarina, resguardava o excruciante esforço de anos de treinamento a fio. O que a fazia ser especial.

— “9,10.” — Estacou no último momento. A multidão, antes exaltada, encontrava-se agora num silêncio sepulcral, amontoada como formigas. Ergueu a face, fitando o céu levemente escuro: — “E esse... é o fim!” — Sua voz melancólica ressoou ao mesmo tempo que o baque surdo. Era o fim da apresentação.



SANDRA RAMOS

Charneca da Caparica - PT

CRIME EM SE SER MULHER

#MulheresnoAfeganistão

Mulher em chamas, engolida pelas trevas do obtuso;
Mulher silenciada por paradoxos condicionantes da sua existência,
Imposição de antagonismos, resgatadores soberanos do seu direito,
Violação deliberada de si, do seu leito...do seu respeito.
Mulher, cujas palavras esfumaçam no vento vindo do Norte,
Só apenas mais um rosto vazio, entre um mar de olhos adormecidos...
Uma mulher, entre tantas, coagida a cedências abruptas,
Vazia de objetivos na visão terrorista desumana,
Invisível ao mundo novo apetrechado e tão distante de si.
Mulher, à mercê involuntária do cumprimento da desumana ignorância,
Esmagada na força e engolida pelo ódio machista, pela cólera ao mundo;
Mecanismos eloquentes de supressão à sua existência,
De contaminação, de totalitarismo e de escravidão.
E, hoje, sou essa Mulher;
Aprisionada num efeito paralisante,
Por onde as minhas palavras se deslizam num circuito fechado.
Estou viva, e no massacre que me engole,
Direi, gritarei e não deixarei de “dizer”,
Que no respirar da humanidade, não é crime em se ser Mulher...

Sandra Ramos, de Portugal, participa regularmente em coletâneas. Publicou o livro “Memórias de um Tempo Enfermo e Infinito: Diário Epidémico”. Ama a sua Filha, a Gestão da Qualidade e a Poesia.



SAUL CABRAL
GOMES JÚNIOR

A MORTE DA DEUSA INSÂNIA

Graduou-se em Letras. Em 1998, obteve o 4º lugar no Concurso Nacional de Contos "Cidade de Araçatuba". Seis anos depois, teve uma poesia classificada no VIII Prêmio Escrita de Poesia.

Decretem a morte da Vida,
que expirou sobre a mortalha da Insânia,
cujos olhos, vivazes, não permitiram fechar-se
na escuridão do dia anoitecido.

A Vida não se conteve perante o túmulo da Insânia:

chorou sobre a irmã em decúbito
e se esvaiu em profusas lágrimas inaudíveis.

Decretem a morte da deusa Insânia,
que levou consigo a Vida,
em leves passos pungentes,
sem esforço maior que o voo de um pássaro.

Tudo que se ouviu
foi o latejante silêncio que exalava
das ruas sóbrias, dos vieses cortados pelo Tempo:
cálidas calçadas caladas.

A atmosfera escassa pousou
sobre a terra prenhe de certezas,
chão ressequido onde arborescem exuberantes verdades vazias.

Nenhum semblante velou a deusa
a quem as carpideiras repudiaram,
transubstanciadas em áridas flores do orvalho.

As formas retas,
superiores soberbas
sobranceiras no céu da austeridade
sobrancelhas sobrevoantes aos olhos de Deus,
cerraram-se em excelso equilíbrio
e, para se embeberem do óbito ressoante,
desceram ao jardim impuro,
onde brincam as silhuetas risonhas dos gestos anelados,
isoladas na face rubra do horizonte.

Decretem a morte da Insânia,
que levou consigo a Vida

SAUL CABRAL
GOMES JÚNIOR

A MORTE DA DEUSA INSÂNIA

e, com ela, o embrião da alvorada imortal.
Ao crepúsculo da última gargalhada,
ecoou a caminhada longínqua dos sonhos futuros,
que, cabisbaixos,
vestiam asfixiantes máscaras burlescas.
Acompanhada pelos espectros dos desejos decapitados,
a sombra da Liberdade luzia ao longe,
simulando a altivez dos sobrecenhos que a miravam.
Um clarão insolente invade o círculo fúnebre
e nele persiste,
sem rastro de desalento
e sem refúgio que não as pupilas dilatadas
diante das quais a Lucidez, tresloucada,
ergue os braços
e, ante a Divina estupefação,
impetra o retorno da deusa infame.
Quando todos os incrédulos crerem na morte vitalícia,
quando todas as risadas indecentes resvalarem do imponente rosto sisudo,
a Insânia ressurgirá,
não mais coberta pela carne indigente que a vista vigia,
não mais como o espelho do paraíso submerso na alma confinada,
mas como o vulto incandescente que brotará
da inscrição atemporal:

A loucura salva.



SIDNEI OLIVIO

São José do Rio Preto - SP

O PÉGASO DE PICASSO

1.

enquanto cruzava campos em fuga
a morte armada em voo
(com asas metálicas e cauda de víbora)
vagava os sentidos horários
de uma cruz obscena

a vida era crua carne
no bico dos corvos
cálce de lágrimas diante do vesgo
que entrevi em seus olhos

(quando na ruína das horas
você prometeu o empíreo)
vai-se fazendo esquecido
depois que a sombra se deita
e cobre de luto o futuro

2.

entre gritos de horror
e atmosfera cubista
subo no dorso do cavalo
que fugiu da guernica
a pastar com língua de lança
o purgatório do mundo

a vida
grito selvagem
que se tornou visceral
ainda me acorda de manhã



SIGRIDI BORGES
São Paulo - SP

ACORDADO

O balançar do pêndulo do relógio leva a um sono sem par,
a adormecer o espírito, leva a alma a sonhar.
Sono? Ou sonho?
De olhos abertos, acordado,
perdido no balanço contínuo do pêndulo.
O cuco soou, o tempo marcou.
Balanço ritmado, no mesmo compasso,
perdido no tempo, sozinho no espaço.

Vai, vem, vai, vem. O tempo a passar.
Asas! Sonho em ter asas. Ah! Se eu tivesse asas!
Planaria rumo ao mar,
num instante espreitaria tamanho encanto me deleitar.
Em meio às nuvens me embrenharia, inalaria fundo,
iria além, transporia montanhas, daria um rasante,
levantaria voo, descobriria emoções,
iria bem distante, adentraria num banzeiro,
depois galgaria mui ágil, bem ligeiro.

Iria tão alto, bem mais alto,
onde os olhos jamais puderam contemplar.
O infinito! Sonhar com o infinito!
Ah! Se eu tivesse asas!
Prefiro sonhar. Minh'alma tem pressa.

Autora de 'Algarismos em Sonetos' e 'O Sonho da Girafa Zeni'.
Participa de antologias, coletâneas e revistas literárias no Brasil, Argentina e Portugal. Diagramadora e produtora da Revista SerEsta.



TERESA BARRANHA

Aguiar da Beira - PT

AQUELA MULHER!

Aquela Mulher carregava às costas um grande novelo de lã, desde que percebeu que era Mulher.

À medida que o tempo passava e o caminho lhe fugia, ia tecendo um longo tapete que se agarrava ao chão.

Sempre caminhou descalça para sentir o coração do Mundo e essa era a razão da existência desse caminho de lã.

Por vezes, o coração gritava!

Nos dias calmos, apenas se ouviam os soluços. Mas até os soluços tiravam anos de vida Àquela Mulher.

E Ela tricotava, sem parar, como se no seu novelo estivesse o centro de gravidade.

Um dia, Aquela Mulher ouviu outro coração.

Era o eco do seu próprio coração.

Para o ouvir bem tinha de parar de tricotar o Caminho...

Os pés sangravam de tantos espinhos calcar.

O Mundo gritava com falta de atenção.

Mas, Aquela Mulher, apenas queria silêncio para ouvir o eco do seu coração.

Um dia, em que o Mundo tempestava, como forma de desagrado, do seu coração saltou outro coração. E a tempestade passou a ser melodia como se todas as trompas alpinas tocassem ao mesmo tempo.

E sim, o próprio tempo parou para escutar.

Aquela Mulher passou a tricotar dias, atrás de dias, para que aquele coração que saíra do seu coração pudesse viver.

Os espinhos... ela calcava para ele passar.

Já não havia um Caminho de lã, mas havia uma Estrada sem fim a quem Aquela Mulher chamou Filho e o Mundo batizou de Futuro.



THEREZA CRISTINA

ELA E O POETA

Me chamo Thereza Cristina. Uma mulher de letras e palavras que começou a escrever motivada pelas dores provocadas pela pandemia e para acalantar a alma e o coração, saudosos de tudo e de todos.

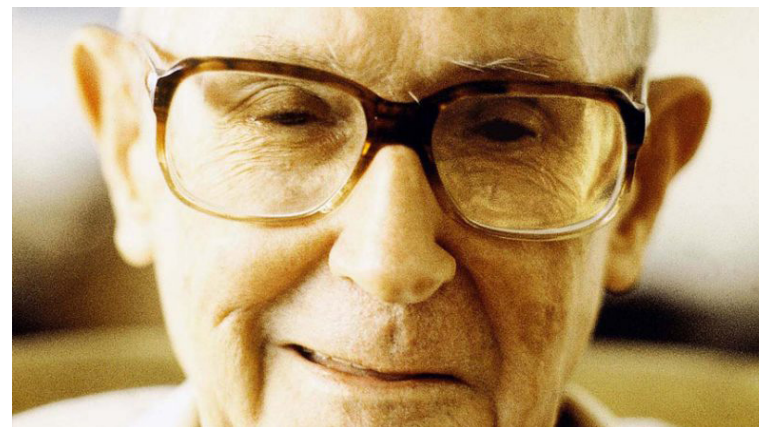
Ela atribuía sua proximidade e seu bem querer por ele às suas raízes mineiras ou talvez, quem sabe, pelo hábito de lê-lo todas as semanas em um periódico importante da cidade onde morava. Mas o que ela sabia mesmo era da sua vontade de um dia encontrá-lo por acaso, na Confeitaria Colombo, cabisbaixo, vestido no seu melhor “jeitim” Itabira de ser, ou mergulhado em uma de suas criações e alheio a tudo e a todos.

De bem querê-lo passou a admirá-lo. Carlos foi o moço distante em sua adolescência, mas se fez presente em sua maturidade. Lia

tudo que dele lhe caía nas mãos. Colecionava seus livros. Estudava seus versos. Lia e relia suas crônicas. Refletia demoradamente sobre o motivo de um anjo mandá-lo ser guache na vida. Ficou curiosa para saber o que ele havia feito com a pedra em seu caminho e por quê o elevador lhe lembrava a fazenda e vice-versa.

O transcorrer dos anos só lhe trouxe a certeza de que era dele, e somente dele, seu frustrado coração de poetisa. Apesar

de tentada pelos novos poetas que foi descobrindo ao longo da vida, manteve-se fiel a ele, mas não leal. Os novos poetas, poucos é preciso que se diga, também foram acomodados em sua estante, mas sem pompa, circunstância ou prateleira especial. Esse privilégio sempre foi de Carlos. Um dia foi a Itabira. Sabia que não o encontraria por lá, mas ela precisava conhecer a cidade de aço, do aço que entrou pelas narinas e se alojou no coração do



poeta com tanta força e permanência. Olhou para o céu e viu a boca de luar. Sorriam uma para a outra, velhas conhecidas que eram.

Tirou pedras de seu caminho. A cada José que conhecia pensava: e agora José? Para onde? Há tantos caminhos em Itabira! Gostou do que viu e entendeu o motivo de Carlos pensar tanto na fazenda quando estava no elevador, e vice-versa.

Um dia encontrou-se com Carlos. De repente lá estava ele sentado à beira-mar em Copacabana. Aproximou-se timidamente, sem querer incomodar, e sentou-se na ponta do banco. Teve uma imensa

THEREZA CRISTINA

ELA E O POETA

vontade de abraçá-lo, mas a coragem faltou-lhe. Olhando de soslaio admirou sua silhueta fina, seu olhar sombrio e toldado pela tristeza. Sabia de sua perda e da grande dor que carregava pela vida desde então. Uma dor tão pesada e escura quanto o aço de Itabira. Uma dor que de assalto tomou seu espírito e desacelerou seu coração até a morte. Chorou solidária. Tentou em vão formular uma frase, um verso qualquer que lhe pudesse transmitir sua solidariedade e sua emoção. Não encontrando nada o que dizer, ficou-se silente.

Passaram horas assim. Nem ela falava, nem ele a ouvia. Vez ou outra ela buscava timidamente o olhar daquele homem curvado, careca, de óculos na ponta do nariz que observava, e somente observava. Estaria ele pensando em uma nova rima? Cabeça de poeta é universo que amantes e amadores da poesia não passeiam. Estava satisfeita com o encontro, mas inconformada com o silêncio. Então, criou coragem, levantou-se, chegou-se ao ouvido de Carlos, sussurrou o que lhe veio ao coração e se foi sem olhar para trás.

Sentada ao lado do poeta ela descobriu que ele não era feito de aço como queria que todos acreditassem. Ao contrário, Carlos tinha a doçura da alma sensível do artista. Era rígido consigo mesmo, perfeccionista. Havia amado uma única vez e

se fechado para o resto. Era tímido, era mineiro. Tornou-se carrancudo à medida que seu coração parava de bater. Sofria silenciosamente a perda de sua filha. Morreu Julieta, morreu sua vida, morreu o poeta.

Já em casa, Julieta, sim ela tinha o nome da filha de Carlos, pensou na fragilidade da figura de Carlos e se entristeceu por não ter conseguido dizer a ele como seus poemas tocaram seu coração um dia. Talvez suas palavras o tocassem, mesmo que de leve, tirando-o do torpor e arrancando um sorriso.

Julieta não havia encontrado o gênio inatingível, o senhor das letras, das palavras e das ideias que a embalsamaram no passado, mas sim um homem, simples, idoso, cansado da vida, curvado pelo peso dos anos e pela perda que o acometeu. Um homem das Minas Gerais como qualquer outro mineiro.

Ao enxergar o homem no poeta, uma compaixão imensa tomou conta do seu coração. Carlos morreu de tristeza, morreu de amor, do amor que faz nascer um poema, o mesmo amor faz viver e morrer o poeta. Poetas são homens, homens que fazem poesia. Assim como Pessoa, Drummond era um fingidor. Fingia ser feito de aço, do aço de Itabira, quando, na verdade, Drummond era um tímido, tão tímido que não lhe dirigiu o olhar uma única vez.

VALÉRIA PISAURO
Campinas – SP

MEU VERBO

Minha palavra se iguala
Ao quase e nunca tarda
Desconheço meus passos
Ao silêncio que me rodeia
No quarto que espelha
Despovoado espaço.

Não entendo de pássaros
Minha vida tem asas mágicas
Rio flutuante que se rompe
Ao juntar meus pedaços
Rimo os versos do meu estado.
Espero o agora enquanto me adio

O que padeço não escondo, sinto,
Sou tantos, divido-me em quantos,
Às vezes acostumo; outras, transbordo.

Dispo o vazio do caminho,
Amanheço no desconhecido
Solitário sorriso do vento
Porta aberta para o infinito
Carne viva da memória
Meu adeus é muito tempo.

Valéria Pisauro,
natural de Cam-
pinas-SP, exerce
intensa atividade
na arte poética. Suas poesias
primam pela pluralidade de
recursos e traduzem a força
e a leveza de um trabalho
inovador.

VICTOR AZULAY
São Luís - MA

ESCAFANDRO

Nesta prisão
Nesta tortura
Cárcere da dor
E da loucura

Meu próprio corpo
Apresenta as amarras desse sofrimento
As algemas que tanto me fazem mal
O motivo de tamanho tormento

Quero poder viver sem precisar ouvir
As borboletas tilintando
Quero me libertar
Do vidro do meu escafandro

Quero poder voltar a viver
Livrar-me dos grilhões dessa agonia
Dessa doença que outrora me assolou
E novamente sentir a força da antiga alegria

Quero poder voltar a enxergar as cores dessa vida
E as alegrias que um dia senti
Quero poder alcançar a liberdade que um dia experimentei
Que hoje tenho orgulho em dizer que vivi

Victor Azulay Leite, nascido em 22 de abril de 1992, na cidade de São Luís, Brasil. Aos 17 anos fora acometido de um AVC Hemorrágico, que lhe tomou todos os movimentos.

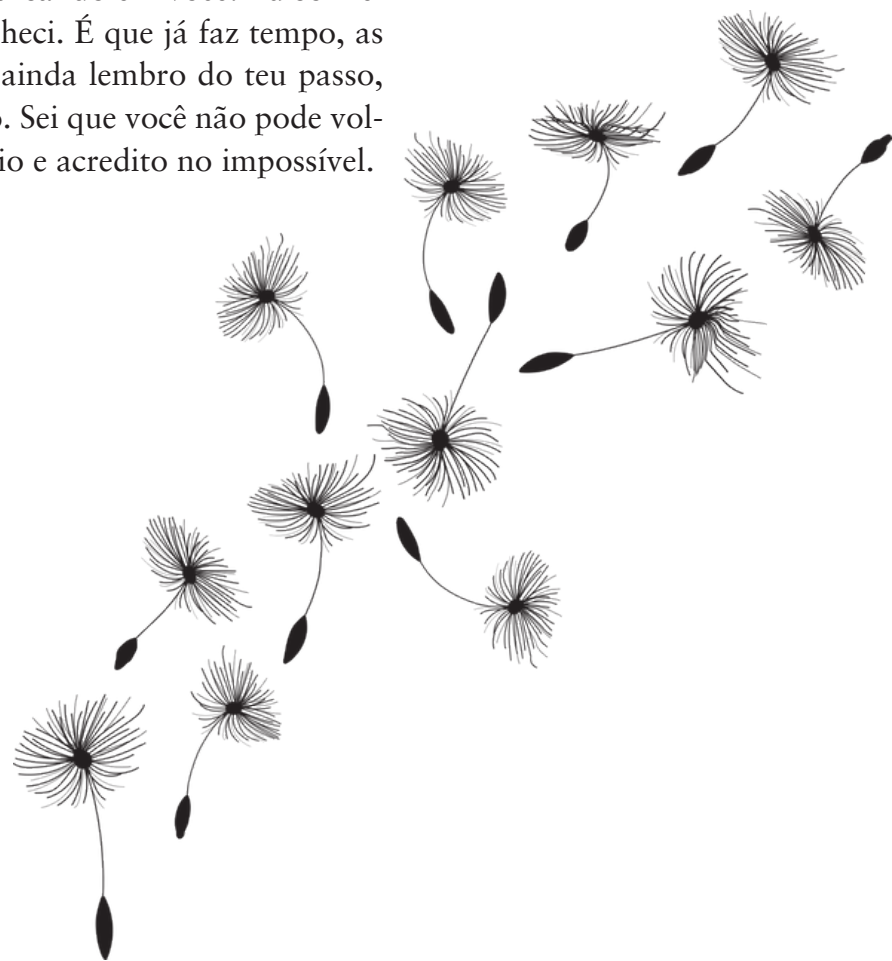


VITÓRIA COSTA
Anajatuba-MA

VOCÊ AINDA VOLTA?

Eu passei na faculdade, eu pintei o meu cabelo, também cortei ele muito curto, eu tirei o aparelho dos dentes, eu li muitos outros livros, eu me mudei de cidade, eu tenho incontáveis novas histórias, eu enxerguei a maldade da vida, e quis seu colo. Eu senti saudades, e chorei pensando em você. Eu sonhei contigo, e quase não te reconheci. É que já faz tempo, as memórias embaçam, mas eu ainda lembro do teu passo, do teu cheiro e do teu carinho. Sei que você não pode voltar, mas às vezes eu me distraio e acredito no impossível.

Graduanda do curso de Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Maranhão, já participou de diversas antologias, e acredita no poder da leitura para mudar vidas.



WALDEMAR NICOLAU

Jaú - SP

RECORDAÇÕES DE UMA PAREDE

Waldemar Nicolau nasceu em Jaú (SP) em 19/11/1933. Formou-se dentista pela UNESP. É casado há 57 anos com Maria Luiza. É pai de 3 filhos e avô querido de 7 netas, e apaixonado pela arte desde jovem.

Costuma-se dizer que as paredes têm ouvidos. Isto significa que as pessoas devem ser discretas, e mesmo não havendo ninguém ao seu redor, devem tomar certos cuidados. Elas – as Paredes – ouvem, mas não falam, e nisso parece haver uma espécie de contradição para tanta reserva, pois qualquer assunto confidencial não poderia ser revelado e aí haveria uma salvaguarda de possíveis segredos.

Sucede que eu sou uma parede, situada numa mansão luxuosa, pertencente a uma tradicional família paulistana, em prédio construído no auge da cultura do café, no início do século XX. Estou localizada na sala de visitas da propriedade, local de tantas festas e reuniões oferecidas pela quatrocentona família Barreto Camargo. Quantos acontecimentos não testemunhei aqui!

Lembro-me bem de uma festa maravilhosa que comemorava o oitavo aniversário de Cristina, a netinha da família. Muita música ao vivo, salgados e doces em profusão. Lá estava a aniversariante, comendo bolo, enquanto observava no corredor ao lado um beija-flor que sugava um refrigerante pendurado em um frasco.

A avó, comovida, “alertava” a netinha:

- Cuidado, Tininha, o beija-flor pode confundir você com uma flor e dar-lhe uma bicada! - Ah, aquela época em que a ternura não parecia tanto piegas quanto ridícula como é encarada hoje. Mas fui testemunha também de amores clandestinos, alguns fugidios, sem maiores consequências, e outros trágicos, como o de Roberto, chefe do clã, com uma sedutora dama da sociedade paulistana, Marisa de Tal. Estava Roberto já entrando na idade madura, quando lhe prateavam os cabelos e as primeiras rugas sulcavam-lhe o rosto bronzeado. Sentados no sofá ou encostados em mim, trocavam muitas carícias.

- Como você demorou. Achei que você não viria mais, por causa da nossa última briga.

- Precisei de uma boa desculpa para sair de casa, meu marido anda desconfiado de nós dois. - respondeu a ofegante Marisa.

Mas, chegando de surpresa uma noite, o marido traído de Marisa “lavou sua honra”, conforme fora justificado o ato pelo pensamento retrógrado da época, assassinando covardemente os dois apaixonados amantes. Vários tiros, duas pessoas mortas, estendidas no chão, e poças de sangue pelo chão e respingos na minha parede. Nos dias seguintes fui lavada várias vezes, mas até hoje ainda sinto aquele odor horrível de sangue.

Esse fato constrangedor e trágico, associado à crise econômica de 1929, levou a família à ruína financeira e moral. Logo em seguida, o governo paulista comprou a mansão, lá instalando a Secretaria de Segurança Pública.

Esta parede onde me situo dava para um corredor, que através de uma escada, levava ao sótão da residência.

Eram os anos setenta. Ouvi muitos gritos – “So-corro, eu não sei onde eles estão escondidos”. Berros e gemidos cortavam as madrugadas dos presos políticos torturados impiedosamente nos porões da Revolução de 31 de março de 1964. Mas, após alguns anos, o governo paulista vendeu o prédio para uma poderosa construtora, que decidiu derrubar o edifício e construir um imponente hotel. Tudo vai indo para o chão. O barulho das máquinas derrubando paredes, telhados, janelas, tudo enfim, é ensurdecedor. Já estão chegando à sala onde estou e na qual recordei tantos acontecimentos, além dos já citados.

É o fim do meu “habitat”.

As paredes têm ouvidos, mas não falam.

Mas as paredes escrevem.